







# PLANO BÁSICO AMBIENTAL

## UHE TELES PIRES

### P.45 – Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento

#### Relatório Semestral de Operação 03 Janeiro a Junho de 2016

EQUIPE TÉCNICA RESPONSÁVEL PELO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DO PROGRAMA			
INTEGRANTES	CONSELHO DE CLASSE	CTF IBAMA	ASSINATURA
Ayslaner Gallo – Eng <sup>o</sup> Florestal	CREA 120016059-2	2041560	
James M. Bilce – Biólogo	CRBio1 82515/01-D	629394	
Sara Simões – Bióloga	CRBio1 097325/01-D	5741983	
Rosalvo D. Rosa – Biólogo	CRBio1 47035/01-D	629394	
Reginaldo Carvalho – Biólogo	CRBio1 86208/01-D	4040230	
Cláudia Soares – Eng <sup>o</sup> Florestal	-	6437426	

Julho de 2016

## Índice

Índice de Figuras.....	4
1 Apresentação.....	10
1.1 Introdução.....	10
1.2 Justificativa.....	11
1.3 Objetivo.....	11
1.3.1 Objetivo geral.....	11
1.3.2 Objetivos específicos.....	12
2 Metodologia.....	12
2.1 Etnomapeamento.....	12
2.2 Ações e atividades.....	13
3 Resultados.....	14
3.1 Etnia Kayabi.....	16
3.1.1 Primeira Oficina de Etnomapeamento – Mapas Temáticos das Áreas de Uso e Recursos Naturais e Planejamento de Expedição de Reconhecimento da Terra Indígena Kayabi.....	16
3.1.2 Expedição Cururu-Açu e Afluentes.....	36
3.2 Etnia Apiaká.....	44
3.2.1 Primeira Oficina Participativa de apresentação do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento – PIFE.....	44
3.2.2 Primeira Oficina de Etnomapeamento – Mapas Temáticos das Áreas de Uso e Recursos Naturais.....	45
3.2.3 Reconhecimento das lagoas de meandro.....	70

---

3.3	Etnia Munduruku.....	72
3.3.1	Primeira Oficina Participativa de apresentação do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento – PIFE.....	72
3.3.2	Segunda Reunião de Apresentação do Plano de Trabalho e equipe executora.....	73
3.4	Atividades adicionais.....	74
4	Demonstração de conformidades.....	74
5	Considerações finais.....	78
6	Próximas atividades.....	78
7	Referência bibliográfica.....	79
8	Anexos.....	80
8.1	Ata da Primeira Oficina de Etnomapeamento – Etnia Kayabi e lista de presença.....	80
8.2	Mapa da Expedição Cururu-Açu e Afluentes.....	106
8.3	Etnomapas – etnia Kayabi.....	89
8.4	Ata da Primeira Oficina Participativa de apresentação do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento – PIFE, etnia Apiaká e lista de presença..	106
8.5	Ata da Primeira Oficina de Etnomapeamento – Etnia Apiaká e lista de presença.....	113
8.6	Etnomapas – etnia Apiaká.....	119
8.7	Ata da Primeira Oficina Participativa de apresentação do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento – PIPFNM, etnia Munduruku.....	140
8.8	Ata da Segunda Reunião de Apresentação dos Planos de Trabalhos e equipe executora – etnia Munduruku.....	142
8.9	Registro fotográfico.....	146

---

---

## Índice de Figuras.

Figura 1. Mapa base com imagem de satélite - etnia Kayabi.....	16
Figura 2. Mapa base para marcação das zonas temáticas - etnia Kayabi. ....	17
Figura 3. Zonas pontuadas de roças e áreas de recuperação (capoeiras). ....	20
Figura 4. Zonas pontuadas de produção de bananas.....	21
Figura 5. Zonas pontuadas de produção de mamões. ....	22
Figura 6. Zonas pontuadas de produção de pimentas nativas.....	23
Figura 7. Zonas pontuadas de incidência e extração de fibras de arumã ( <i>Ischnosiphon</i> <i>spp.</i> ). ....	24
Figura 8. Polígonos de áreas de exploração de castanha-do-brasil ( <i>Bertholletia excelsa</i> Humb. & Bonpl.). ....	25
Figura 9. Zona pontuada de exploração de seiva orgânica de copaíba ( <i>Copaifera spp.</i> ). .....	26
Figura 10. Zona pontuada de exploração de sementes de cumaru ( <i>Dipteryx odorata</i> (Aublet) Willd.). ....	27
Figura 11. Zonas pontuadas de extração de palhas e frutos de inajá ( <i>Maximiliana</i> <i>maripa</i> (Aubl.) Drude).....	28
Figura 12. Polígono de área de extração de palhas e frutos do babaçu ( <i>Orbignya</i> <i>phalerata</i> Mart.). ....	29
Figura 13. Zonas pontuadas de extração do fruto do patauzeiro ( <i>Oenocarpus bataua</i> Mart.).....	30
Figura 14. Zona pontuada de extração do fruto e madeira da siriva, ou pupunha-brava ( <i>Bactris dahlgreniana</i> Glassman).....	31
Figura 15. Zona pontuada de extração de frutos e madeira de tucum ( <i>Bactris setosa</i> Mart.).....	32
Figura 16. Zonas pontuadas dos principais locais de importância cultural. ....	33

---

Figura 17. Zonas pontuadas e polígono dos locais caça e extração de ovos de quelônios. ....	34
Figura 18. Zonas pontuadas dos locais de pesca e principais corpos d'água. ....	35
Figura 19. Zonas pontuadas dos locais assentados e polígonos de áreas de conflitos..	36
Figura 20. Desempenho das atividades da Expedição Cururu-Açu e Afluentes, etnia Kayabi. ....	38
Figura 21. Tempo dispensado nas atividades da Expedição Cururu-Açu e Afluentes, etnia Kayabi. ....	38
Figura 22. Mapa base da Expedição Cururu-Açu e Afluentes. ....	39
Figura 23. Mapa base com imagem de satélite – etnia Apiaká.....	45
Figura 24. Mapa base para marcação das zonas temáticas – etnia Apiaká. ....	46
Figura 25. Zonas pontuadas das áreas de roças e de recuperação.....	49
Figura 26. Polígono e zona pontuada sobre extração do fruto do açazeiro ( <i>Euterpe precatoria</i> Mart.). ....	50
Figura 27. Polígono e zonas pontuadas sobre a extração do fruto do buriti ( <i>Mauritia flexuosa</i> L. F.). ....	51
Figura 28. Polígono e zonas pontuadas sobre extração do fruto do patauzeiro ( <i>Oenocarpus bataua</i> Mart.). ....	52
Figura 29. Zonas pontuadas de extração de madeira cariúba ( <i>Chrysophyllum</i> spp.). ...	53
Figura 30. Polígono e zonas pontuadas sobre extração de amêndoas da castanheira ( <i>Bertholletia excelsa</i> Humb. & Bonpl.). ....	54
Figura 31. Zonas pontuadas de extração de seiva orgânica de copaíba ( <i>Copaifera</i> spp.). ....	55
Figura 32. Zonas pontuadas de extração de madeira itaúba-abacate ( <i>Mezilaurus itauba</i> (Meisn.) Taub. ex Mez.). ....	56
Figura 33. Zonas pontuadas de extração de madeiras ipê (Em verde ocre. <i>Tabebuia</i> spp.) e siriva (Em verde amazonas. <i>Bactris dahlgreniana</i> Glassman). ....	57
Figura 34. Zona pontuada de extração de madeiras roliças. ....	58

---

---

---

Figura 35. Zonas pontuadas de extração de palhas de babaçu ( <i>Orbignya phalerata</i> Mart.) e inajá ( <i>Maximiliana maripa</i> (Aubl.) Drude). .....	59
Figura 36. Zonas pontuadas de extração de fibra de arumã ( <i>Ischnosiphon</i> spp.).....	60
Figura 37. Zonas pontuadas de extração de fibras de cipó-ambé ( <i>Philodendron</i> spp.).	61
Figura 38. Zonas pontuadas de extração de fibras de cipó-jacitara ( <i>Desmoncus</i> spp.).	62
Figura 39. Zonas pontuadas de extração de fibras de cipó-pé-de-galinha (espécie não identificada).....	63
Figura 40. Zonas pontuadas de extração de fibras de cipó-titica ( <i>Heteropsis</i> spp.). ....	64
Figura 41. Zona pontuada de extração de planta não identificada de efeito antiálgico para alívio de dores de dente.....	65
Figura 42. Zonas pontuadas de áreas de interesse cultural e assentamentos. ....	66
Figura 43. Zonas pontuadas, polígonos e principais espécies de animais de caça explorados. ....	67
Figura 44. Zonas pontuadas e polígonos das áreas de pesca.....	68
Figura 45. Zonas pontuadas de proteção integral e de conflitos.....	69
Figura 46. Localização da lagoa do Tambaqui em relação a aldeia Mayrowi (Fonte: Google Earth).....	71
Figura 47. Localização de entrada de lagoas em relação a aldeia Mayrowi (Fonte: Google Earth).....	71
Figura 48. Localização das lagoas de uso da comunidade da aldeia Mayrowi (Fonte: Google Earth).....	72
Figura 49. Apresentação da equipe.....	146
Figura 50. Apresentação dos planos de trabalho.....	146
Figura 51. Participantes kayabi na Primeira Oficina Participante. ....	146
Figura 52. Diálogo com os participantes. ....	146
Figura 53. Aldeia Kururuzinho. ....	146
Figura 54. Tecelagem kayabi. ....	146

---

---

---

Figura 55. Início da Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Kayabi. .....	147
Figura 56. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Kayabi.....	147
Figura 57. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Kayabi.....	147
Figura 58. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Kayabi.....	147
Figura 59. Marcação das zonas temáticas.....	147
Figura 60. Marcação das zonas temáticas.....	147
Figura 61. Consulta à imagem de satélite. ....	148
Figura 62. Público reunido.....	148
Figura 63. Apontamentos de zonas temáticas. ....	148
Figura 64. Apontamentos de zonas temáticas. ....	148
Figura 65. Mapa base para marcação das zonas temáticas. ....	148
Figura 66. Consulta à imagem de satélite. ....	148
Figura 67. Marcação das zonas temáticas.....	149
Figura 68. Diálogo entre os participantes. ....	149
Figura 69. Marcação das zonas temáticas.....	149
Figura 70. Marcação das zonas temáticas.....	149
Figura 71. Atividade em grupo. ....	149
Figura 72. Ilustração kayabi.....	149
Figura 73. Ilustração kayabi.....	150
Figura 74. Exposição de desenhos.....	150
Figura 75. Entrega do livro "Os Kaiabi do Brasil Central".....	150
Figura 76. Livro "Os Kaiabi do Brasil Central - história e etnografia".....	150
Figura 77. Dinâmica de grupo.....	150
Figura 78. Desenho.....	150
Figura 79. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Apiaká.....	151
Figura 80. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Apiaká.....	151
Figura 81. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Apiaká.....	151

---

---

---

Figura 82. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Apiaká.....	151
Figura 83. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Apiaká.....	151
Figura 84. Mapa base para marcações das zonas temáticas. ....	151
Figura 85. Marcação das zonas temáticas.....	152
Figura 86. Marcação das zonas temáticas.....	152
Figura 87. Consulta à imagem de satélite. ....	152
Figura 88. Mapa base para marcações das zonas temáticas. ....	152
Figura 89. Público participante.....	152
Figura 90. Marcação das zonas temáticas.....	152
Figura 91. Atividade em grupo. ....	153
Figura 92. Atividade de desenho.....	153
Figura 93. Atividade de desenho.....	153
Figura 94. Ilustração apiaká.....	153
Figura 95. Ilustração apiaká.....	153
Figura 96. Dinâmica de grupo.....	153
Figura 97. Entrega do livro “Viajem ao Tapajós”.....	154
Figura 98. Entrega do livro “Viajem ao Tapajós”.....	154
Figura 99. Recursos de caça – etnia Apiaká.....	154
Figura 100. Quati ( <i>Nasua nasua</i> ).....	154
Figura 101. Recurso de caça do território apiaká.....	154
Figura 102. Vara de queixadas ( <i>Tayassu pecari</i> ). ....	154
Figura 103. Prévia da expedição.....	155
Figura 104. Planejamento da operação.....	155
Figura 105. Travessia da corredeira Varanda.....	155
Figura 106. Corredeira Varanda, rio Cururu.....	155
Figura 107. Formação savânica Campinarana.....	155
Figura 108. Vegetação de Campinarana.....	155
Figura 109. Salto dos Kayabi.....	156

---

---



---

Figura 110. Salto dos Kayabi, rio Cururu-Mirim. ....	156
Figura 111. Cacharas ( <i>Pseudoplatystoma punctifer</i> ).....	156
Figura 112. Cacharas, rio Cururu-Açu.....	156
Figura 113. Margem da lagoa Ypiowý'i. ....	156
Figura 114. Vazante da lagoa Ypiowý'i, rio Cururu-Açu. ....	156
Figura 115. Imagem de satélite. Rio Cururu-Açu e lagoa Ypiowý'i (Fonte: Google Earth). .....	157
Figura 116. Imagem de satélite. Lagoa Ypiowý'i (Fonte: Google Earth). ....	157
Figura 117. Imagem de satélite. Localização da pista e lagoa do Sapé (Fonte: Google Earth). ....	157
Figura 118. Imagem de satélite. Lagoa do Sapé (Fonte: Google Earth). ....	157
Figura 119. Presença não autorizada no território. ....	157
Figura 120. Vestígio de atividade não autorizada. ....	157
Figura 121. Indício de atividade ilegal na TI. Cartucho deflagrado de arma de fogo. .	157
Figura 122. Indício de atividade ilegal na TI. Cápsula deflagrada de arma de fogo.....	157
Figura 123. Lagoa do Sapé.....	158
Figura 124. Repassando as informações de campo. ....	158
Figura 125. Flor da Campinarana. ....	158
Figura 126. Espécie da Campinarana.....	158
Figura 127. Percurso terrestre.....	158
Figura 128. Retorno da expedição. Repassando informações na aldeia Kururuzinho.	158
Figura 129. Porto da aldeia Mayrowi. ....	159
Figura 130. Lagoa do Tambaqui. ....	159
Figura 131. Lagoa do Tiju.....	159
Figura 132. Lagoa Piquiarana. ....	159
Figura 133. Igarapé da Taboca. ....	159
Figura 134. Lagoa do Tambaqui. ....	159

---

---

## **1 Apresentação.**

Este documento constitui o primeiro Relatório Semestral de execução do Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento.

O Programa de Etnozoneamento faz parte do Plano Básico Ambiental - PBA do Componente Indígena para o processo de licenciamento ambiental da Usina Hidrelétrica Teles Pires – UHE Teles Pires.

Este Programa foi elaborado com base nos Estudos Complementares do Componente Indígena (JGP 2011) e nos seguintes documentos:

- Ofício nº 521/2010/PRES-FUNAI-MJ de 10 de dezembro de 2010;
- Ofício nº 785/2011/DPDS-FUNAI-MJ;
- Informação Técnica nº 470/COLIC/CGGAM/11;
- Informação nº 47/COLIC/CGGAM/12;
- Informação nº 38/COLIC/CGGAM/12;
- Ofício nº 866/2013/DPDS/FUNAI-MJ;

### **1.1 Introdução.**

O etnozoneamento é um instrumento participativo de diagnóstico, zoneamento e planejamento para a gestão de territórios indígenas e constitui na identificação de produtos e/ou elementos de interesse político, econômico, social, cultural, natural dos territórios em análise. Especificamente sobre este Programa a ser implantado entre os Apiaká, Kayabi e Munduruku, o Programa é composto por uma etapa de diagnóstico, na qual a população indígena identifica estes elementos e os inclui em um mapa, produzido através da realização de uma oficina de etnomapeamento. Este mapa poderá contemplar a subdivisão da TI em subáreas ambientais, informando as atividades compatíveis ou mais propícias para serem realizadas em diferentes setores das unidades.

As informações do etnomapeamento serão baseadas no inventário florestal dirigido, através de um diagnóstico participativo, realizado por meio de uma oficina envolvendo toda a comunidade indígena. Essa oficina deverá ser iniciada com a validação pela comunidade dos resultados do diagnóstico, e será seguida de uma oficina para a definição de diferentes zonas ou formas de manejo dentro da área estudada.

A função do zoneamento é usar as informações obtidas no diagnóstico para elaborar zonas ou setores de manejo. As zonas são utilizadas para a criação e aplicação de normas que priorizam as atividades de uso do território e de seus recursos.

Exemplos de zonas podem estar relacionados à caça, extração, coleta de ovos de tracajá, área de reprodução de tracajá, área para roças, para criação de novas aldeias, etc. Como implica em regulamentação de certos usos e interferência efetiva em certas áreas, a definição das zonas pela própria comunidade é imprescindível

## **1.2 Justificativa.**

Atualmente, a gestão das Terras Indígenas trabalhadas segue de forma espontânea, com lideranças e servidores atuando nas demandas existentes. Entretanto, a definição destas zonas subsidiarão o planejamento do território e seu uso pela comunidade indígena, favorecendo a gestão futura dos recursos e da perpetuação das mencionadas etnias em suas terras tradicionais.

## **1.3 Objetivo.**

### **1.3.1 Objetivo geral.**

O objetivo geral deste Programa é delimitar zonas e formas de uso da área próximas das aldeias das TIs Kayabi, Apiaká e Munduruku localizadas no baixo rio Teles

---

Pires, visando o desenvolvimento sustentado de base cultural e econômica das unidades.

### **1.3.2 Objetivos específicos.**

Como objetivos específicos, este Programa apresenta:

- Mapear os recursos naturais das áreas utilizadas pelos Apiaká, Kayabi e Munduruku localizadas na bacia do baixo rio Teles Pires, fazendo uso de imagens de satélite, através de um macro zoneamento que, contando com a participação efetiva das populações indígenas, fornecerá subsídios para a elaboração dos planos de gestão territorial indígena, constituindo um passo relevante para a obtenção desta importante ferramenta para a gestão das TIs, e;
- Promover, de modo participativo, o etnozoneamento das áreas abrangidas, definindo os limites destas zonas ou setores e seus usos prioritários de acordo com os projetos de futuro das comunidades indígenas.

## **2 Metodologia.**

### **2.1 Etnomapeamento.**

O etnomapeamento é um mapeamento participativo, onde as comunidades indígenas sobrepõem suas informações a uma base cartográfica georreferenciada (TNC 2006). Desta forma a obtenção de uma base cartográfica apropriada torna se fundamental neste processo.

As etapas do etnomapeamento executadas neste trabalho foram as seguintes: elaboração da rede hidrográfica em escala 1:850.000, produção de mapas base, oficinas de etnomapeamento, digitalização das informações produzidas nas oficinas e produção dos mapas temáticos preliminares.

Nestas oficinas ocorreram os mapeamentos participativos, onde as comunidades indígenas Kayabi e Apiaká fizeram a sobreposição de suas informações em uma base cartográfica georreferenciada. O processo foi iniciado com uma explanação pelo coordenador da equipe executora do Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento – PIFE sobre os objetivos e importância desta iniciativa para as comunidades indígenas.

Foram realizadas duas oficinas de etnomapeamento nos dias 24 e 27 de abril de 2016. Nestas oficinas foram utilizadas uma carta imagem (limites das TIs Kayabi e Apiaká – Pontal dos Isolados e grade de coordenadas geográficas) e mapa hidrográfico (rede hidrográfica 1:850.000, limites das TIs Kayabi e Apiaká – Pontal dos Isolados e grade de coordenadas geográficas). As comunidades Kayabi e Apiaká com o apoio da equipe executora do programa, produziram os seguintes mapas temáticos: Zonas de Produção, de Extração, de Recuperação, de Importância Cultural, de Caça, de Pesca, de Proteção Integral e de Assentamento.

O mapas produzidos nas oficinas de etnomapeamento foram digitalizados utilizando escaneador cartográfico e digitalização em tela no ambiente do programa de computador ESRI ArcGis® Desktop for Basic. Os arquivos matriciais gerados a partir do escaneamento dos mapas analógicos foram georreferenciados utilizando os pontos de controle da base cartográfica sobre o qual os mesmos foram desenhados.

Uma vez georreferenciados os arquivos matriciais, procedeu-se digitalização das feições que foram transformadas em arquivo vetoriais de pontos, linhas ou polígono, dependendo da natureza das mesmas, e associados a uma tabela de banco de dados.

## **2.2 Ações e atividades.**

Contando com a atuação participativa das comunidades indígenas, na articulação de seu conhecimento tradicional, ou etnoconhecimento, foi adotado, para

as frentes de trabalho citadas, duas abordagens principais: i) coletiva – através de reuniões e oficinas, envolvendo o maior número possível de interessados nas práticas de etnomapeamento e inventário florestal, e; ii) pontual – direcionada e individual, buscando o envolvimento daqueles que não se expressam nos momentos coletivos e que, com métodos mais direcionados, podem vir a colaborar com o conhecimento.

As atividades e resultados do inventário florestal dirigido e etnozoneamento possuem forte ligação e dependência. Tendo em vista que, em alguns momentos, os resultados de uma frente de trabalho orientarão as atividades da outra. Como exemplo claro temos o caso da estratificação amostral do inventário florestal que será orientada por oficinas participativas de etnomapeamento, onde serão identificados e mapeados os ambientes de maior relevância para as etnias trabalhadas.

Houve agregação de informações espaciais a todos os dados gerados. Assim, quando foi possível, fotos, vídeos, ocorrências biológicas e demais informações que podiam ser localizadas em mapas, tiveram suas coordenadas geográficas atribuídas, sendo georreferenciadas e, quando pode estas, empregadas a partir de novas técnicas e métodos inovadores de registros visuais e ferramentas que favoreceram e complementaram os resultados deste Programa.

### **3 Resultados.**

As informações que seguem apresentadas são resultados das visitas técnicas mensais e oficinas participativas realizadas nas etnias assessoradas.

Em relação as etnias Kayabi e Apiaká, é importante dar destaque no interesse e colaboração na elaboração dos mapas e participação das oficinas. Interessante também, a distinção dos grupos de colaboração, onde se observou a presença marcante das lideranças e pessoas mais velhas das aldeias, demonstrando pleno e convicto conhecimento de seus territórios. Aos jovens, couberam mais ouvir com atenção e profundo respeito à estes personagens de antigos saberes.

Para a etnia Munduruku, haverá ainda, avaliar quais as medidas cabíveis quanto à esse Programa, pois os mesmos não se sentiram confiantes e seguros em prosseguir com a execução do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento, sendo que houve uma segunda tentativa de negociação.

As atividades se fundamentaram nas apresentações do Plano de Trabalho para as comunidades; em primeiros contatos para estabelecimento de vínculos com os indígenas; reconhecimento em campo das áreas temáticas do inventário florestal e etnomapeamento inicial.

No período compreendido entre janeiro e junho de 2016, foram realizadas visitas técnicas mensais nas aldeias das etnias Kayabi e Apiaká. Nos meses de janeiro, abril, maio e junho foram realizadas visitas técnicas nas aldeias da etnia Munduruku.

As apresentações do Plano de Trabalho se deram em momentos distintos entre as etnias, ocorridos por sobreposições de agendas e outros compromissos dos envolvidos.

Foi utilizado um mapa base com imagem de satélite para consultas e mapas simples com detalhes de limites dos territórios, hidrografia e aldeias (Figuras 1 e 2).

O moderador iniciou a oficina explicando sobre os objetivos deste trabalho, sua importância para a comunidade como ferramenta de subsídio à planejamentos futuros dentro do território.

A partir do depoimento e apontamentos dos participantes, foi demarcado, em tintas coloridas, as áreas temáticas (Zonas de Produção, de Extração, de Recuperação, de Importância Cultural, de Caça, de Pesca, de Proteção Integral e de Assentamento).

Seguindo as recomendações do PBAI, no qual propõe que sejam feitas excursões à campo, juntamente com representantes das etnias envolvidas, sendo os Kayabi e Apiaká, cujo caráter dos trabalhos são voltados as áreas de interesse dos mesmos, estando de acordo com as zonas temáticas propostas no Plano de Trabalho, foram realizadas duas expedições em áreas remotas dos territórios de uso das etnias Kayabi e Apiaká, cuja finalidade foi o reconhecimento, monitoramento e mapeamento

destas áreas para futuros planejamentos de uso sustentado. Para a realização das mesmas, foi dividido duas equipes com frentes distintas de atuação.

### 3.1 Etnia Kayabi.

#### 3.1.1 Primeira Oficina de Etnomapeamento – Mapas Temáticos das Áreas de Uso e Recursos Naturais e Planejamento de Expedição de Reconhecimento da Terra Indígena Kayabi.

A oficina foi realizada no dia 24 de abril de 2016, na aldeia polo Kururuzinho, cujo objetivo principal foi sobrepor informações a uma base cartográfica georreferenciada, de modo a subsidiar a geração dos mapas temáticos (Anexo 8.1).

A seguir é apresentado os principais elementos apontados pela comunidade Kayabi junto ao etnomapeamento.



Figura 1. Mapa base com imagem de satélite - etnia Kayabi.



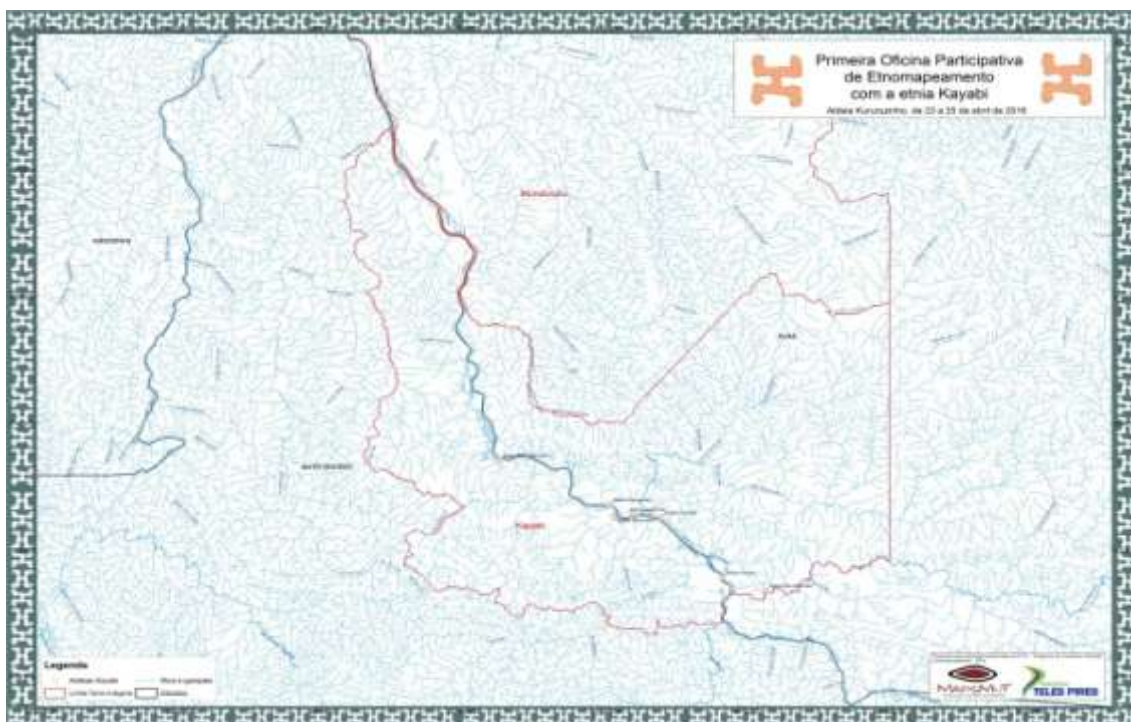


Figura 2. Mapa base para marcação das zonas temáticas - etnia Kayabi.

Como resultado preliminar, visto que as áreas temáticas estão em fase de análises e processamento, é aqui apresentado algumas áreas de relevância apontadas pelos participantes da oficina. Ressalta-se que estes dados serão plotados em mapas, para sua posterior validação junto à comunidade indígena Kayabi.

Em início de atividade, foi apontado os limites do território, sendo:

- Aldeia Minhocoçu;
- Balsa do Pioneiro;
- Estrada antiga;
- Fazenda Fortuna;
- Igarapé Jabuticaba;
- Igarapé Pioneiro;
- Igarapé Raia;
- Igarapé Trairão.

• Limites com o Campo de Provas Brigadeiro Veloso – CPBV, da Força Aérea Brasileira – FAB;

- Pousada São Benedito;
- Pousada Thaimaçu;
- Rio São Marcelo;
- Rio Trairão.

**Zonas de caça:**

- Morro da Cobra;
- Morro do Jabuti;
- Tabuleiros de tartarugas e tracajás.

**Zonas de extração:**

- Áreas de castanhais, arumã, tucum e pupunha brava;
- Pedras de afiar faca – Igarapé das Pedras.

**Zonas de Importância cultural:**

- Antiga estrada dos “Peruanos”;
- Cavernas no Morro do Jabuti;
- Indícios de fósseis da megafauna do Pleistoceno – Aldeia Dinossauro;
- Petróglifos – Cachoeira do Salú;

**Zonas de Pesca:**

- Cachoeira do Caititu;
- Corredeiras;

**Zonas de Recuperação:**

- Áreas de capoeiras (antigas roças).

**Zonas Proteção integral:**

• Não souberam responder em quais áreas seriam destinadas à proteção integral, entretanto, há de se observar que o território dos mesmos é pouco explorado, limitando-se às margens dos rios, lagoas e igarapés.

**Zonas de Assentamentos:**

- Para o momento, não aspiram nenhuma intenção de expansão de aldeamentos em seus território.

A partir da Oficina Participativa de Etnomapeamento realizada com a comunidade Kayabi, na aldeia Kururuzinho, foi possível determinar suas zonas tradicionalmente delimitadas e explorá-las em mapas temáticos.

Seguindo recomendação do PBAI, sobre a organização e setorização dos territórios de interesse, foi elaborado mapas temáticos representativos com apontamentos da comunidade sobre seus recursos, sendo apresentados de forma pontual e/ou em polígonos.

A seguir são apresentados os mapas com as indicações dos principais recursos utilizados pela etnia Kayabi.

- **Zonas de Produção e Recuperação.**

As zonas de produção estão inseridas próximas as aldeias, sendo estas suas áreas de roças. Parte destas áreas se confundem com outras em recuperação (capoeiras), pois se encontram bem próximas umas as outras.

Além dos roçados de mandiocas (*Manihot esculenta* Crantz.), os Kayabi se destacam na produção de variedades de bananas (*Musa x paradisiaca* L.), mamão (*Carica papaya* L.) e pimentas autóctones (*Capsicum* spp.).

A seguir, nas Figuras 3, 4, 5 e 6 são apresentadas os mapas com zonas pontuadas e/ou em polígonos sobre suas áreas de recuperação e produção (para melhor visualização dos mapas, ver Anexo 8.2).

Há de se observar que, apesar de a aldeia Lageirinha não estar inserida no PBAI, sua localização é apresentada nas figuras á seguir, pois, boa parte dos recursos utilizados pela etnia Kayabi se encontram localizados neste sítio.

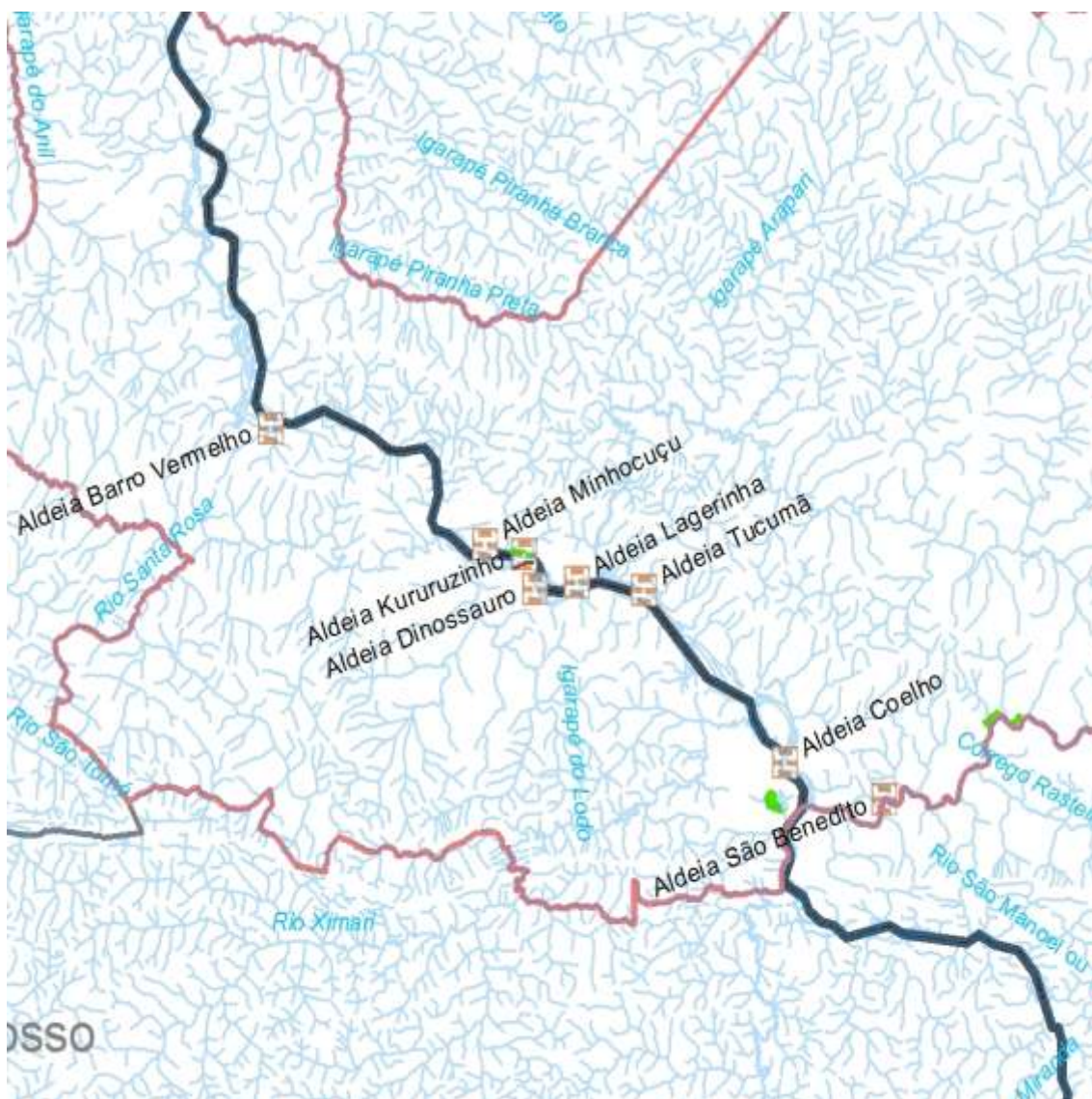


Figura 3. Zonas pontuadas de roças e áreas de recuperação (capoeiras).

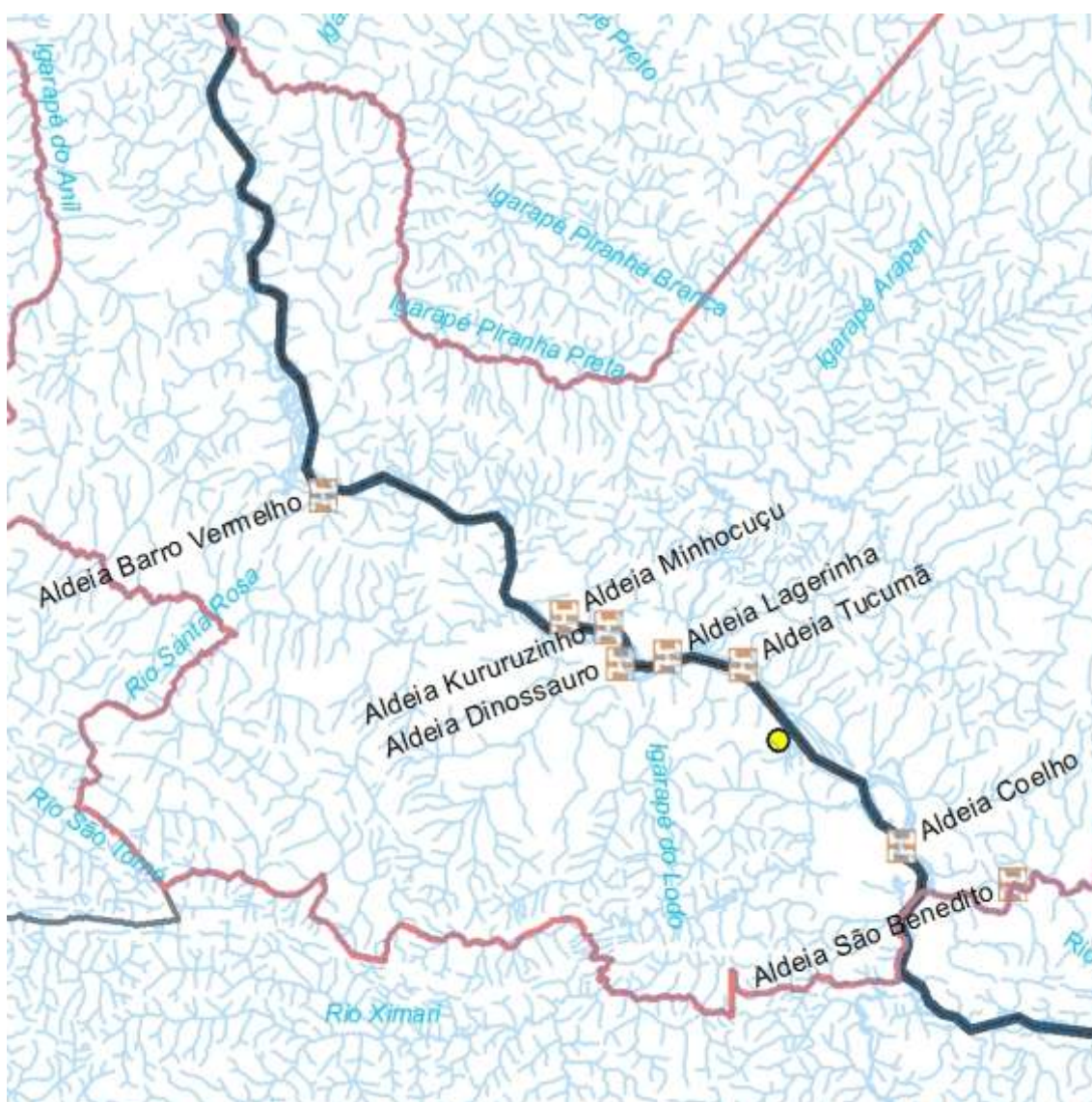


Figura 4. Zonas pontuadas de produção de bananas.

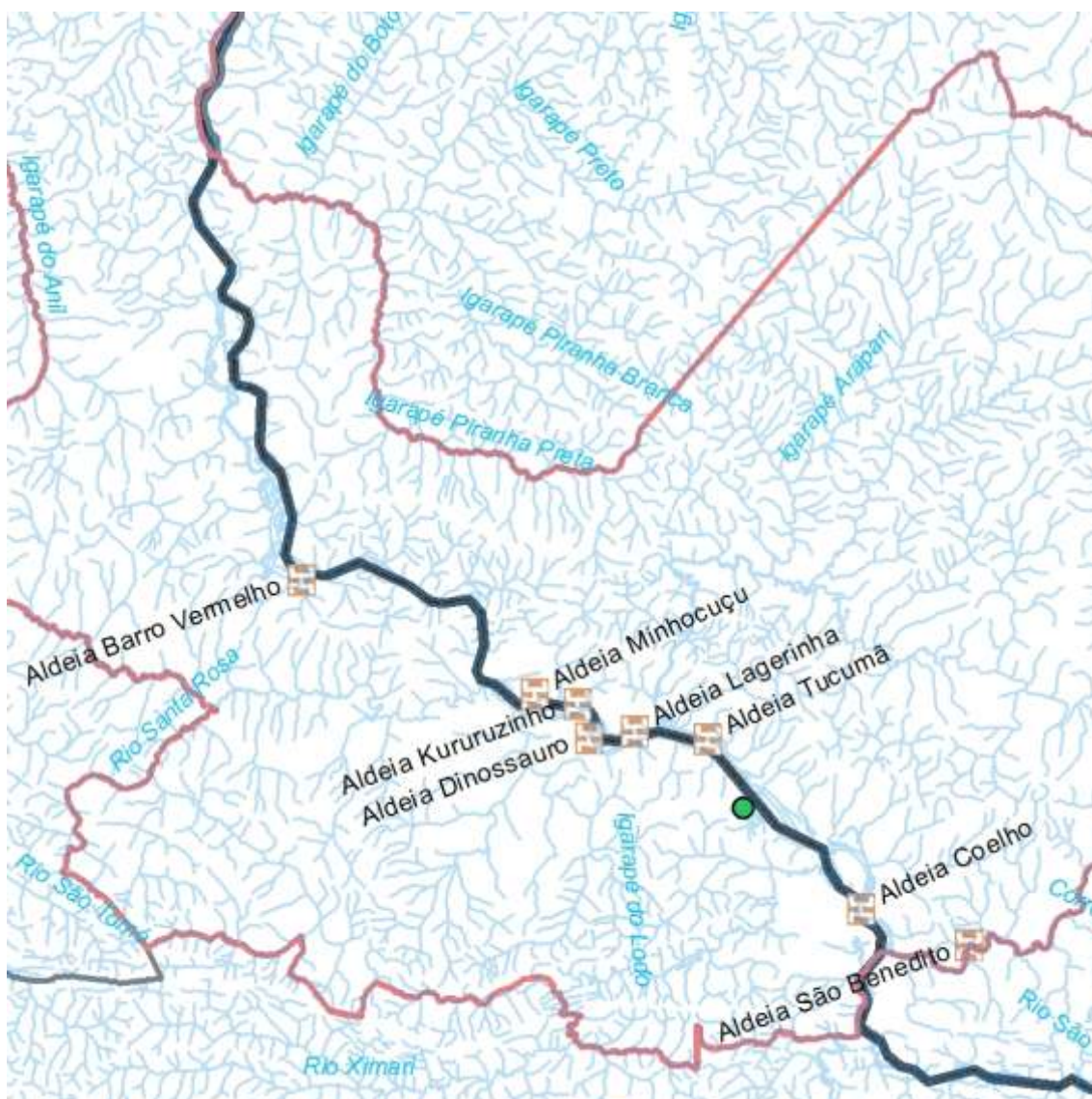


Figura 5. Zonas pontuadas de produção de mamões.

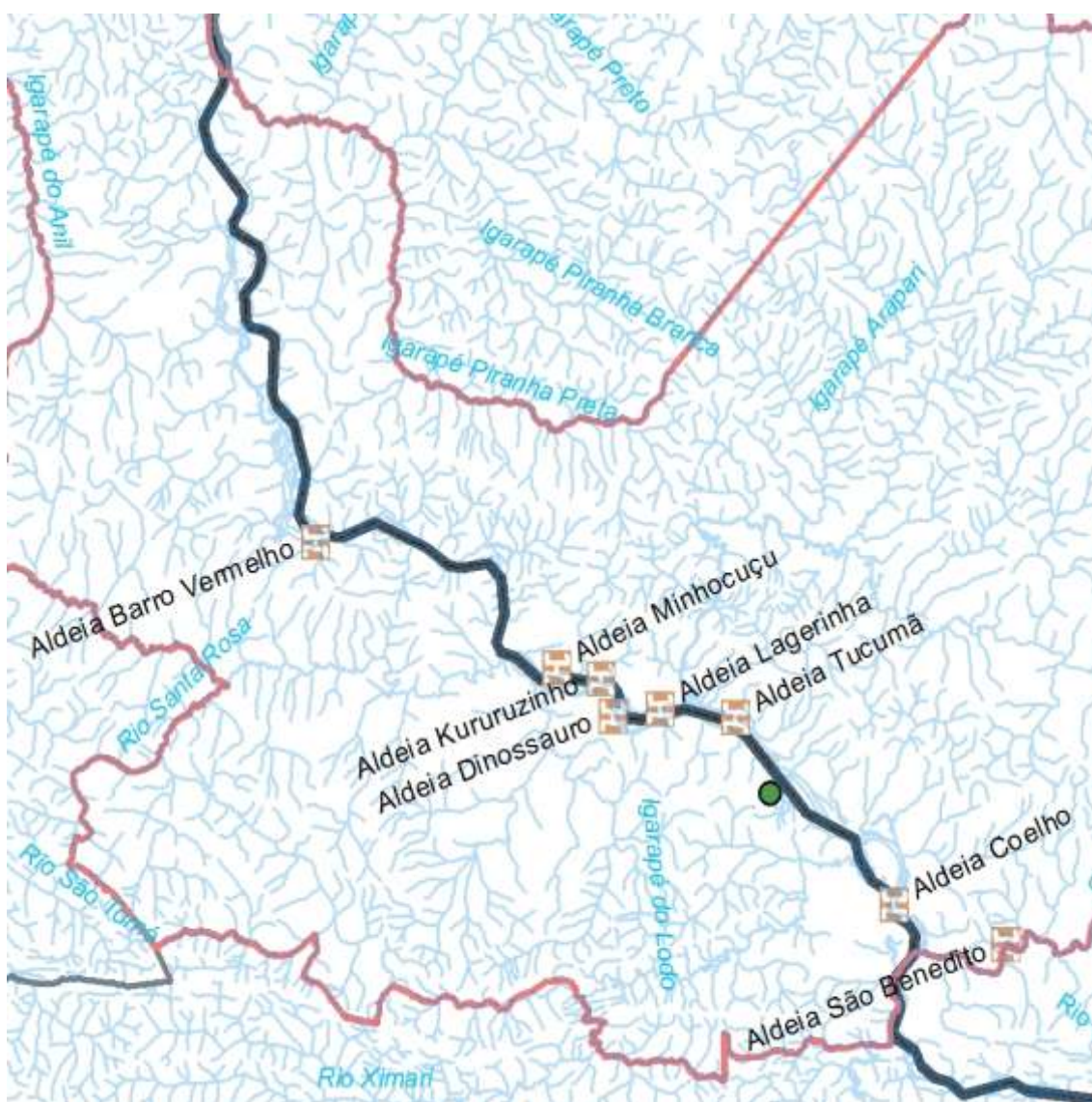


Figura 6. Zonas pontuadas de produção de pimentas nativas.

- **Zonas de Extração.**

Foram registrados uma considerável diversidade de produtos extrativistas, se destacando o número de espécies de palmeiras, sendo estas utilizadas para alimentação, construção de habitações e confecção de utensílios domésticos e artesanais, sendo as espécies babaçu (*Orbignya phalerata* Mart.), inajá (*Maximiliana maripa* (Aubl.) Drude), patauá (*Oenocarpus bataua* Mart.), pupunha-brava (*Bactris dahlgreniana* Glassman) e tucum (*Bactris setosa* Mart.).

Fazem uso para alimentação e fim comercial a castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl.) e de forma esporádica a comercialização do óleo de copaíba (*Copaifera* spp.) e das sementes de cumaru (*Dipteryx odorata* (Aublet) Willd.). Se destacam na arte da cestaria, fazendo uso principalmente do arumã (*Ischnosiphon* spp.) (Figuras 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15).

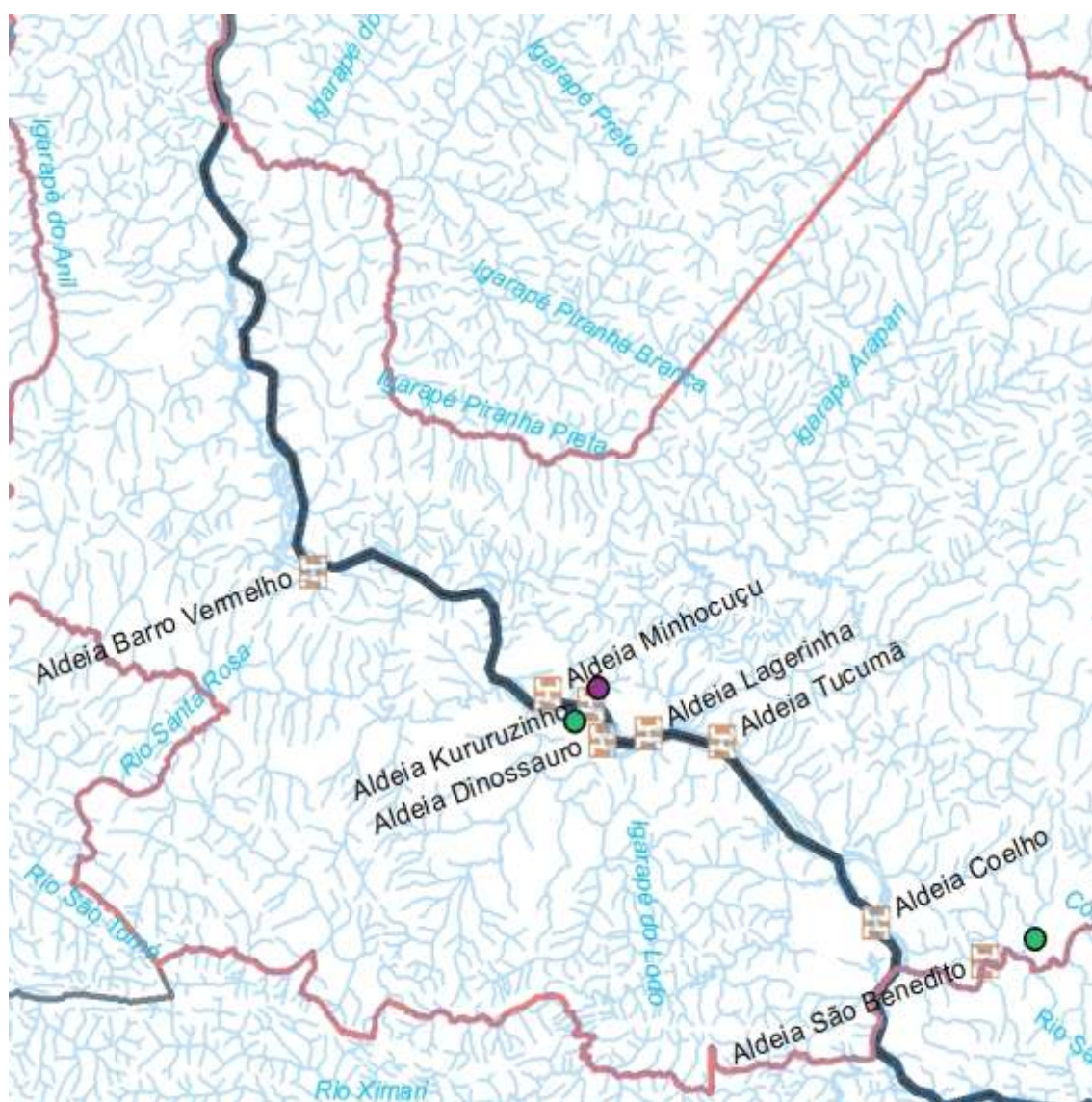


Figura 7. Zonas pontuadas de incidência e extração de fibras de arumã (*Ischnosiphon* spp.).



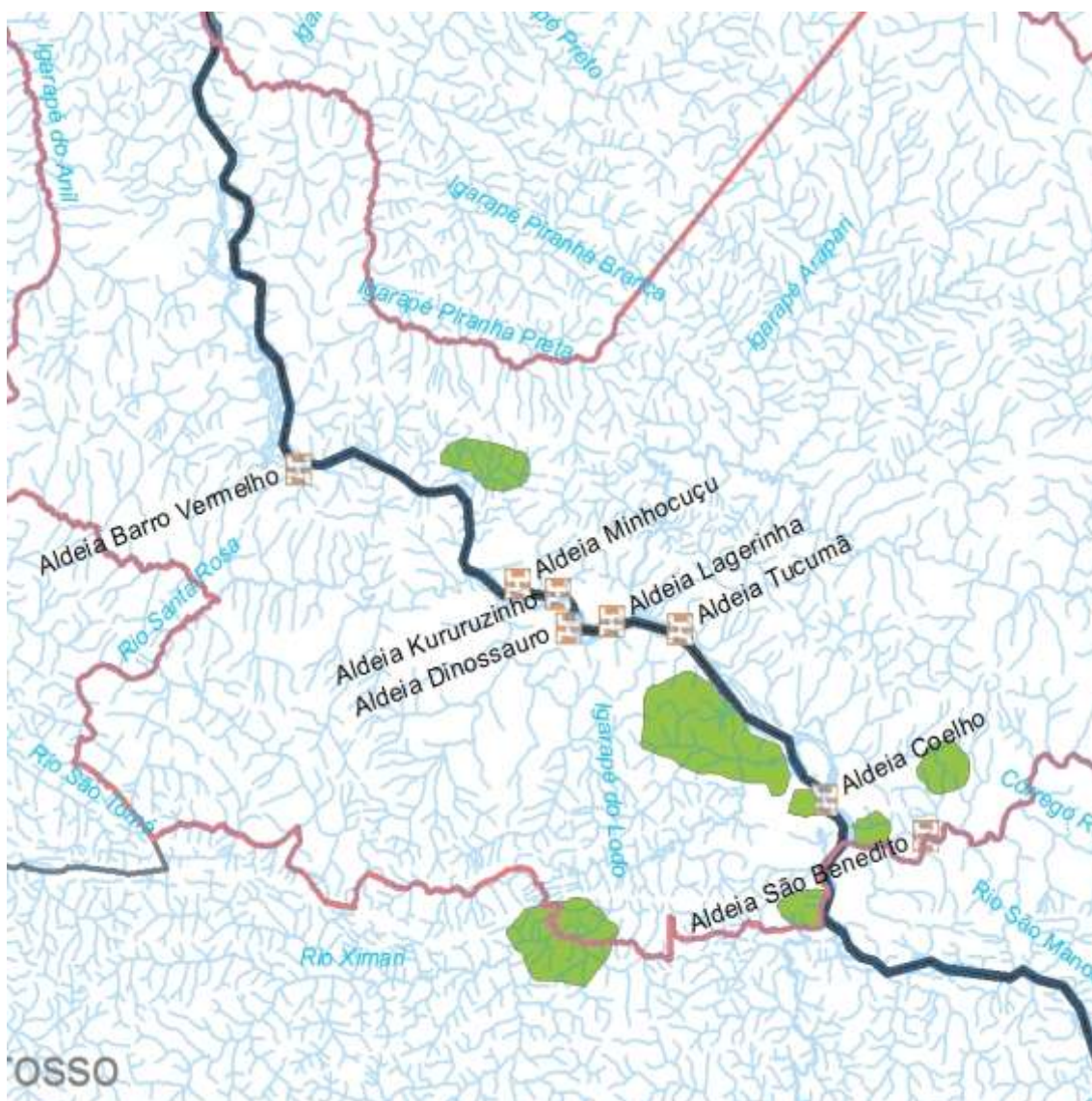


Figura 8. Polígonos de áreas de exploração de castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl.).

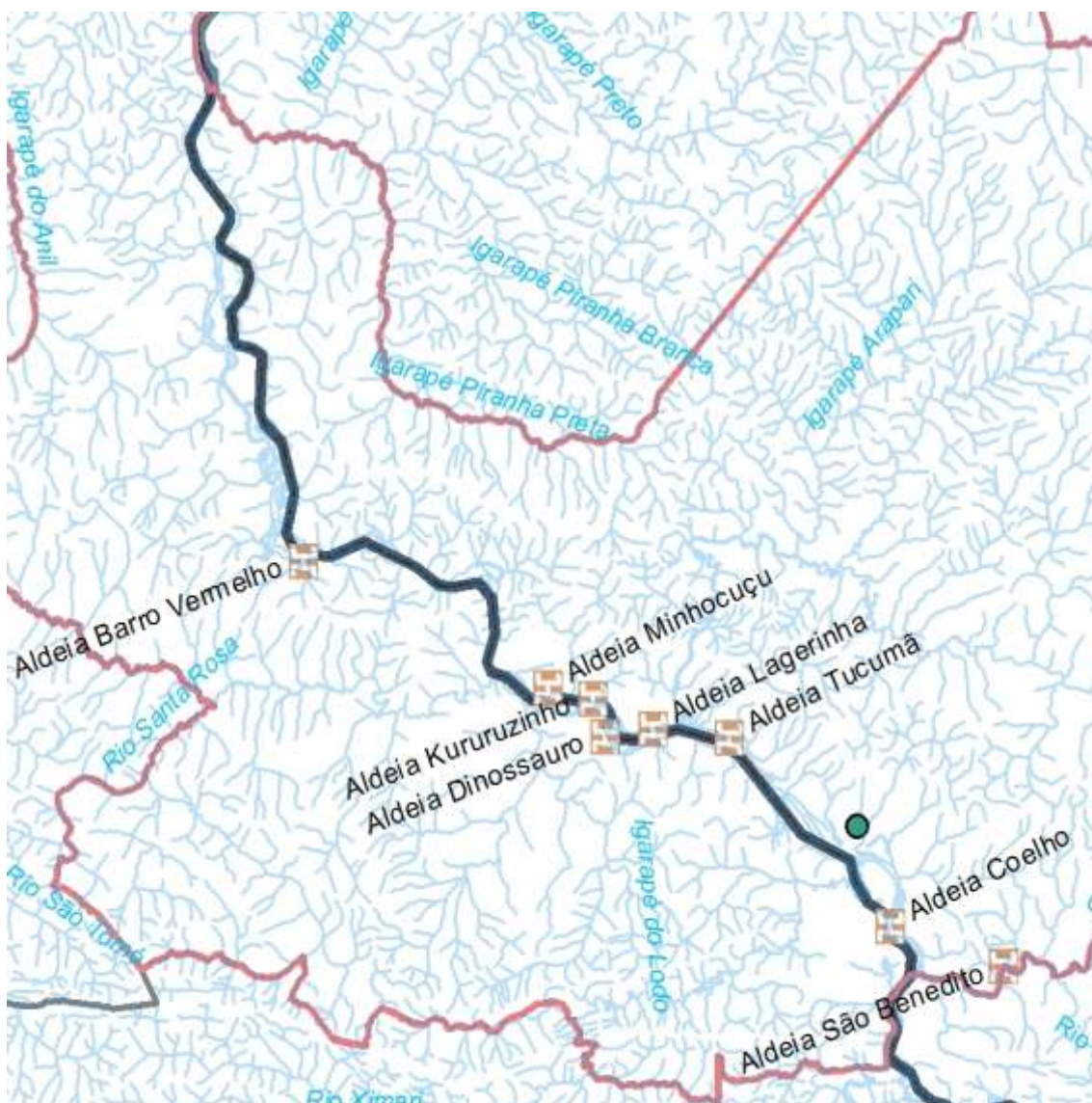


Figura 9. Zona pontuada de exploração de seiva orgânica de copaíba (*Copaifera* spp.).

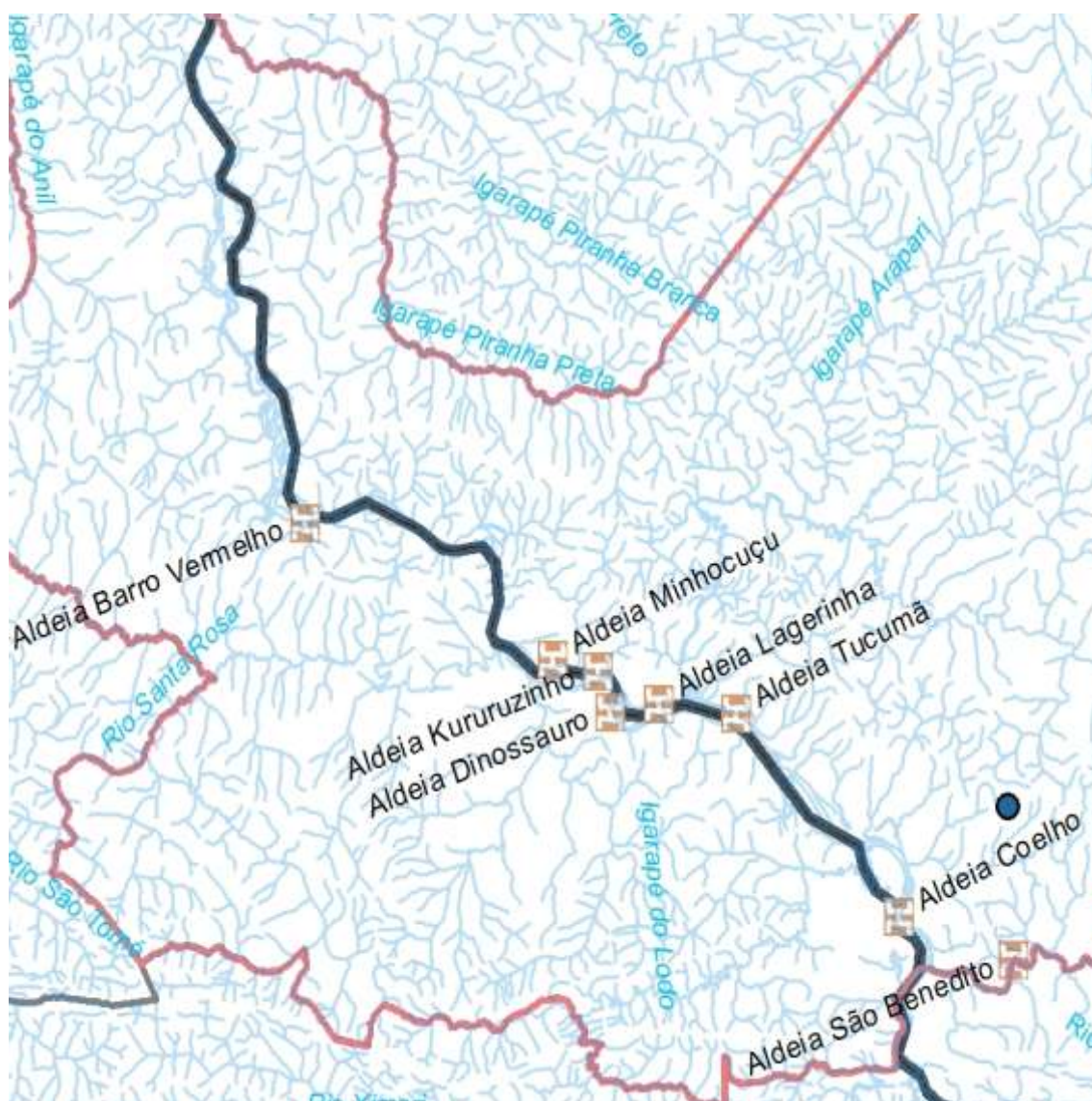


Figura 10. Zona pontuada de exploração de sementes de cumaru (*Dipteryx odorata* (Aublet) Willd.).

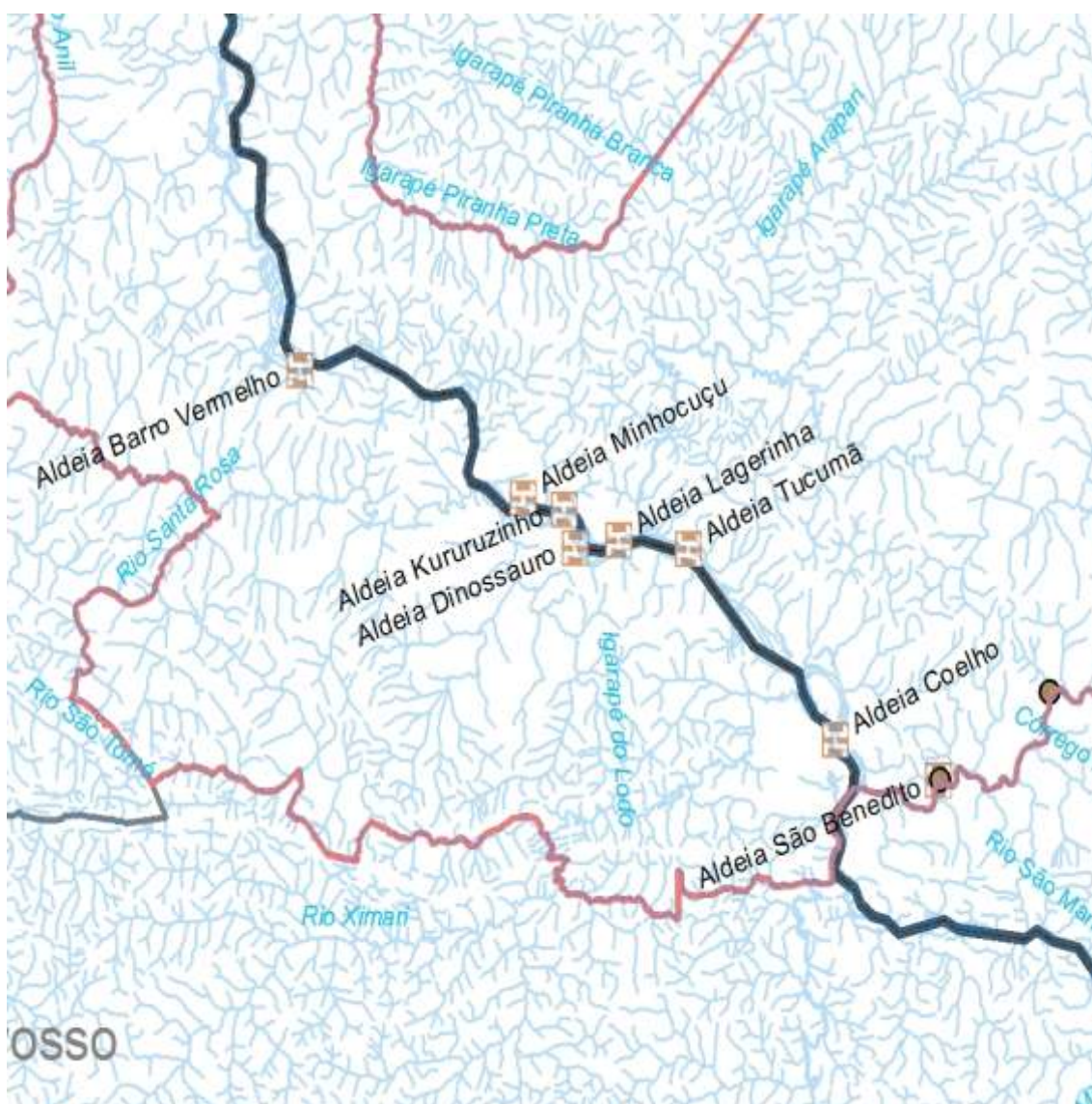


Figura 11. Zonas pontuadas de extração de palhas e frutos de inajá (*Maximiliana maripa* (Aubl.) Drude).

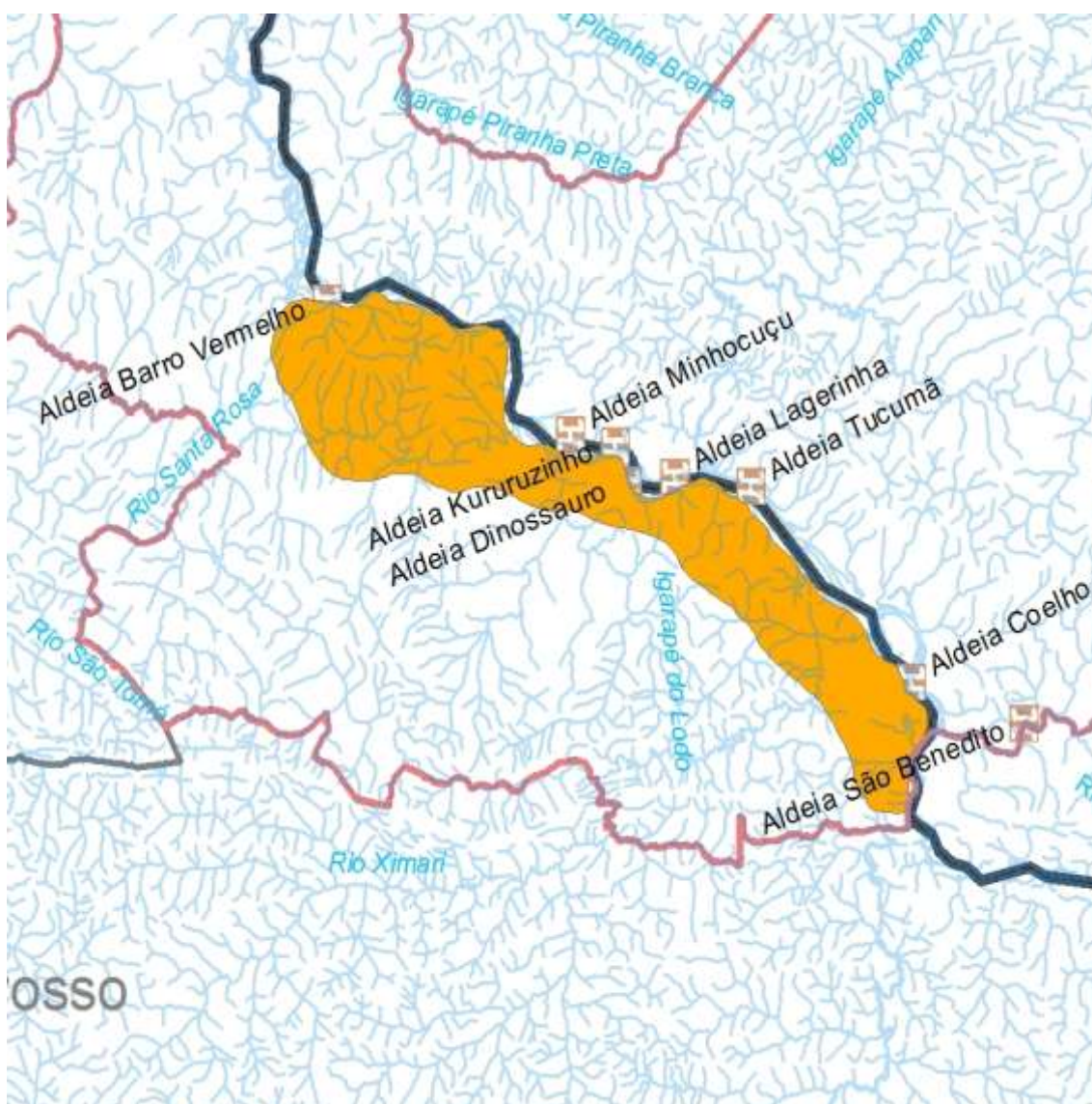


Figura 12. Polígono de área de extração de palhas e frutos do babaçu (*Orbignya phalerata* Mart.).

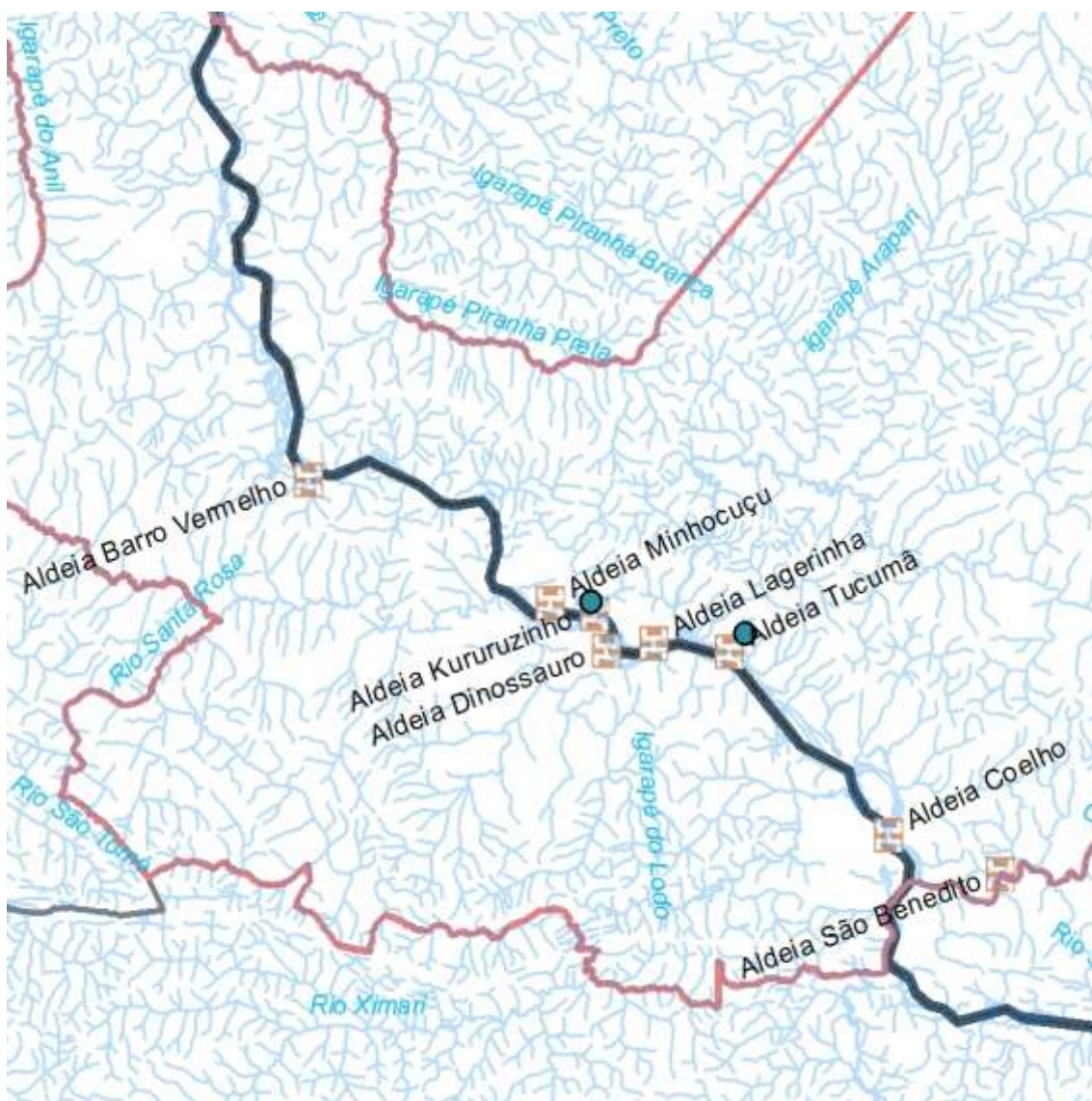


Figura 13. Zonas pontuadas de extração do fruto do patauzeiro (*Oenocarpus bataua* Mart.).

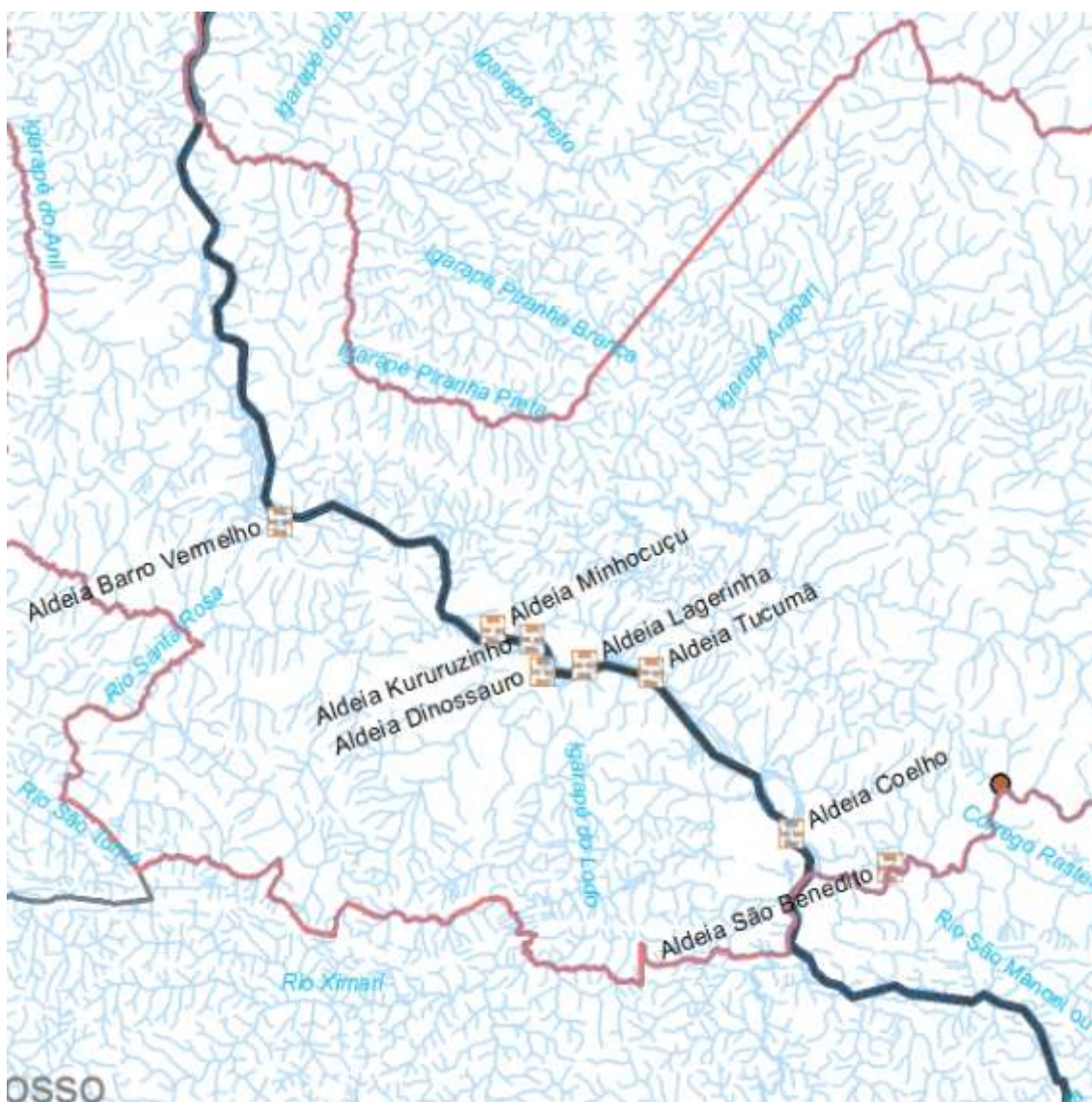


Figura 14. Zona pontuada de extração do fruto e madeira da siriva, ou pupunha-brava (*Bactris dahlgreniana* Glassman).

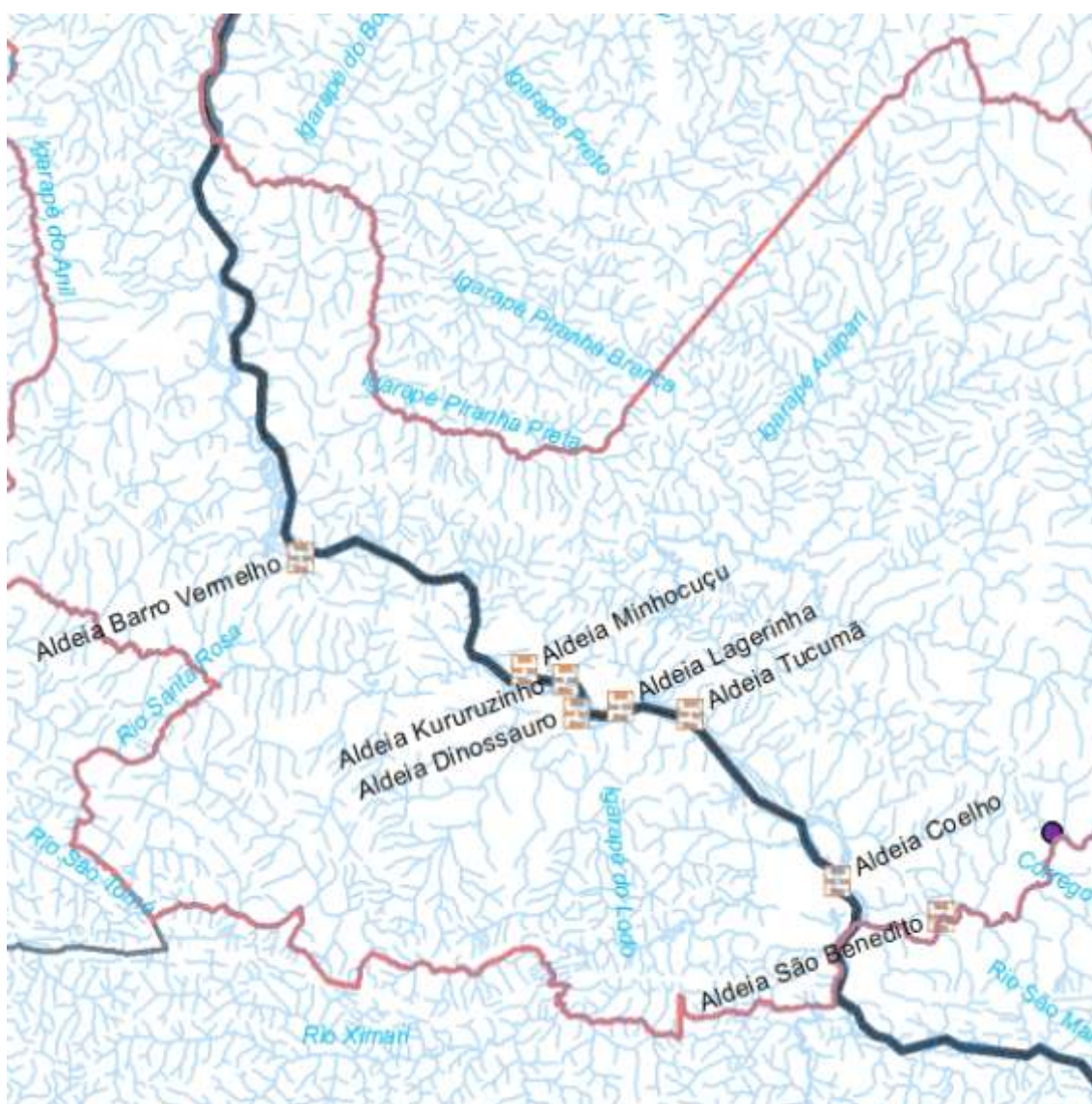


Figura 15. Zona pontuada de extração de frutos e madeira de tucum (*Bactris setosa* Mart.).

- **Zonas de Importância Cultural.**

Os locais de importância cultural estão inseridas próximas as margens do rio Teles Pires e em seu próprio leito, como corredeiras, cachoeiras, remansos e elevações naturais. Também foi registrado nos casos relatados na oficina, indícios de fósseis da megafauna de mamíferos do Período Quaternário do Pleistoceno, petróglifos de antiqüíssima ocupação humana na região e uma histórica estrada utilizada durante os Ciclos da Borracha para a extração do caucho (*Castilla ulei* Warb.) (Figura 16).



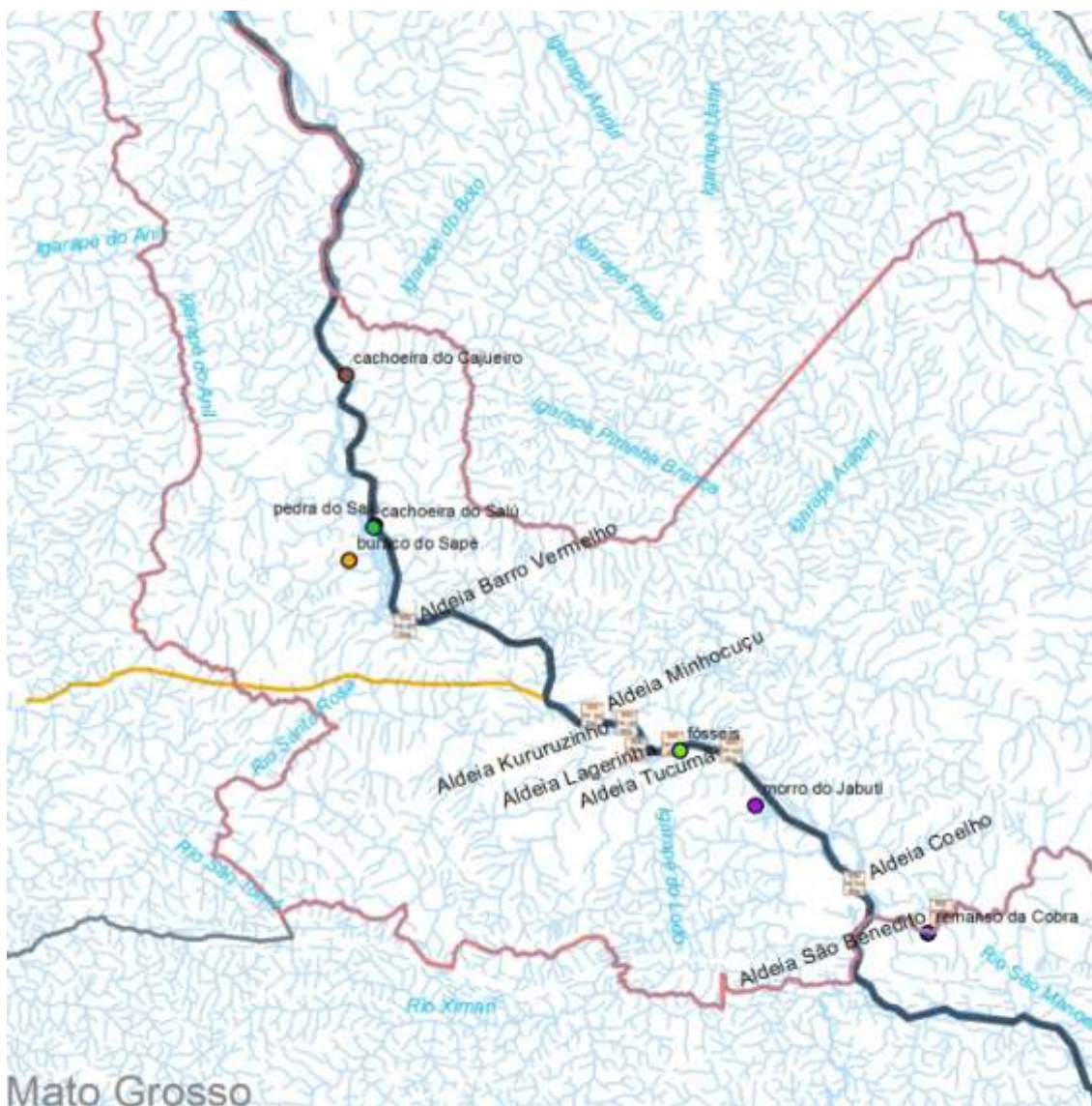


Figura 16. Zonas pontuadas dos principais locais de importância cultural.

- **Zonas de Caça.**

Os locais de caça estão localizados próximos das aldeias, as margens do rio Teles Pires. São locais denominados “barreiros”, locais de visitação constante de animais, principalmente ungulados, devido ao seu grande teor de sais como sódio e potássio.

Possuem uma grande área denominada tabuleiro, do qual caçam e coletam ovos de quelônios (Figura 17).

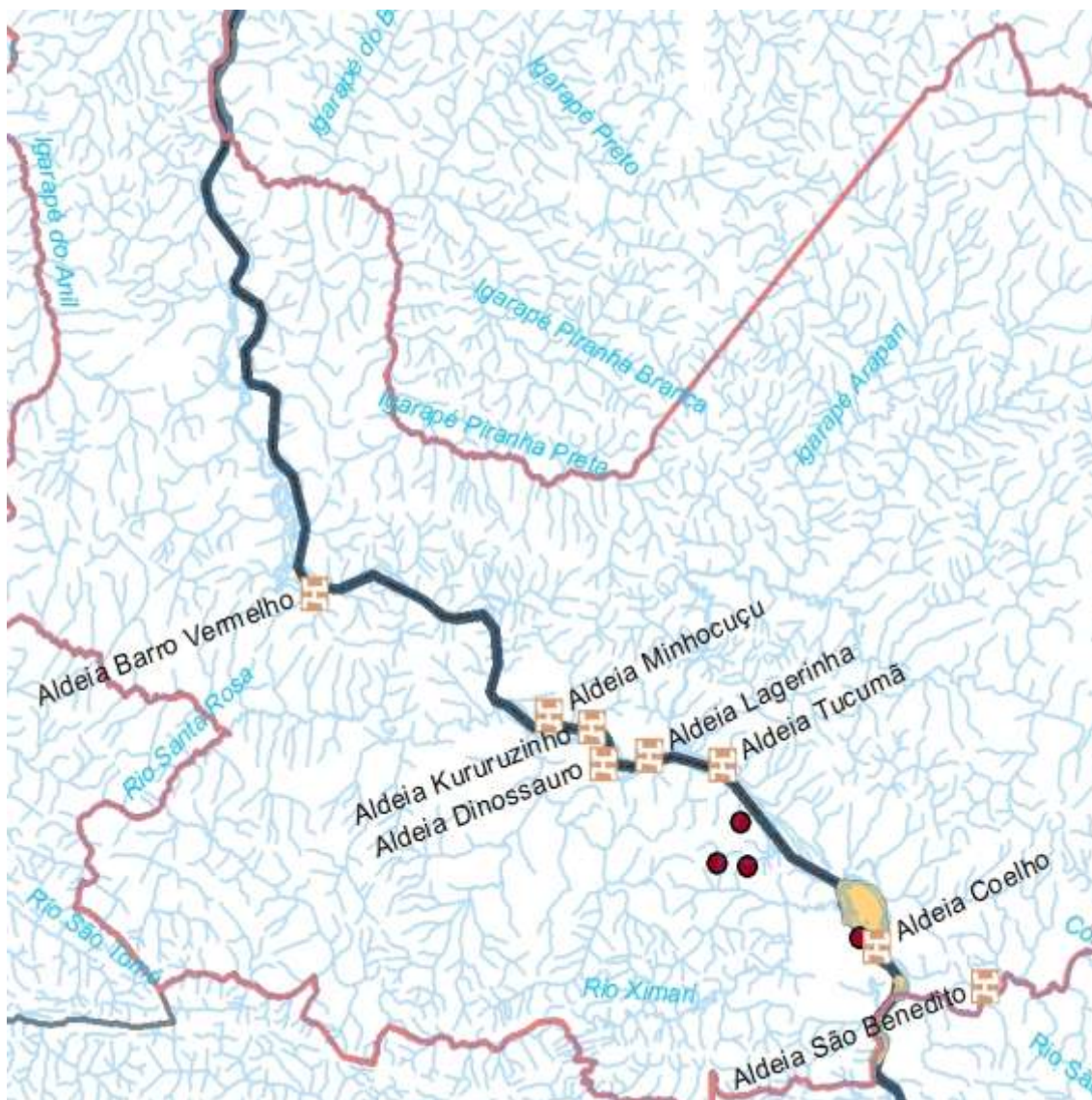


Figura 17. Zonas pontuadas e polígono dos locais caça e extração de ovos de quelônios.

- **Zonas de Pesca.**

Desenvolvem atividade pesqueira próxima das aldeias e principalmente na calha do rio Teles Pires, sendo em áreas de poções, corredeiras e remansos (Figura 18).



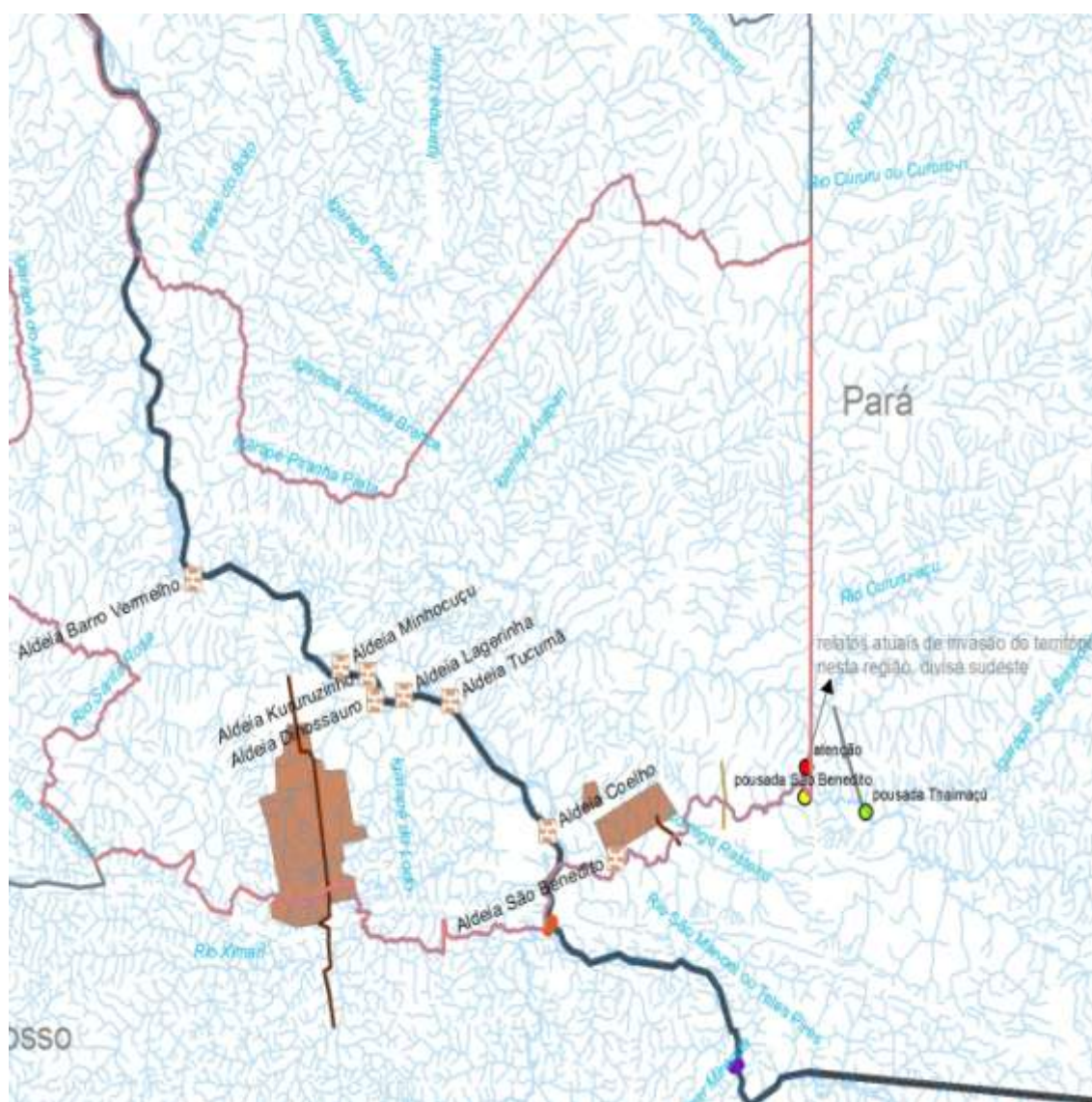


Figura 19. Zonas pontuadas dos locais assentados e polígonos de áreas de conflitos.

### 3.1.2 Expedição Cururu-Açu e Afluentes.

Com um total de sete dias de trabalho foram percorridos 598 quilômetros e pouco mais de 66 horas, atingindo uma média de 85km e 9h30 de atividades diárias.

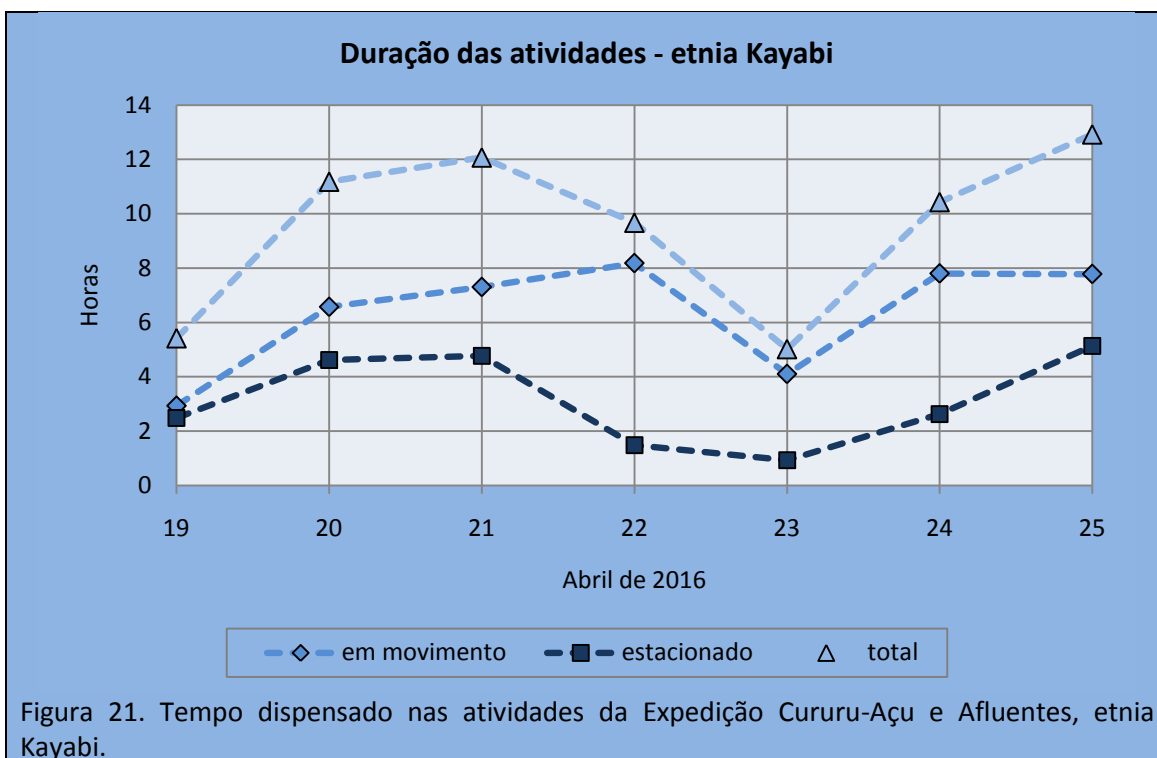
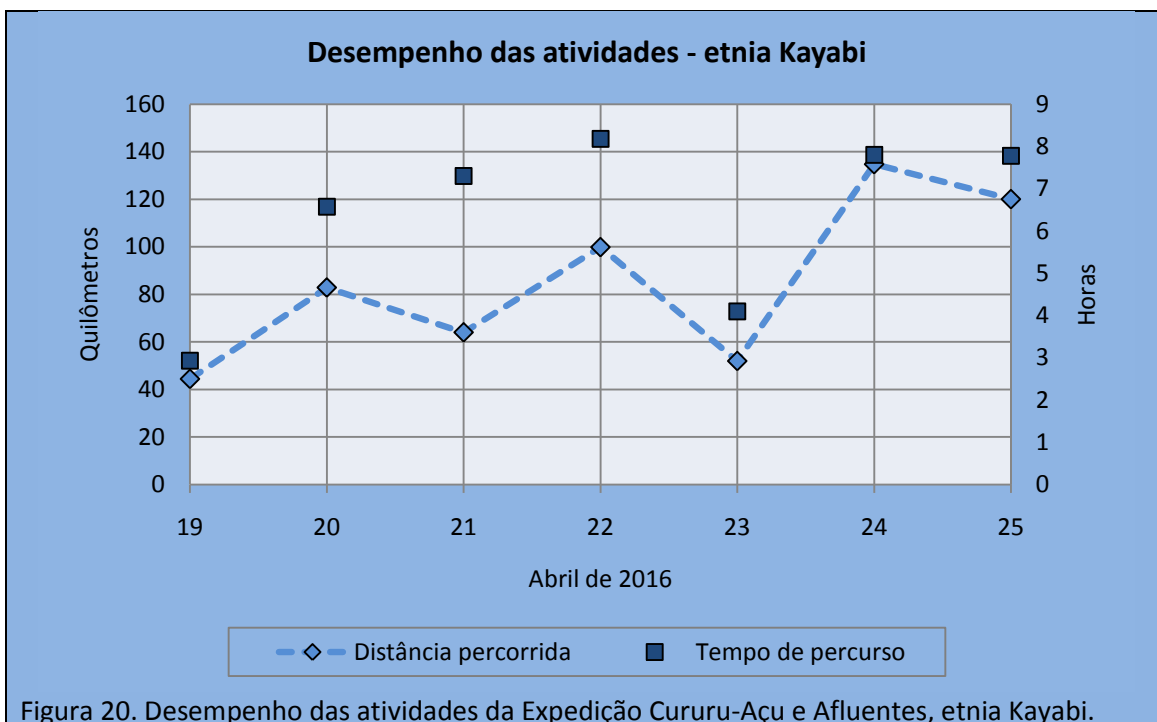
Em seis rios visitados foram percorridos 582 quilômetros; em trajetos terrestres, abrindo trilhas ou nas margens dos rios, foram percorridos cerca de 16 quilômetros durante o trabalho de campo.

Por consenso dos presentes nesta incursão, foi denominada tal atividade como sendo “Expedição Cururu-Açu e Afluentes”.

Na Tabela 1 e Figuras 20 e 21 são apresentados o desempenho das atividades realizadas na expedição.

Tabela 1. Desempenho das atividades da Expedição Cururu-Açu e Afluentes, etnia Kayabi, abril de 2016.

Data (2016)	Etnia Kayabi				
	Objetivo	Percurso (km)	Tempo (horas)		
			Em ação	Parado	Total
19/05	Saída (aldeia Kururuzinho)	44	02:55:46	02:29:05	05:24:51
20/05	Subida ao rio Cururu-Açu	83	06:33:51	04:37:15	11:11:06
21/05	Flechal (rio São Marcelo)	64	07:17:32	04:46:24	12:03:56
22/05	Salto dos Kayabi (Cururu-Mirim)	100	08:11:24	01:28:34	09:39:58
23/05	Subida ao rio Arapari e Lagoa Ypiowy'i (rio Cururu-Açu)	52	04:05:59	00:55:45	05:01:44
24/05	Retorno (aldeia Kururuzinho)	135	07:48:07	02:38:02	10:26:09
25/05	Lagoa do Sapé (rio Teles Pires)	120	07:47:19	05:08:10	12:55:29



A expedição teve por finalidade registrar, monitorar e mapear áreas remotas e de uso sustentado pelos Kayabi. Originalmente foi determinado que se excursionasse em região próxima dos limites da Terra Indígena Kayabi, via rio São Marcelo, afim de se resgatar a camaiúva, espécie vegetal que possui caule aéreo tipo colmo, do qual era utilizado na confecção de flechas.

Entretanto não foi possível alcançar tal objetivo devido as dificuldade de acesso a áreas e limitações de logística. Contudo, a navegação sobre esta região permitiu reconhecer e registrar outros sítios de grande interesse e exploração de recursos naturais por parte dos Kayabi, assim como a constatação de movimentação ilegal e exploração desordenada de invasores não indígenas.

Na Figura 22 é apresentado um mapa base sobre a região investigada (Anexo 8.3).

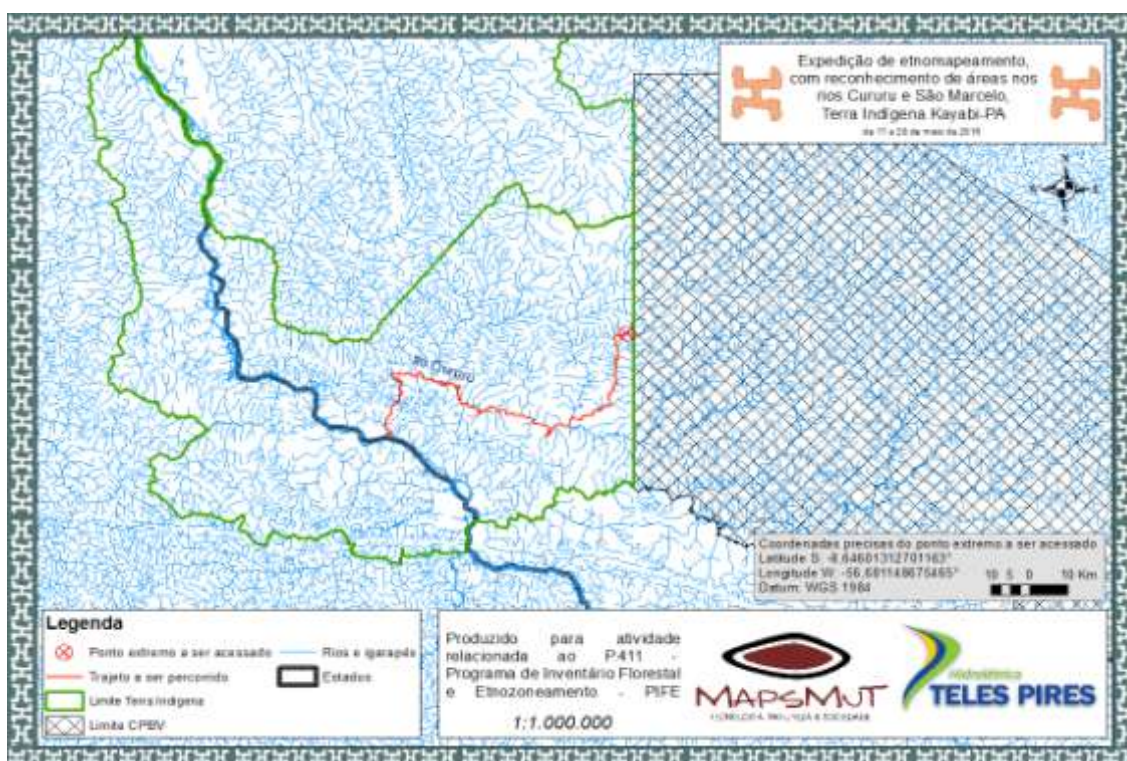


Figura 22. Mapa base da Expedição Cururu-Açu e Afluentes.

Dentre os diferentes sítios observados, a seguir é apresentado os principais pontos de destaque:

- **Salto dos Kayabi.**

Localizado no rio Cururu-Mirim, este salto foi inicialmente explorado pelas antigas pousadas de pesca esportiva da região do rio Cururu. Este local era conhecido como Salto Terra da Gente e praticamente incógnito pelos índios Kayabi.

O nome Salto dos Kayabi foi atribuído durante esta atividade de campo pelos indígenas presentes, como símbolo de apropriação de seu território.

Foram observadas evidências de uso e visitação, sendo que estas incursões acontecem sem o conhecimento e consentimento dos indígenas da etnia Kayabi.

- **Campos do rio São Marcelo.**

Área de vegetação peculiar visitada nas proximidades do curso do rio São Marcelo. O padrão fitofisionômico observado arremete a áreas de Campinarana que é uma tipologia muito importante na região Amazônica, pois, encontrada em forma de manchas isoladas em meio à floresta, apresenta plantas do Cerrado condicionadas ao clima úmido.

Amostras deste tipo de vegetação são encontradas no Parque Nacional dos Campos Amazônicos (AM/RO/MT) a mais de 500 quilômetros de distância. Este tipo de ambiente apresenta plantas e animais característicos, sendo altamente atrativo para observação de aves além de outra forma de turismo ecológico.

- **Rio São Marcelo.**

Sendo um dos principais formadores do rio Cururu, o rio São Marcelo tem parte de suas nascentes abrangidas pela área do Campo de Prova Brigadeiro Velloso, da Força Aérea Brasileira (CPBV-FAB).

É neste rio que está localizada a área do flechal, local onde é encontrada a camaiúva ou kamay'i (*Guadua* spp.), haste vegetal utilizada tradicionalmente na confecção de flechas Kayabi.



Devido às dificuldades encontradas em campo, como troncos atravessados no curso do rio, apesar do esforço empenhado, não foi possível atingir a área do flechal. Talvez pela dificuldade de acesso, neste rio não foram notados relevantes vestígios de uso e exploração.

- **Rio Cururu-Açu.**

Aparentemente o principal afluente do rio Cururu, o rio Cururu-Açu tem suas nascentes concentradas na região do Campo de Prova Brigadeiro Velloso (CPBV-FAB).

Muitas de suas curvas são caracterizadas por locais de remanso onde no período da seca, se estabelecem praias – locais com características para nidificação de aves aquáticas, crocodilianos e quelônios.

Durante a visita técnica nestes trechos foi possível visualizar um grande número de exemplares de peixes como cachara (*Pseudoplatystoma punctifer*) e caparari (*P. tigrinus*).

Neste rio foram evidenciados fortes vestígios de pesca predatória e caça ilegais.

- **Lagoa Ypiowy'i.**

Esta lagoa, anteriormente desconhecida pelo povo Kayabi, foi visitado no primeiro episódio do programa “*Ed Stafford: Rumo ao Desconhecido*”, do canal Discovery (link de acesso: <http://www.brasil.discovery.uol.com.br/aventura/ed-stafford-rumo-ao-desconhecido/>), no final do ano de 2015 sem o consentimento da etnia Kayabi.

As evidências de campo indicam que se trata de uma imensa nascente, com cerca de 200 metros de diâmetro. Este enorme olho d'água, aparentemente uma fonte perene, tem um pequeno curso que o conecta ao rio Cururu-Açu, sendo deste um contribuinte.

Foi notada alta ocorrência de arraias (*Potamotrygon* spp.) e tucunarés (*Cichla* spp.) no interior do lago. O nome lagoa Ypiowy'i foi dado pelos indígenas durante o reconhecimento, atribuindo o termo "ypiowy'i" a transparência da água e sua forma regular redonda.

- **Rio Arapari.**

Partindo da foz do rio Cururu, o rio Arapari é seu primeiro afluente de maior expressão. Nasce e corre integralmente em terras indígenas, tendo sua bacia hidrográfica garantia de proteção e uso por parte dos Kayabi. Atualmente este rio é pouco frequentado, devido a dificuldade de acesso e por estar acima da corredeira Varanda, localizada no rio Cururu.

Não foram percebidas evidências de ações humanas recentes, sendo este um dos cursos mais conservados dentre os pesquisados. Foi notada alta ocorrência de arraias (*Potamotrygon* spp.) nos remansos.

- **Lagoa do Sapé.**

O interesse em visitar este ponto surgiu depois de consultas à imagens de satélite e identificação de um ponto "inexplicável" com cerca de 30 metros de diâmetro, localizado nas imagens consultadas durante a Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento. O alvo ficava abaixo da corredeira Rasteira, na margem oeste do rio Teles Pires, próxima a antiga pista e aldeia do Sapé.

Cercado por uma vegetação com marcantes padrões de Cerrado, foi possível observar que, aparentemente, se trata de uma lagoa temporária, que no período das chuvas acumula a água captada pelo terreno e, no período da seca tem esta água consumida pelas plantas que possuem com esta lagoa uma relação mais direta como macrófitas e arvoretas que o circundam, assim como pelos animais locais, principalmente antas (*Tapirus terrestris* e *T. kabomani*), além de ser também drenada por seu substrato arenoso e evaporada pelo calor.

Este ponto apresentou alto grau de conservação e ótimo potencial para turismo de observação, principalmente de fauna.

- **Rio Teles Pires.**

O rio de maior volume que recorta a Terra Indígena Kayabi. É neste rio que estão concentrados os principais elementos e fatores relacionados ao dia a dia da etnia

como, locais de pesca habituais e a principal via de deslocamento e acesso as aldeias e centros urbanos.

A presença de pescadores esportivos, clientes das pousadas de pesca esportiva locais, é facilmente evidenciada. A atuação de dragas de mineração neste rio também foi verificada.

No trecho abordado pela TI Kayabi, o rio Teles Pires tem suas margens dominadas por Floresta de Terra Firme e áreas de Igapó, evidenciadas principalmente na cheia, quando o rio atinge sua cota máxima.

- **Corredeira Varanda.**

Localizada a 15 quilômetros acima da foz do rio Cururu, é neste rio, um dos principais obstáculos a navegação que é realizada eximamente pelos piloteiros indígenas que conhecem a corredeira. A extrema destreza e comprovada coragem dos condutores proporcionam um deslocamento seguro.

Em determinado ponto do percurso a carga é descarregada e transportada por uma pequena trilha lateral com cerca de 160 metros de extensão. As embarcações são conduzidas pela lateral leste da corredeira.

A vegetação das margens segue fortes padrões de Cerrado, talvez com um reflexo da base rochosa e arenosa.

- **Rio Cururu.**

O rio Cururu é um dos maiores afluentes do rio Teles Pires no trecho compreendido pela TI Kayabi. Rio característico de água preta, assim como o rio São Benedito, tem suas nascentes na região da Serra do Cachimbo.

Foram notadas forte e recentes evidências de caça e pesca predatória ilegais na região do alto rio Cururu, sendo inclusive encontrados pessoas sem prévia autorização no local, onde os mesmos foram abordados pelos indígenas presentes durante a atividade de campo.

Foi notado pelos Kayabi, que anteriormente conheciam os trechos visitados do rio Cururu, a baixa ocorrência de mega reprodutores de jacaré-açu (*Melanosuchus*

---

*niger*) nas margens do rio, evidenciando assim, a sua possível eliminação por parte de pescadores e caçadores predatórios na região.

### **3.2 Etnia Apiaká.**

Iniciando a primeira Oficina Participativa pela apresentação dos presentes e da equipe técnica envolvida, foi seguida por um debate sobre fontes de renda, atuais e futuras. Partindo daí para a apresentação dos programas, destacando seus objetivos, justificativas, metas e resultados esperados, assim como, os métodos e forma de atuação.

#### **3.2.1 Primeira Oficina Participativa de apresentação do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento – PIFE.**

A oficina foi realizada no dia 28 de janeiro de 2016, na aldeia polo Mayrowi, contando com a participação da comunidade Apiaká.

O objetivo principal deste encontro foi apresentar a equipe executora das atividades e os métodos de trabalho. Como método de trabalho foi esclarecido que a equipe de campo faria visitas técnicas mensais nas aldeias, observando e registrando o uso dos recursos florestais não madeireiros, localização, distância e meios de locomoção.

Considera-se ter atingido resultado satisfatório na apresentação do plano de trabalho e na aparente reciprocidade entre os envolvidos, ficando claro para a equipe executora que os mesmos puderam compreender todos os aspectos do método de trabalho proposto (Anexo 8.4).

### 3.2.2 Primeira Oficina de Etnomapeamento – Mapas Temáticos das Áreas de Uso e Recursos Naturais.

A oficina foi realizada no dia 27 de abril de 2016, na aldeia polo Mayrowi. O principal objetivo, assim como o realizado na etnia Kayabi, foi sobrepor informações a uma base cartográfica georreferenciada, de forma a subsidiar a geração dos mapas temáticos (Anexo 8.5).

O método abordado para apresentação do trabalho, foi o mesmo empregado na oficina realizada na aldeia Kururuzinho, onde o moderador explicou sobre os objetivos, sua importância como ferramenta de subsídio para planejamentos. Também foi utilizado um mapa base com imagem de satélite para consultas e mapas simples com detalhes de limites dos territórios, hidrografia e aldeias (Figuras 23 e 24).

A seguir é apresentado os principais elementos apontados pela comunidade Apiaká junto ao etnomapeamento.



Figura 23. Mapa base com imagem de satélite – etnia Apiaká.



Figura 24. Mapa base para marcação das zonas temáticas – etnia Apiaká.

Assim como na oficina com os Kayabi, foi estabelecido nos mapas temáticos, por parte do Apiaká, suas áreas de interesse. Da mesma forma, estes apontamentos aqui apresentados, são preliminares, devido à posterior validação junto à comunidade.

Foi determinado os limites do território, sendo:

- Igarapé Branco;
- Igarapé da Eufrásia;
- Igarapé das Almas;
- Igarapé do Cantinho;
- Igarapé do Poção;
- Igarapé Santa Júlia;
- Igarapé São Tomezinho (ou do Anil);
- Ilha do Juarizal;
- Ilha do Sérgio;
- Lago das Antas;

- Lago Grande;
- Lago Tartaruga;
- Morro da Navalha.

**Zonas de caça:**

- Igarapé do Boto;
- Tabuleiros de tracajás e tartarugas.

**Zonas de extração:**

- Castanhal da Eufrásia;
- Castanhal das Almas;
- Castanhal do Buraco do Jaú;
- Castanhal do Cantinho;
- Castanhal do Paredão;
- Castanhal do Poço;
- Castanhal do Salobo;
- Castanhal do Sawssaw;
- Castanhal São Simão;
- Castanhal Sem Nome;

**Zonas de Importância cultural:**

- Antiga estrada dos “Peruanos”;
- Petróglifos – Cachoeira do Salú.

**Zonas de Pesca:**

- Igarapés e lagoas próximas a aldeia Mayrowi.

**Zonas de Recuperação:**

- Áreas de capoeiras (antigas roças).

**Zonas Proteção integral:**

• Os Apiaká não souberam responder em quais áreas seriam destinadas à proteção integral, entretanto, há de se observar que o território dos mesmos é pouco explorado, limitando-se às margens dos rios, lagoas e igarapés.

---

**Zonas de Assentamentos:**

- Para o momento a comunidade Apiaká não aspira expansão e formação de novas aldeias.

A partir da Oficina Participativa de Etnomapeamento realizada com a comunidade Apiaká, na aldeia Mayrowi, foi possível determinar suas zonas tradicionalmente delimitadas e explorá-las em mapas temáticos.

Seguindo recomendação do PBAI, sobre a organização e setorização dos territórios de interesse, foi elaborado mapas temáticos representativos com apontamentos da comunidade sobre seus recursos, sendo apresentados de forma pontual e/ou em polígonos (Anexo 8.6).

A seguir são apresentados os mapas com as indicações dos principais recursos utilizados pela etnia Apiaká.

- **Zonas de Produção e Recuperação.**

Os Apiaká desenvolvem suas atividades de produção agrícola próximas da aldeia Mayrowi e, sendo que suas áreas de recuperação também se situam próximas dos roçados (Figura 25).



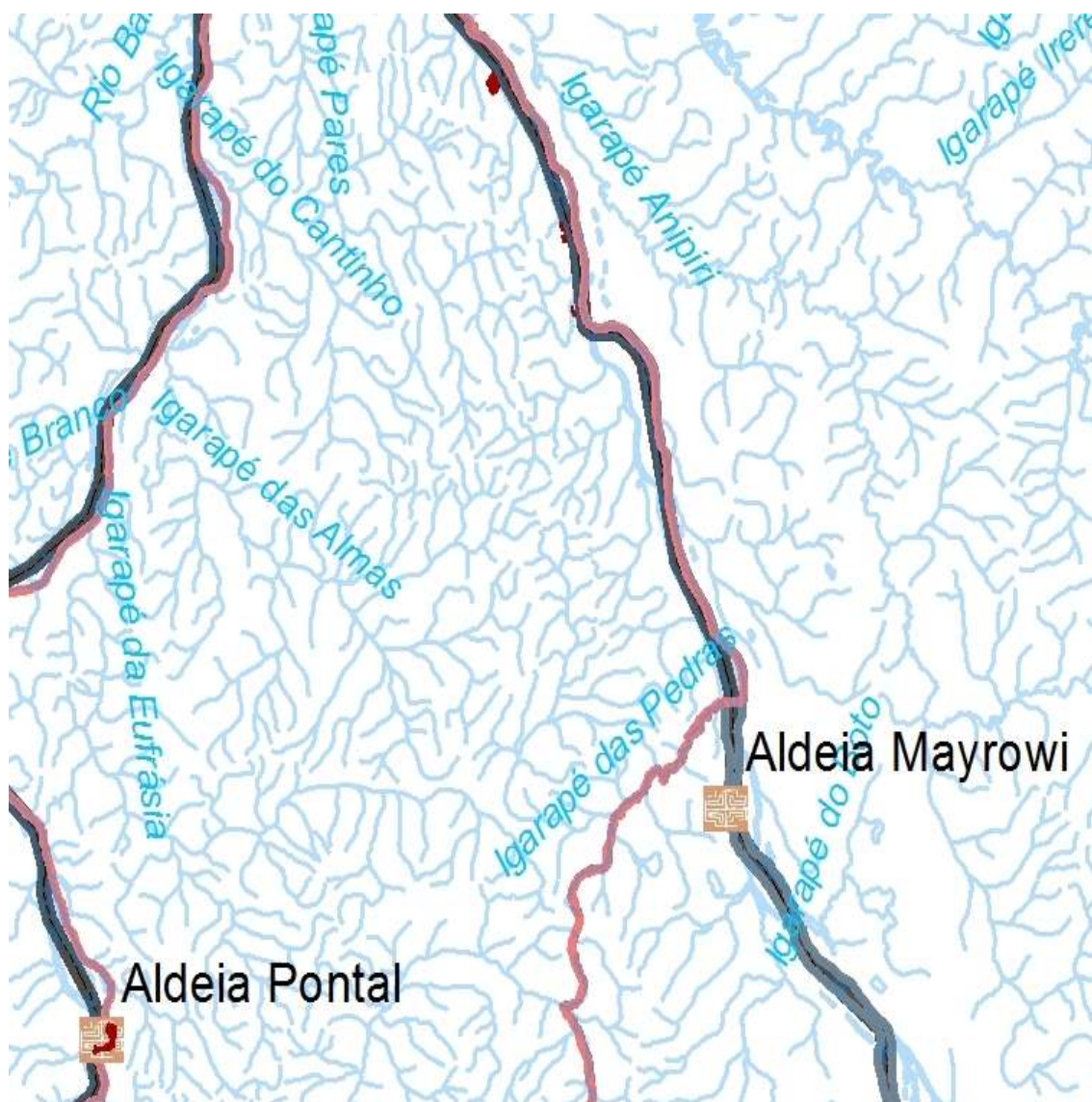


Figura 25. Zonas pontuadas das áreas de roças e de recuperação.

- **Zonas de Extração.**

Utilizam ampla área de uso de recursos vegetais, como madeiras para construção de embarcações e habitação; espécies de palmeiras para alimentação, artesanato, utensílios e estrutural. Foi relatado uma espécie de vegetal não identificado empregado ao alívio de dores de dente, além do uso do óleo de copaíba.

Se sobressaem no uso de fibras vegetais devido a grande variedade de lianas apresentadas para os mais diversos fins.

Nas Figuras de 26 a 41 são apresentados zonas pontuadas e/ou polígonos das áreas onde se inserem seus recursos vegetais.

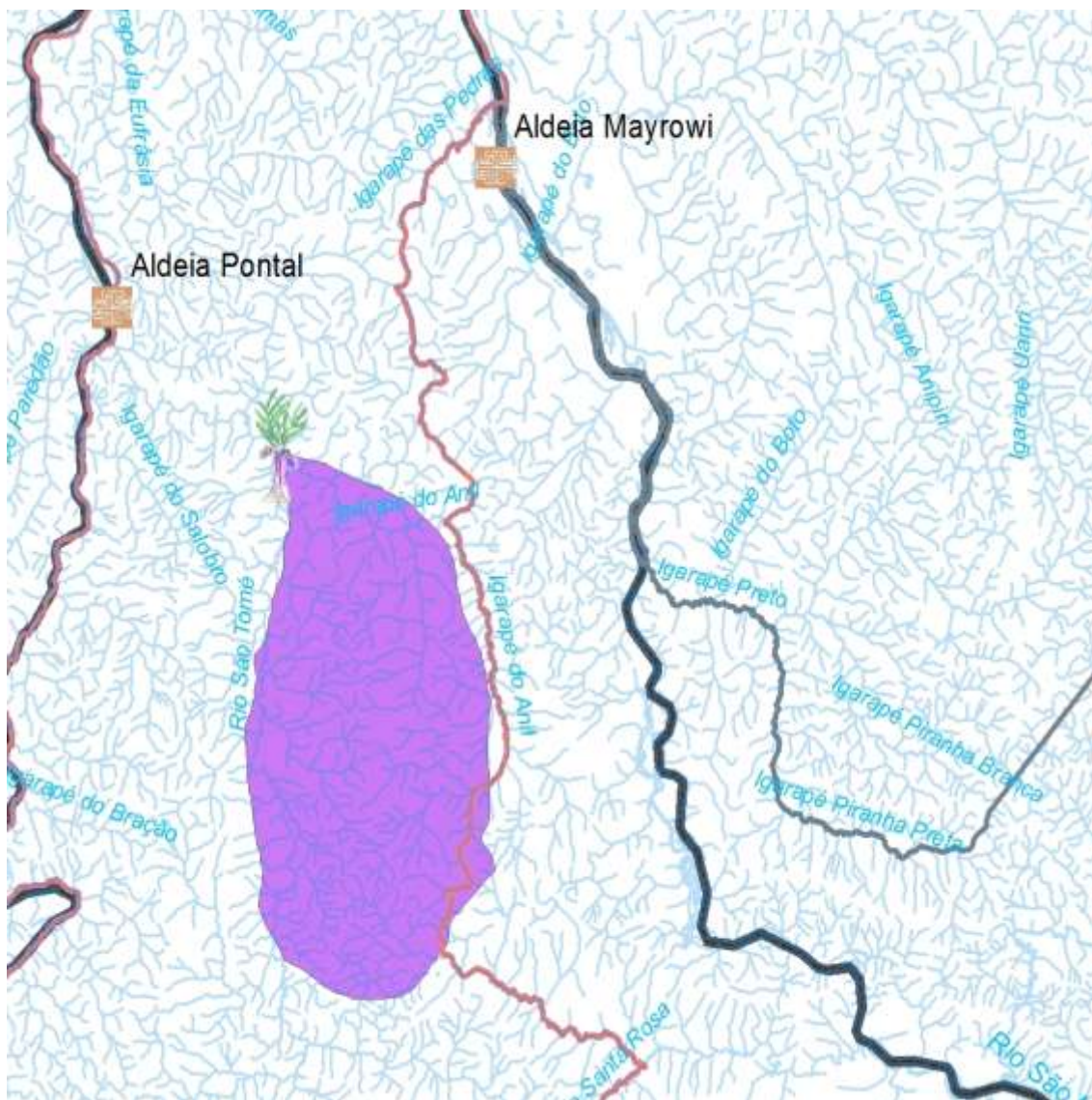


Figura 26. Polígono e zona pontuada sobre extração do fruto do açazeiro (*Euterpe precatoria* Mart.).



Figura 27. Polígono e zonas pontuadas sobre a extração do fruto do buriti (*Mauritia flexuosa* L. F.).

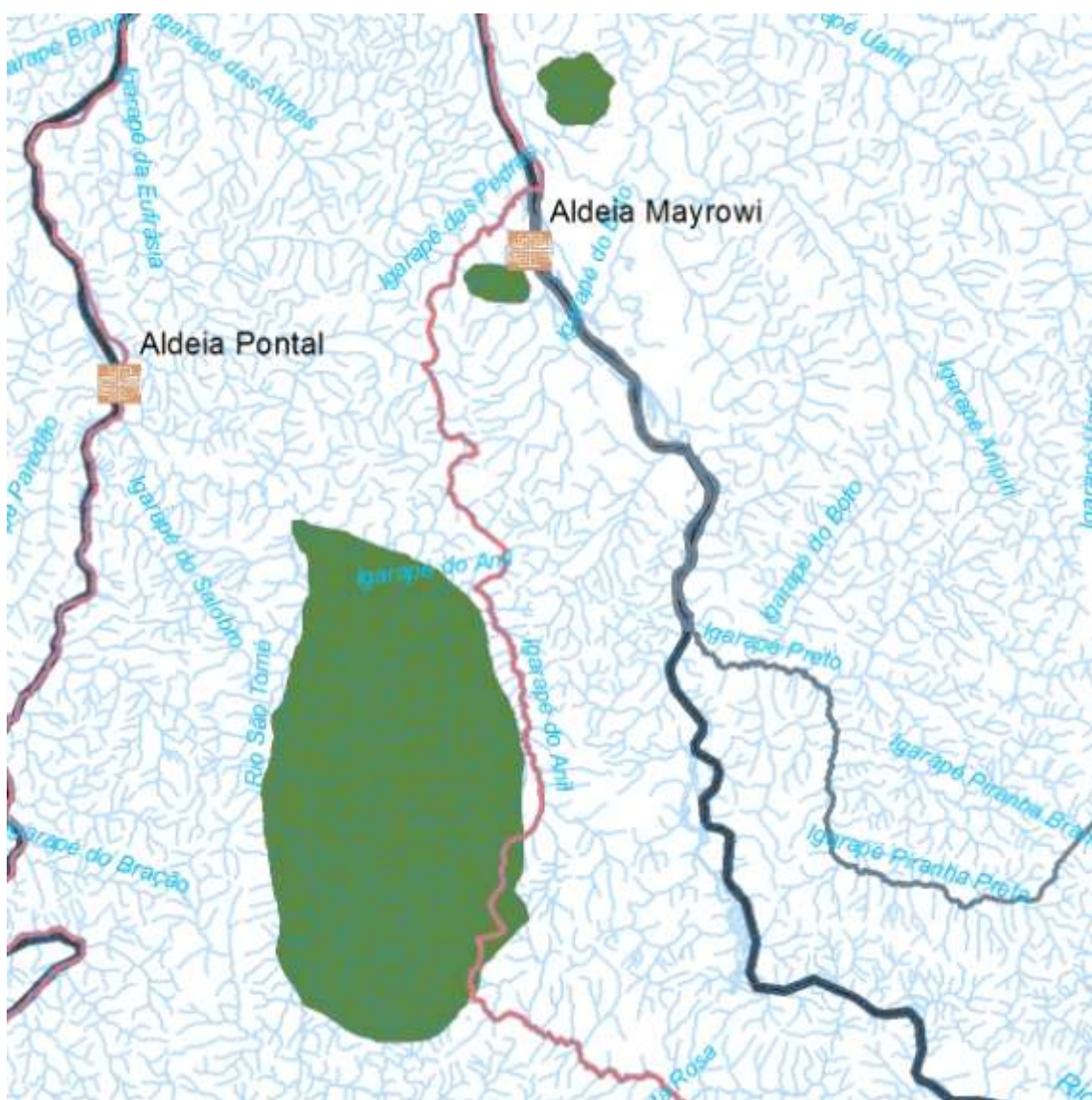


Figura 28. Polígono e zonas pontuadas sobre extração do fruto do patauazeiro (*Oenocarpus bataua* Mart.).

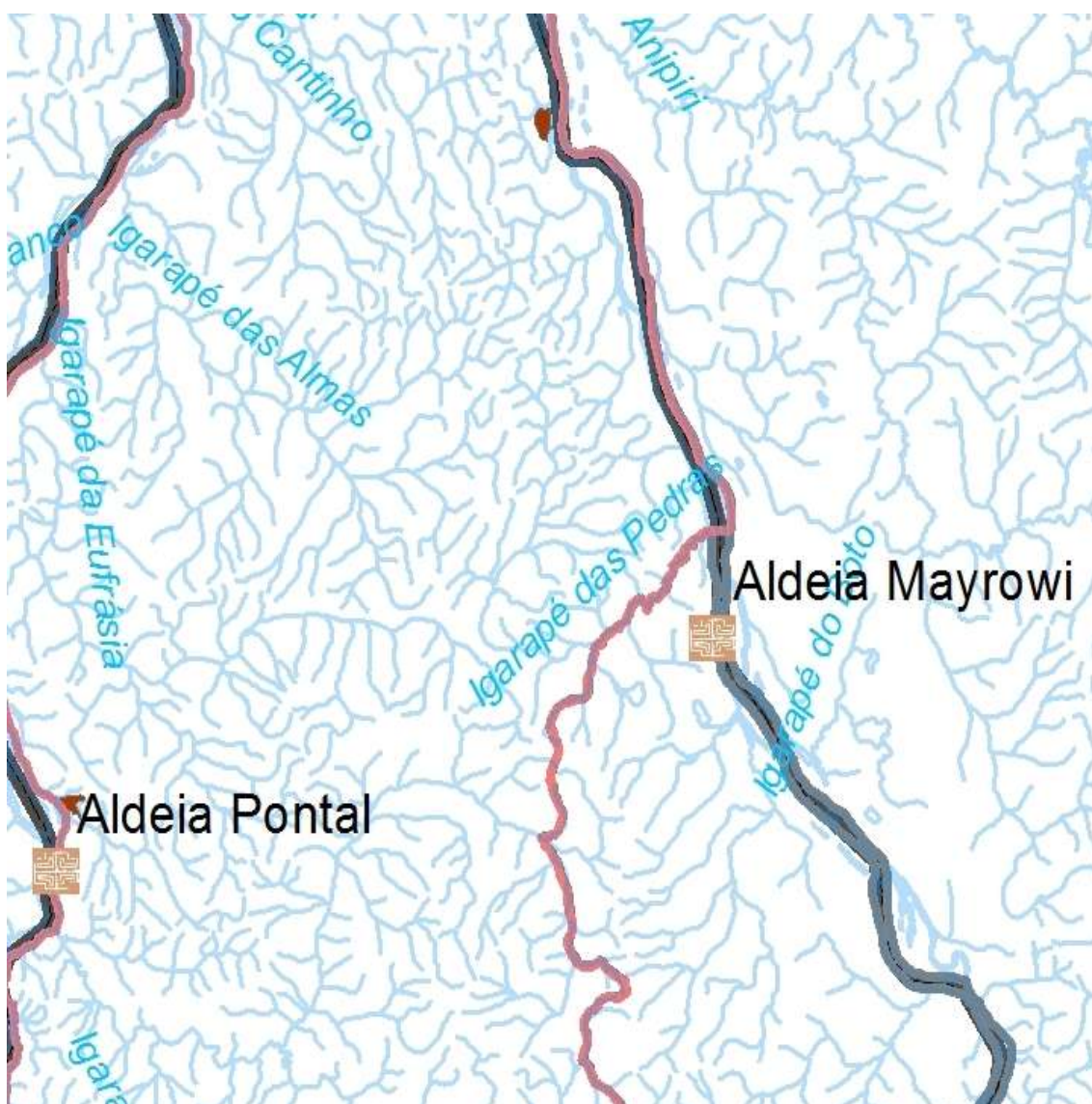


Figura 29. Zonas pontuadas de extração de madeira cariúba (*Chrysophyllum* spp.).

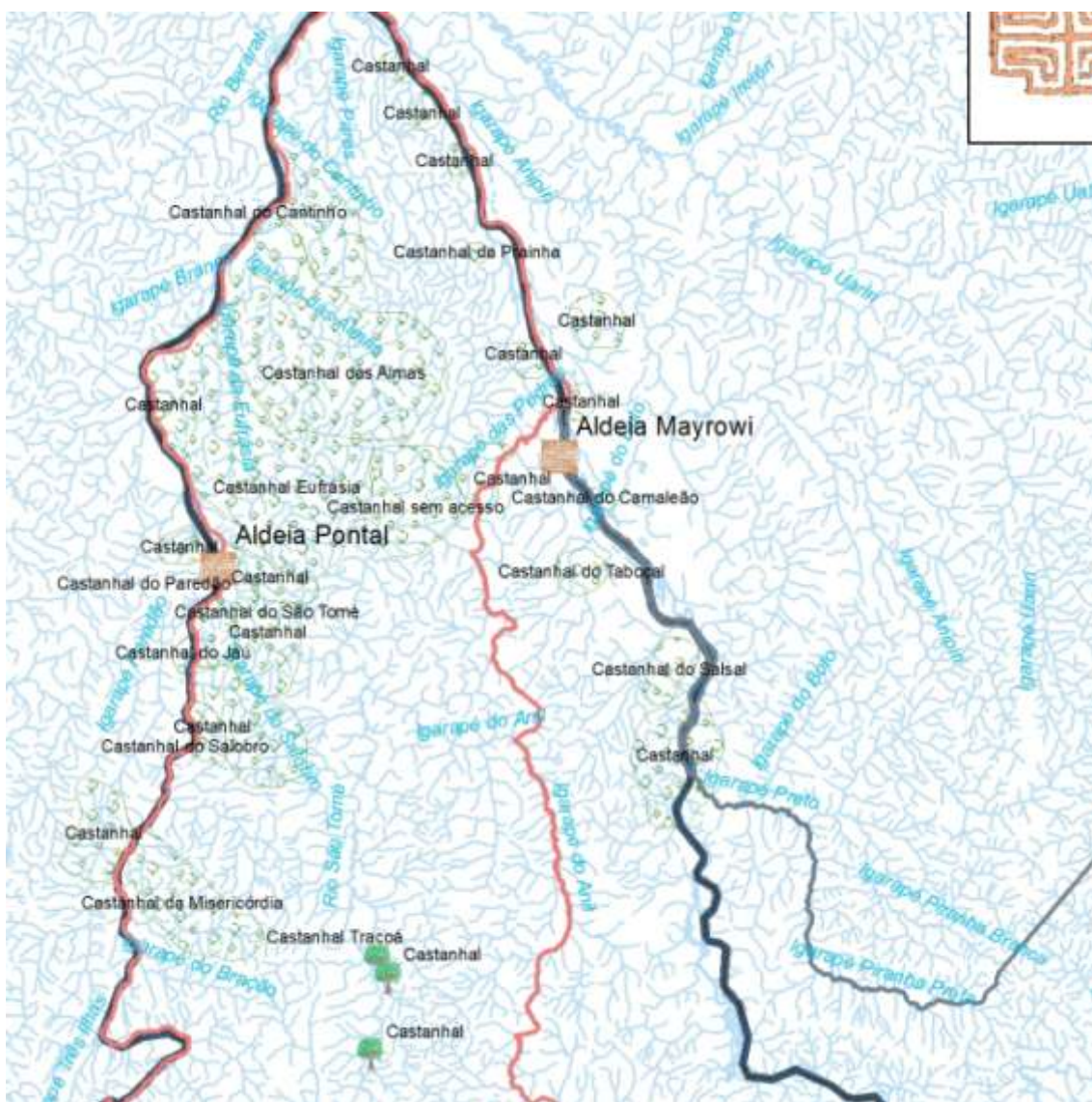


Figura 30. Polígono e zonas pontuadas sobre extração de amêndoas da castanheira (*Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl.).

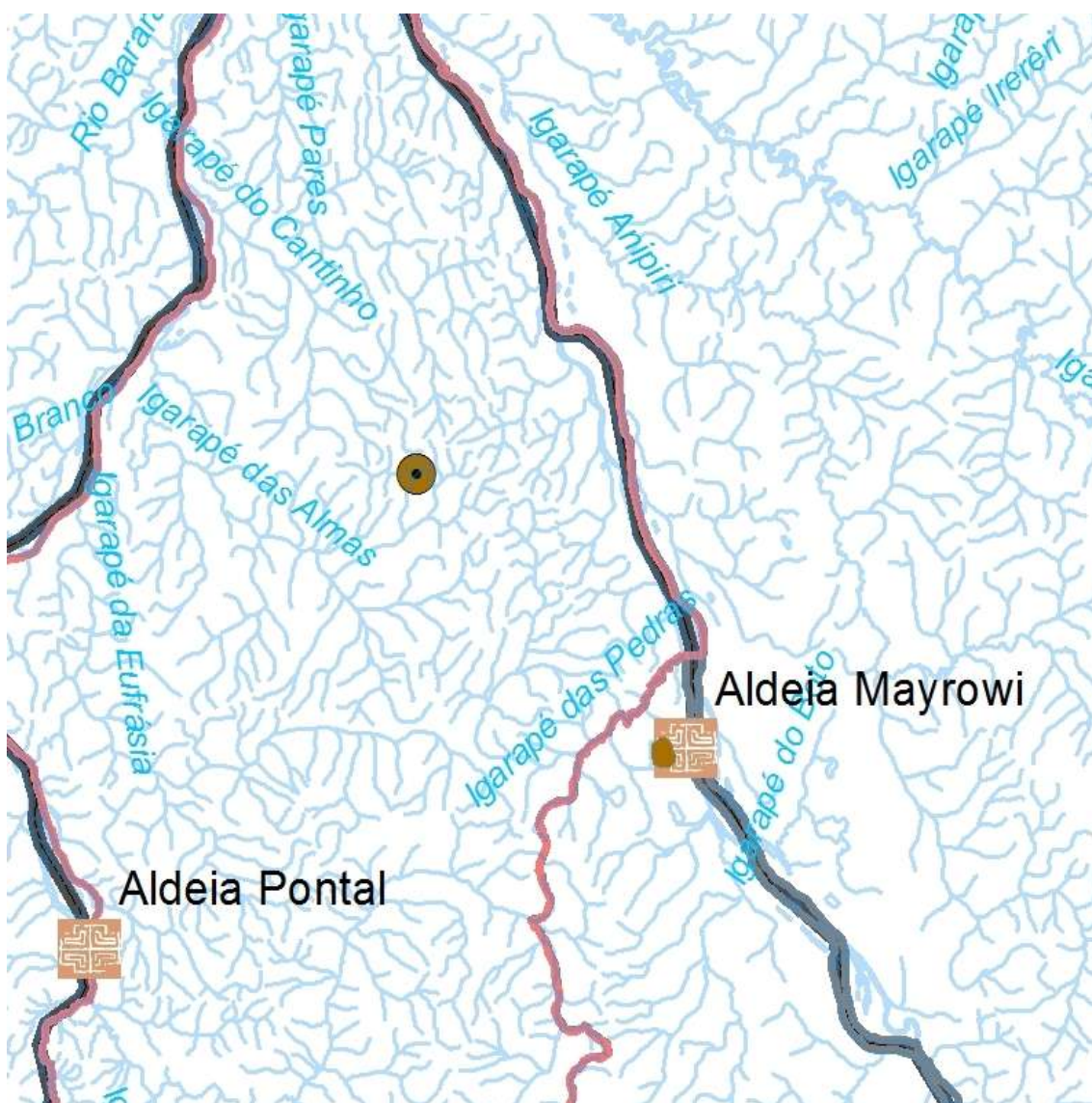


Figura 31. Zonas pontuadas de extração de seiva orgânica de copaíba (*Copaifera* spp.).

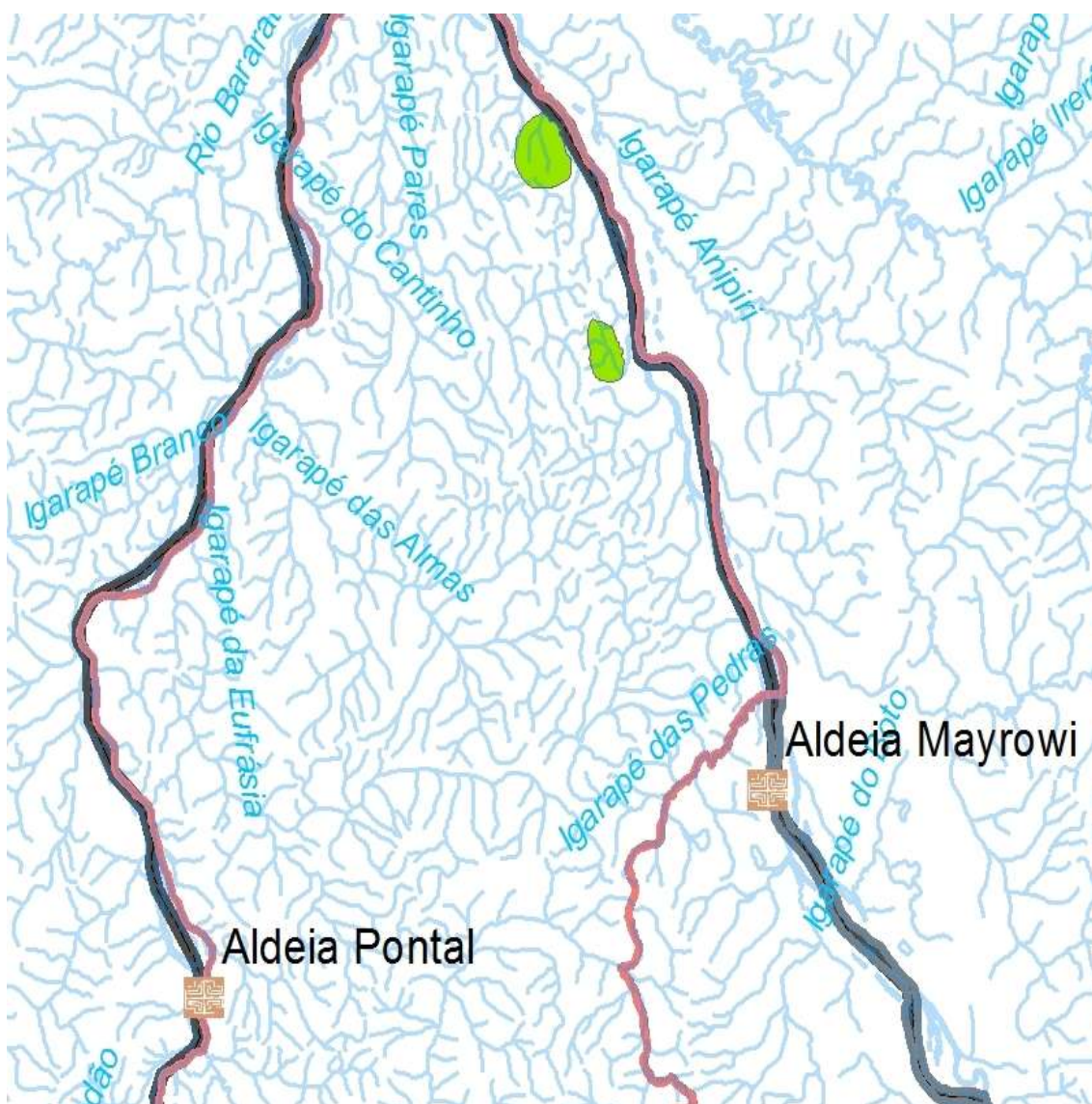


Figura 32. Zonas pontuadas de extração de madeira itaúba-abacate (*Mezilaurus itauba* (Meisn.) Taub. ex Mez.).



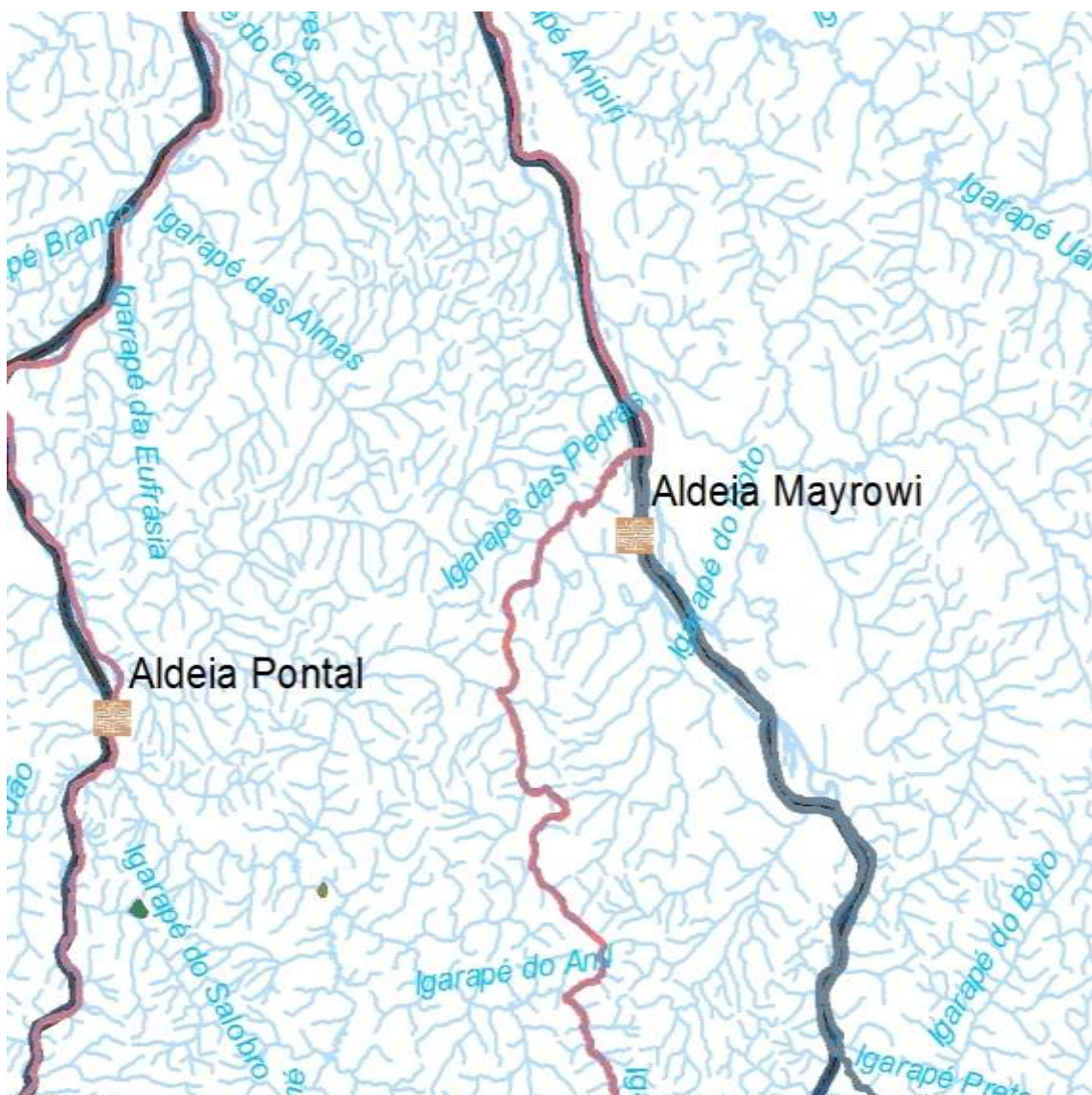


Figura 33. Zonas pontuadas de extração de madeiras ipê (Em verde ocre. *Tabebuia* spp.) e siriva (Em verde Amazonas. *Bactris dahlgreniana* Glassman).

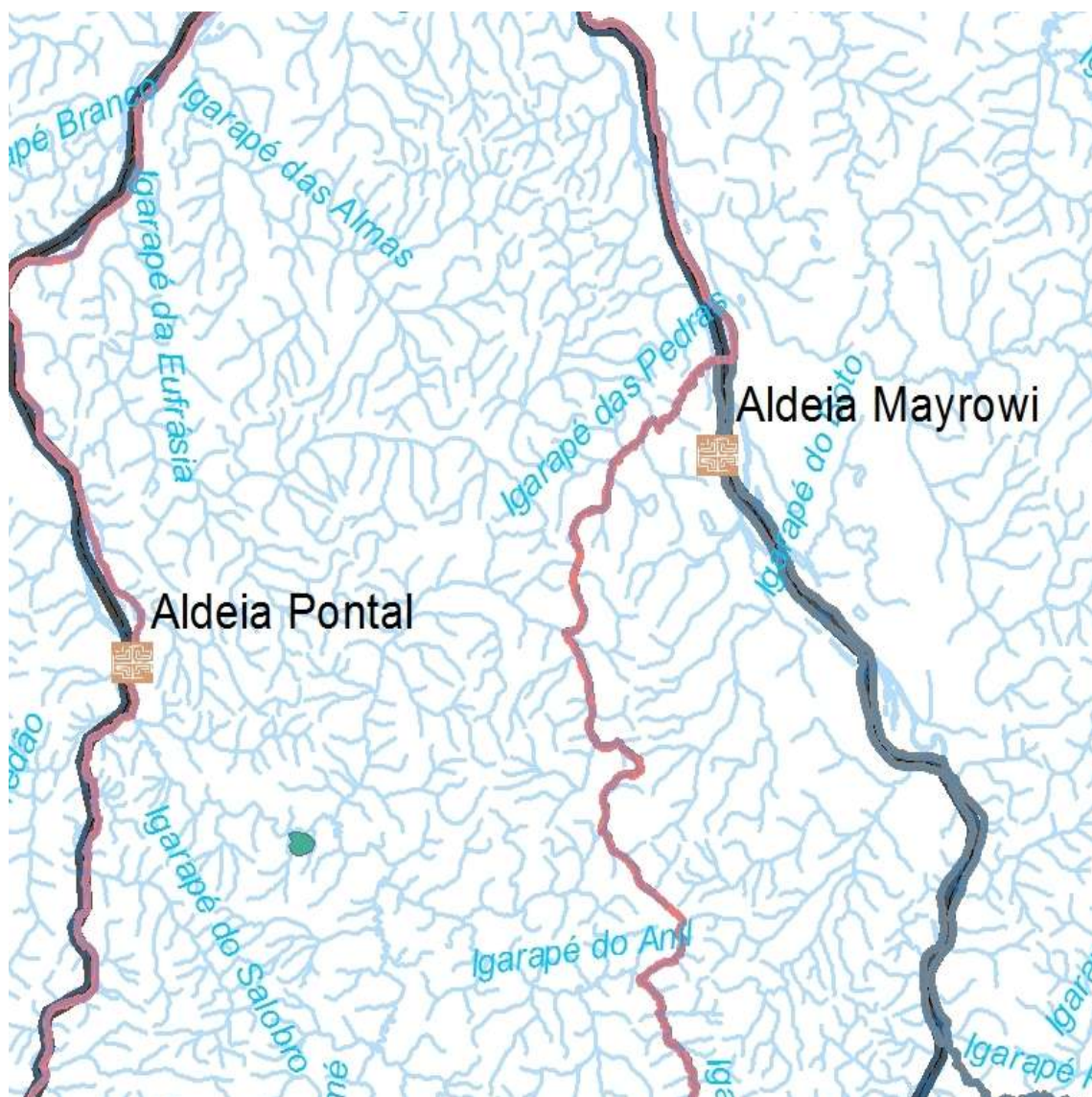


Figura 34. Zona pontuada de extração de madeiras roliças.

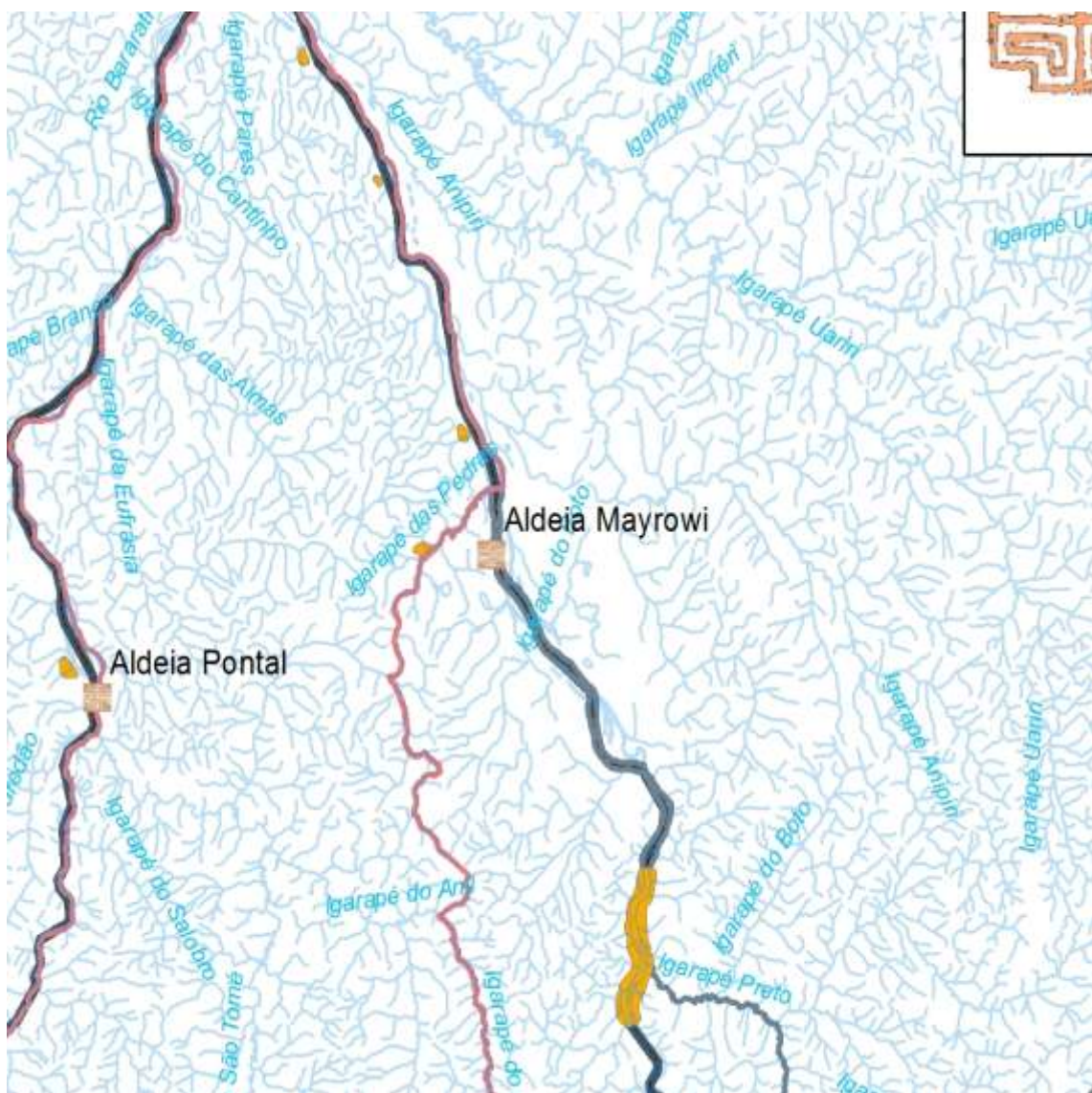


Figura 35. Zonas pontuadas de extração de palhas de babaçu (*Orbignya phalerata* Mart.) e inajá (*Maximiliana maripa* (Aubl.) Drude).

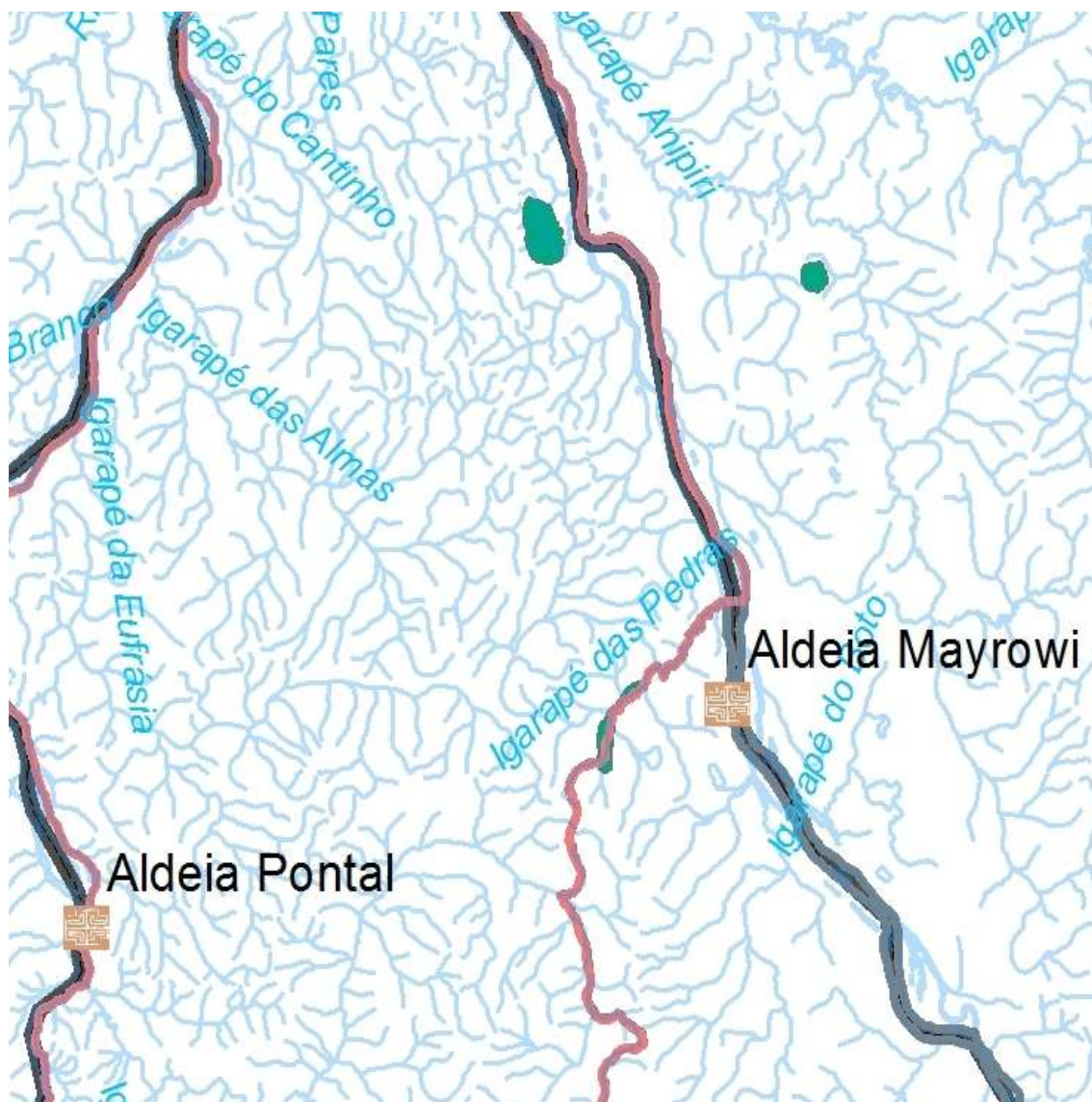


Figura 36. Zonas pontuadas de extração de fibra de arumã (*Ischnosiphon* spp.).

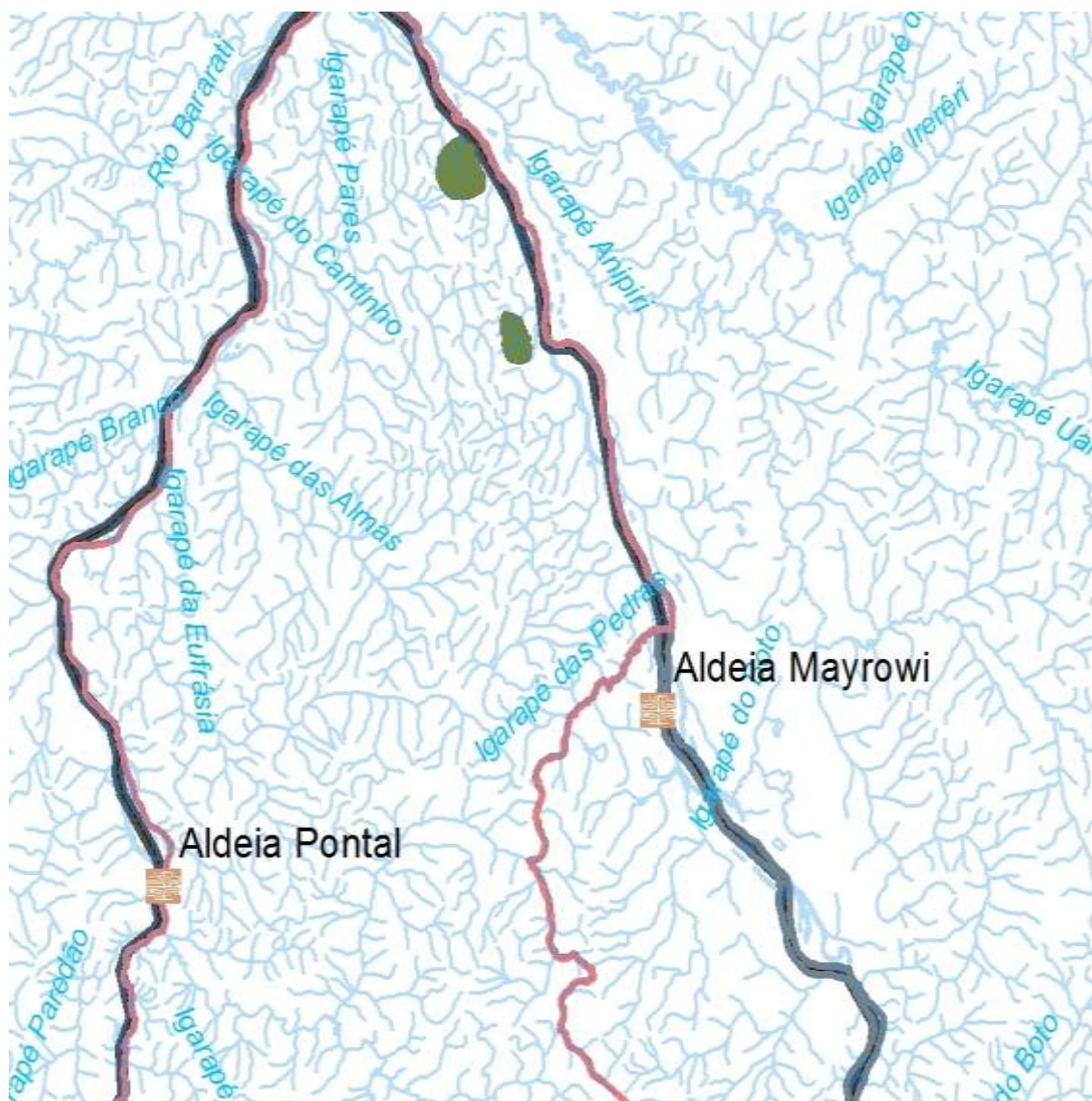


Figura 37. Zonas pontuadas de extração de fibras de cipó-ambé (*Philodendron* spp.).

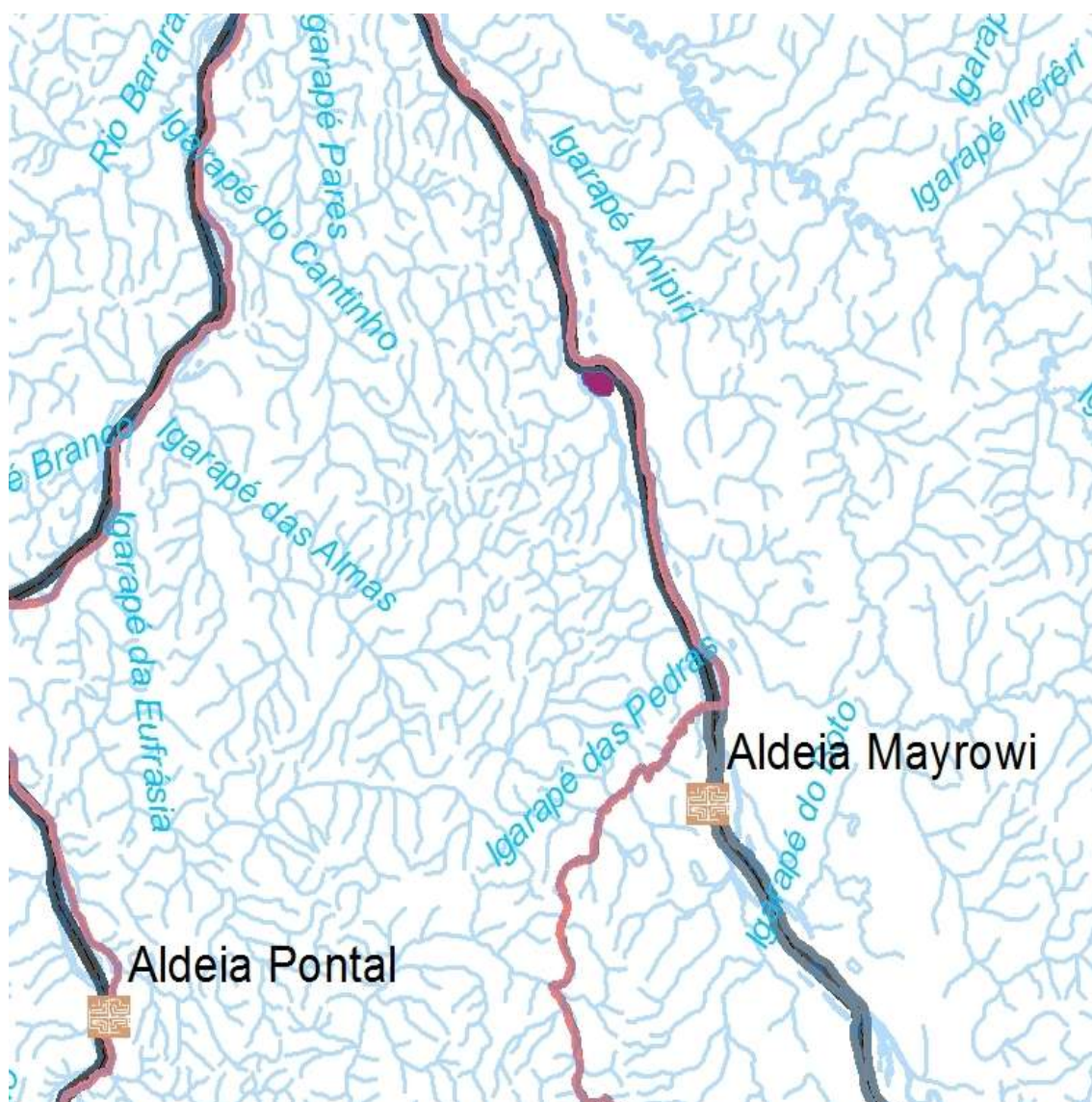


Figura 38. Zonas pontuadas de extração de fibras de cipó-jacitara (*Desmoncus* spp.).

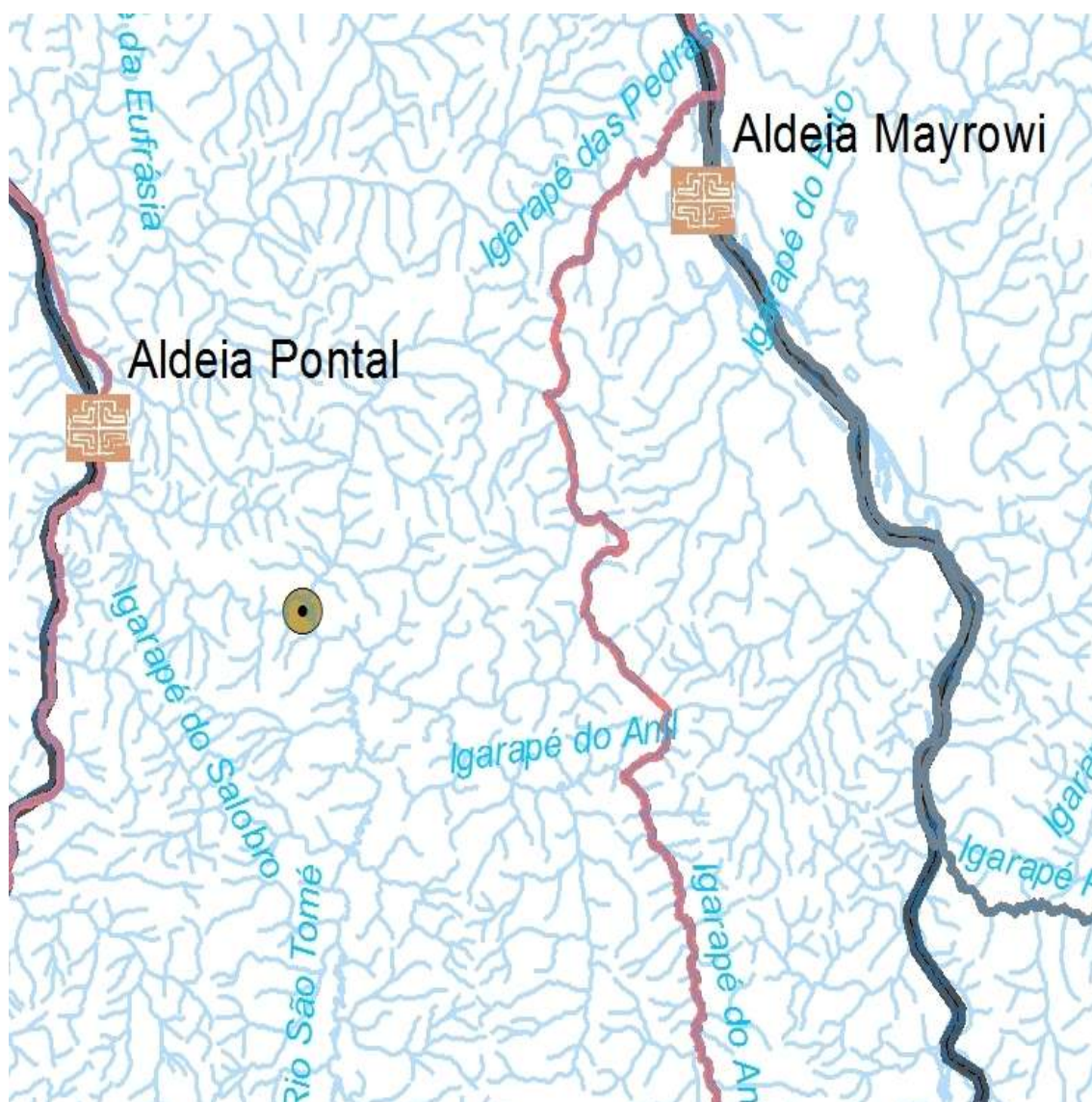


Figura 39. Zonas pontuadas de extração de fibras de cipó-pé-de-galinha (espécie não identificada).

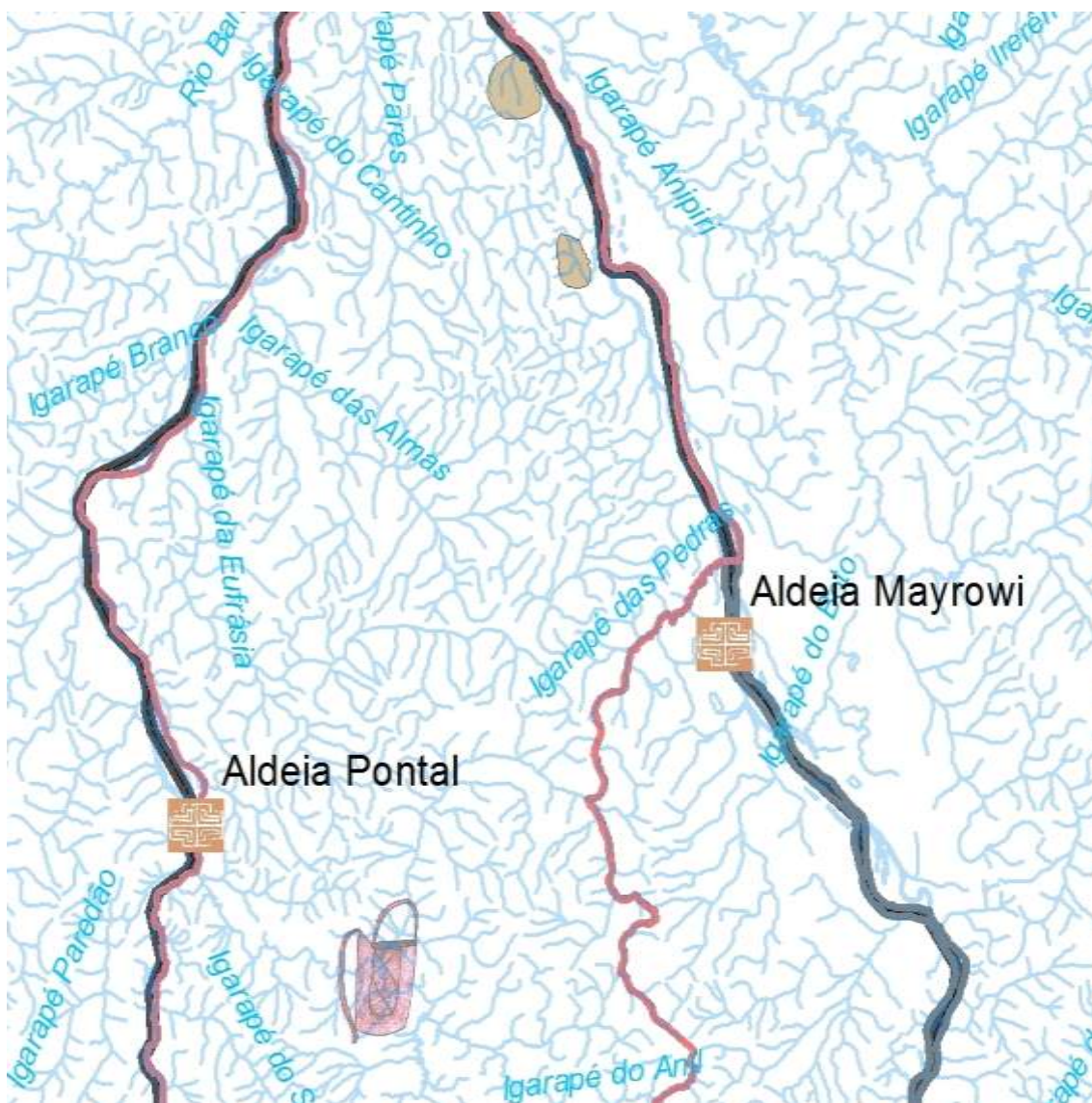


Figura 40. Zonas pontuadas de extração de fibras de cipó-titica (*Heteropsis* spp.).



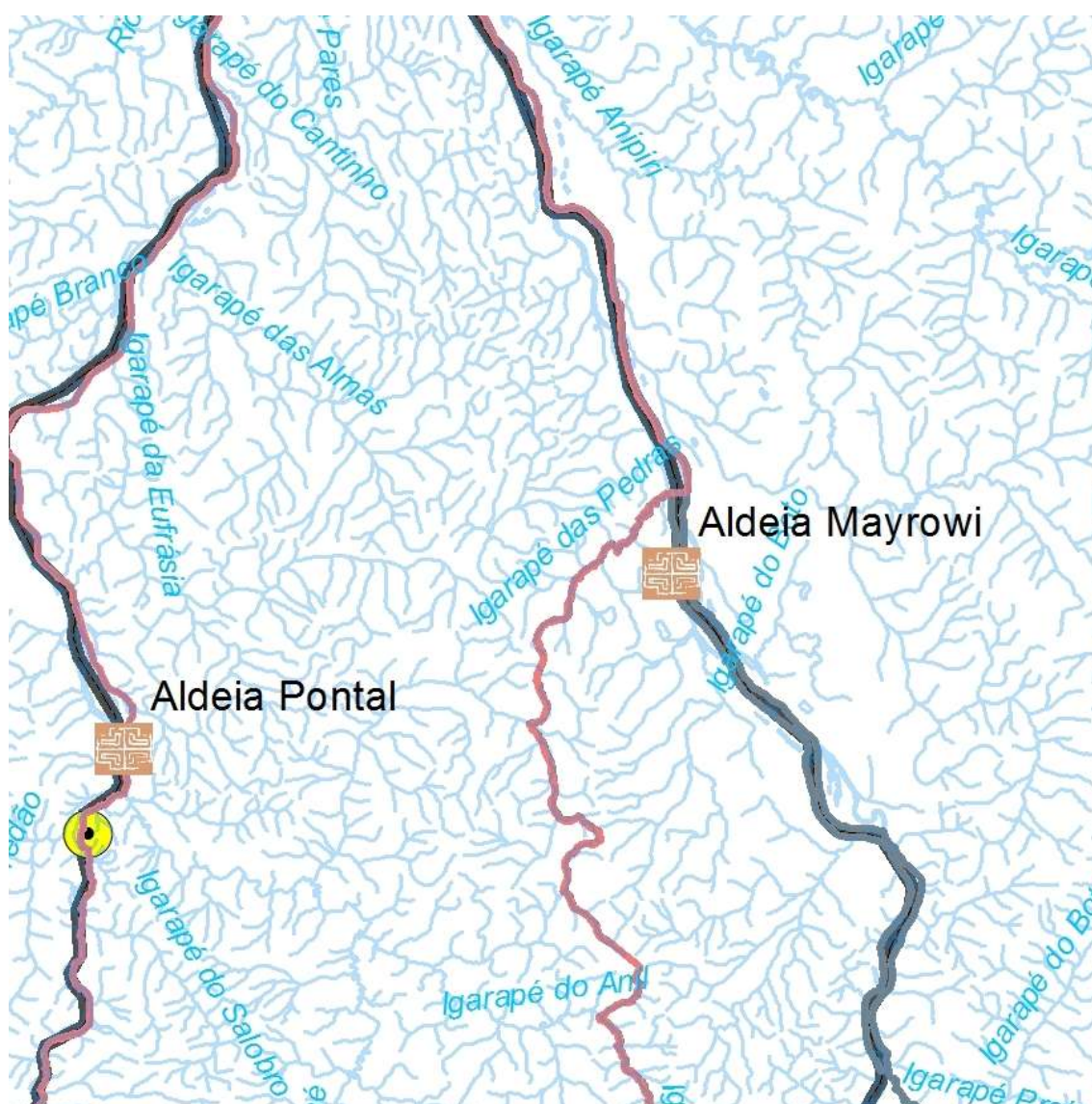


Figura 41. Zona pontuada de extração de planta não identificada de efeito antiálgico para alívio de dores de dente.

- **Zonas de Importância Cultural e Assentamentos.**

Foram apontadas pequenas aldeias no território Apiaká, contudo, somente a aldeia Mayrowi pertence à área de estudo.

Dentre os pontos de interesse cultural se destacam formações geológicas, como morros e cavernas e antigos assentamentos na região (Figura 42).



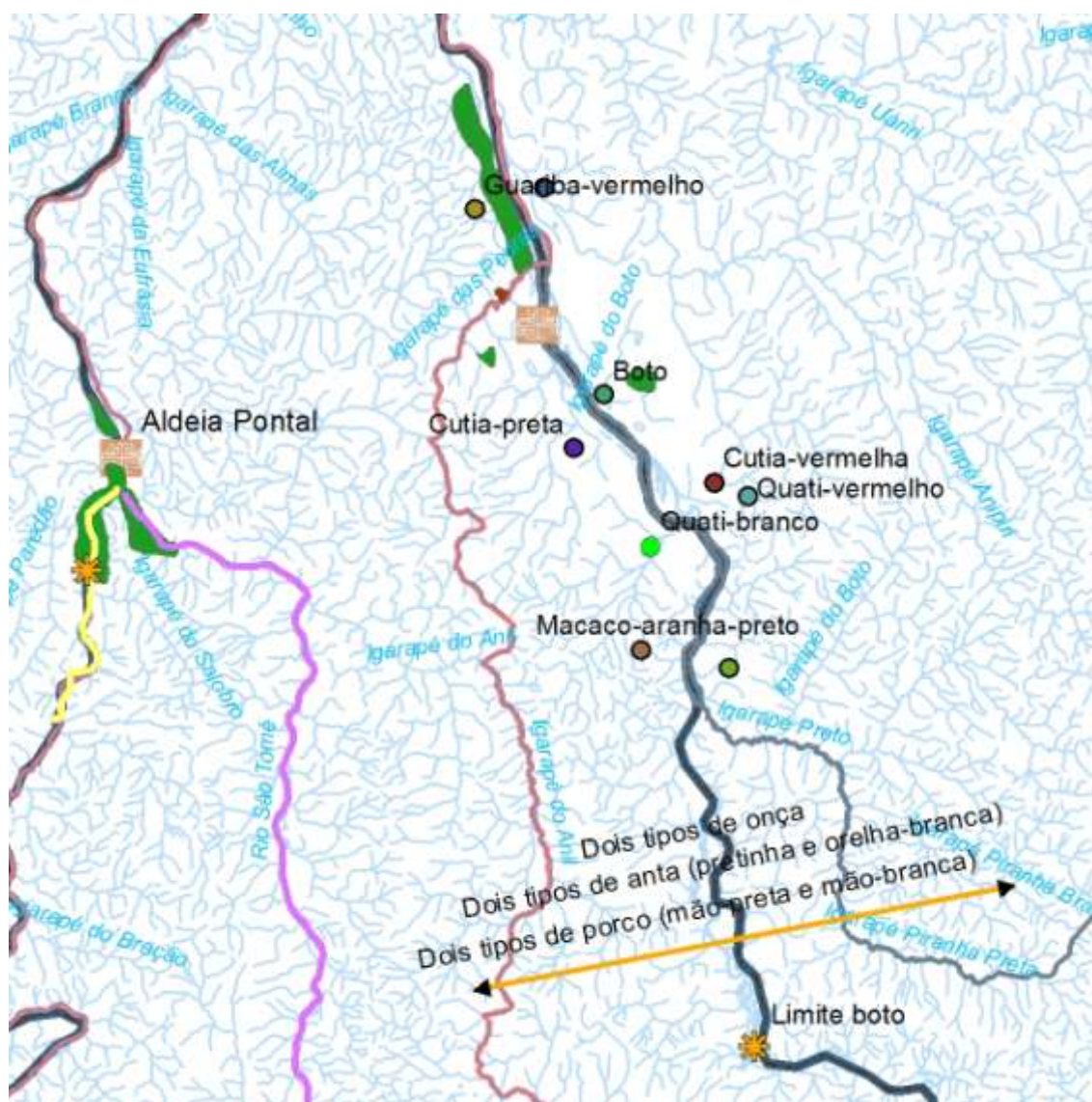


Figura 43. Zonas pontuadas, polígonos e principais espécies de animais de caça explorados.

- **Zonas de Pesca.**

A atividade pesqueira da comunidade Apiaká se dá em toda a extensão do rio Teles Pires e seus afluentes na TI Apiaká. Também recorrem a grandes lagoas de meandro, sendo que algumas são visitadas constantemente em toda época do ano, enquanto outras somente são acessadas em período de cheia dos rios (Figura 44).



Foi relatado pontos de conflito dentro do território indígena, sendo duas áreas de atividade de garimpo não consentida pela comunidade (Figura 45).

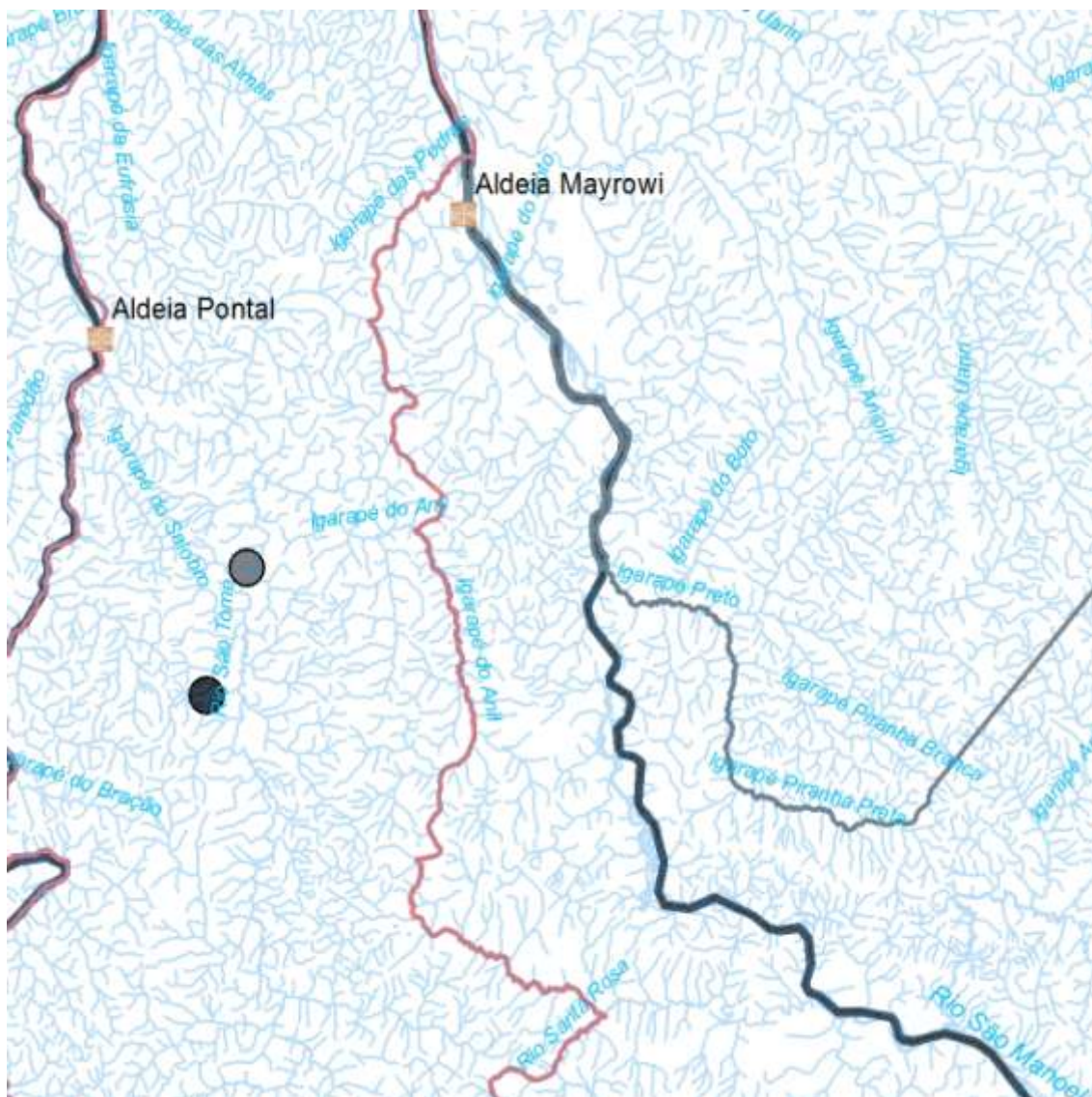


Figura 45. Zonas pontuadas de proteção integral e de conflitos.

### 3.2.3 Reconhecimento das lagoas de meandro.

No dia 19 de maio foi realizada inspeção em lagoas de meandro próximas a aldeia Mayrowi, corpos d'água estes explorados pela comunidade quanto aos recursos de pesca e caça.

Foram visitados três lagoas devido sua acessibilidade, pois as mesmas possibilitam trânsito durante todo ano. Outro trecho observado foi um igarapé que é conectado com duas lagoas, denominado igarapé da Taboca, distante da aldeia Mayrowi em aproximadamente 7,64km. O igarapé da Taboca, a lagoa do Tiju (com dimensão de 498.885km<sup>2</sup>) e lagoa do Piquiarana (104.706km<sup>2</sup>) se inserem à margem oeste do rio Teles Pires; a lagoa do Tambaqui (780.254km<sup>2</sup>) fica à margem leste do rio.

Na Tabela 2 é apresentado os principais dados observados e nas Figuras 46, 47 e 48 a localização dos pontos registrados.

Tabela 2. Lagoas de meandro de uso da comunidade apiaká, sua distância da aldeia Mayrowi e dimensões.

Lagoa	Distância (km)	Perímetro (m)	Área (m <sup>2</sup> )
Lagoa do Tambaqui	2,38	11.555	780.254
Lagoa do Tiju	5,60	4.271	498.885
Lagoa Piquiarana	7,97	2.862	104.706
Igarapé da Taboca	7,64	-	-



Figura 46. Localização da lagoa do Tambaqui em relação a aldeia Mayrowi (Fonte: Google Earth).



Figura 47. Localização de entrada de lagoas em relação a aldeia Mayrowi (Fonte: Google Earth).



Figura 48. Localização das lagoas de uso da comunidade da aldeia Mayrowi (Fonte: Google Earth).

### 3.3 Etnia Munduruku.

Como a etnia Munduruku não teve agenda para a realização da primeira Oficina Participativa de apresentação dos Planos de Trabalho em dezembro de 2015, foi planejada para 26 de janeiro de 2016 a realização desta atividade.

#### 3.3.1 Primeira Oficina Participativa de apresentação do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento – PIFE.

A visita foi realizada no dia 25 de janeiro de 2016 na aldeia Teles Pires. Entretanto, lideranças da comunidade decidiram não ser conveniente seguir com a apresentação do Plano de Trabalho, por não estarem seguras do seu entendimento e por não estarem acompanhados de um servidor da FUNAI que legitimaria o processo (Anexo 8.7). Respeitosamente a equipe atendeu à solicitação exposta encerrando a atividade e não realizando a apresentação do devido plano de trabalho.



Durante os meses decorrentes foi solicitado pela gestão do Programa, que servidores da FUNAI pudessem participar da apresentação da proposta técnica do PIFE.

Após diálogos e negociações, no mês de abril foi realizada a Segunda Reunião de Apresentação do Plano de Trabalho do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento na aldeia Teles Pires, etnia Munduruku.

Contando com a presença de servidores da FUNAI e CHTP, foi obtido êxito na iniciação de diálogos e estreitamento de relações com os munduruku.

### **3.3.2 Segunda Reunião de Apresentação do Plano de Trabalho e equipe executora.**

A oficina foi realizada no dia 31 de abril de 2016, na aldeia polo Teles Pires, contando com a participação da comunidade Munduruku.

O objetivo principal deste encontro foi apresentar a equipe executora das atividades e os métodos de trabalho. Como método de trabalho foi esclarecido que a equipe de campo faria visitas técnicas mensais nas aldeias, observando e registrando o uso dos recursos florestais não madeireiros, localização, distância e meios de locomoção.

Após a abertura de contato com a equipe executora do programa e com a participação de servidores da FUNAI, as lideranças e participantes da oficina puderam compreender a proposta dos trabalhos a se realizarem nas aldeias da etnia Munduruku, entretanto, por evento histórico ocorrido na comunidade, relacionado a inventário florestal e etnozoneamento, a comunidade munduruku considerou a não aceitação da execução do programa, excetuando o manejo florestal de seus castanhais e áreas de roças tradicionais (Anexo 8.8).

### **3.4 Atividades adicionais.**

Como requisito por parte do PBAI, onde se faz necessário o uso de legendas para os mapas com elementos das etnias assistidas, foram realizadas dinâmicas de grupo entre as comunidades, com o emprego de material didático para desenhos e ilustrações. Dessa maneira, foi recolhido amplo material para ser escolhido e empregados como ícones ilustrativos dos etnomapas, de acordo com cada etnia.

## **4 Demonstração de conformidades.**

Segundo o Programa Básico Ambiental Indígena, ao final do inventário florestal e etnomapeamento, deverá ser realizada uma oficina participativa onde serão apresentados os resultados das expedições nas TIs, as análises dos dados dos inventários florestais e dos mapas temáticos. Serão avaliados, em conjunto com as comunidades indígenas, a consolidação das informações, de forma a se ajustar, caso haja necessidades, os elementos dos mapas temáticos e sua posterior validação.

O Programa de Inventário e Etnomapeamento se encontra em seu primeiro semestre de atividades, ou seja, em metade de seu cronograma executado, sendo que os resultados são preliminares e de caráter qualitativo, restando executar e apresentar os dados fitossociológicos, validação dos mapas temáticos e consolidação das informações obtidas junto às comunidades assessoradas.

Na Tabela 3 é apresentada as atividades já contempladas e as próximas ações desse Programa.

**P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento**



Tabela 3. Check List das atividades do Programa Básico Ambiental Indígena realizadas no Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento (PIFE) – P.45.

COMPANHIA HIDRELÉTRICA TELES PIRES DIRETORIA DE MEIO AMBIENTE / COORDENAÇÃO INDÍGENA CHECK LIST ATIVIDADES PBA P.45							
ATIVIDADE PREVISTA			ETNIA	SITUAÇÃO ATUAL	ATIVIDADES EXECUTADAS		
PBAI	INÍCIO	TÉRMINO			INÍCIO	TÉRMINO	OBSERVAÇÕES
<b>Plano Básico Ambiental Indígena</b>							
Apresentação do Plano de Trabalho e equipe executora	Dez/2015	Dez/2015	Kayabi	Apresentação da equipe executora do Programa e métodos a ser empregados.	Dez/2015	Dez/2015	Atendida
	Dez/2015	Dez/2015	Apiaká		Jan/2016	Jan/2016	Atendida
	Dez/2015	Dez/2015	Munduruku		Jan/2016	Abr/2016	Atendida
Cadastramento inicial e oficinas de etnomapeamento	Jan/2016	-	Kayabi	Levantamento de informações, por meio de oficinas participativas de etnomapeamento. A etnia Munduruku declinou do inventário florestal e etnomapeamento em seu território.	Abr/2016	Abr/2016	Atendida
	Jan/2016	-	Apiaká		Abr/2016	Abr/2016	Atendida
	Jan/2016	-	Munduruku		-	-	-
Atividade de campo – inventário florestal	Fev/2016	Abr/2016	Kayabi	Para segurança da equipe, foi decidido executar as atividades de campo em período climático de regime de estiagem.	Jul/2016	Jul/2016	Em atendimento
	Fev/2016	Abr/2016	Apiaká		Ago/2016	Ago/2016	Em atendimento
	-	-	Munduruku		-	-	-
Identificação taxonômica dos espécimes coletados	Fev/2016	Jun/2016	Kayabi	Após as atividades de campo, os exemplares serão depositados e identificados em herbários oficiais.	Ago/2016	Ago/2016	A realizar
	Fev/2016	Jun/2016	Apiaká		Set/2016	Set/2016	A realizar
	-	-	Munduruku		-	-	-
Análises dos dados de campo	Fev/2016	Jun/2016	Kayabi	Em posse dos dados de campo serão realizados os tratamentos	Ago/2016	Ago/2016	A realizar
	Fev/2016	Jun/2016	Apiaká		Set/2016	Set/2016	A realizar
	-	-	Munduruku		-	-	-
Validação dos mapas	Ago/2016	Out/2016	Kayabi	Serão realizadas oficinas de validação	Set/2016	Out/2016	A realizar

**P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento**



Tabela 3. Check List das atividades do Programa Básico Ambiental Indígena realizadas no Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento (PIFE) – P.45.

COMPANHIA HIDRELÉTRICA TELES PIRES							
DIRETORIA DE MEIO AMBIENTE / COORDENAÇÃO INDÍGENA							
CHECK LIST ATIVIDADES PBA P.45							
ATIVIDADE PREVISTA			ETNIA	SITUAÇÃO ATUAL	ATIVIDADES EXECUTADAS		
PBAI	INÍCIO	TÉRMINO			INÍCIO	TÉRMINO	OBSERVAÇÕES
<b>Plano Básico Ambiental Indígena</b>							
temáticos e apresentação dos resultados nas TIs	Ago/2016	Out/2016	Apiaká	das informações consolidadas junto as etnias assessoradas, assim como as apresentações dos resultados.	Set/2016	Out/2016	A realizar
	-	-	Munduruku		-	-	-

## **5 Considerações finais.**

A Expedição Cururu-Açu e Afluentes trouxe resultado profícuo junto a etnia Kayabi, despertando nos mesmos preocupação com a ausência de personagens nos locais averiguados e interesse na expansão de assentamento e uso dos recursos. Também demonstraram inclinação a participarem de forma atuante em conjunto com os componentes deste programa, pois à medida que os diálogos e ações vêm se desenvolvendo, a comunidade têm tido maior compreensão das propostas estabelecidas. O mesmo se pode afirmar em relação aos Apiaká, onde têm recebido os planos de forma responsável e amistosa, pois consideram de relevada importância os trabalhos exercidos na comunidade.

## **6 Próximas atividades.**

Considerando a continuidade do Programa pelo cronograma de visitas mensais proposto no Plano de Trabalho, segue abaixo o detalhamento da próxima atividade com as etnias trabalhadas, sendo:

- Inventário florestal;
- Identificação taxonômica dos exemplares coletados;
- Interpretação, tratamento e análise dos dados de campo,
- Validação dos mapas temáticos e resultados dos inventários.

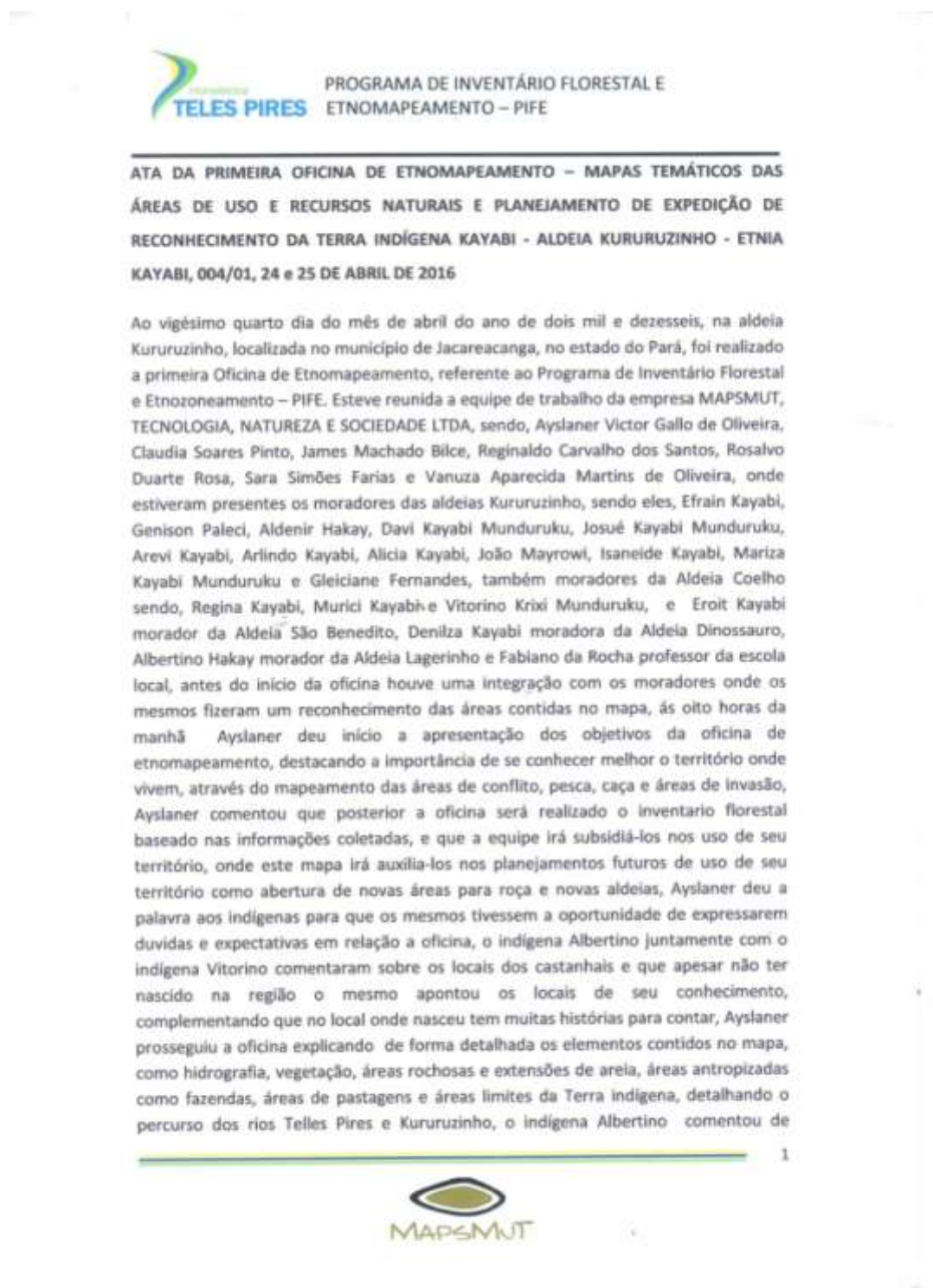
---

## 7 Referência bibliográfica.

- BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Programa Nacional de Educação Ambiental. Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação. Organização: Francisco de Assis Morais da Costa. Brasília: MMA, 2008. 50p.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Coordenação geral de gestão ambiental (org.). Plano de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas: Orientações para Elaboração. Brasília: FUNAI, 2013.
- JGP CONSULTORIA E PARTICIPAÇÕES Ltda. Reformulação dos estudos do componente indígena da UHE Teles Pires: relatório final. São Paulo, jul. 2011. Relatório técnico.
- THE NATURE CONSERVANCY (TNC). Etnomapeamento nas comunidades indígenas da Amazônia. Belém: TNC. [2006]. Disponível em: <<http://www.nature.org/wherewework/southamerica/brasil/work/art16607.html>>. Acessado em: 23/07/2016.
- THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

## 8 Anexos.

### 8.1 Ata da Primeira Oficina de Etnomapeamento – Etnia Kayabi e lista de presença.





PROGRAMA DE INVENTÁRIO FLORESTAL E  
ETNOMAPEAMENTO – PIFE

experiências anteriores como a subida do rio até o São Tomé, e que já andou em muitos igarapés, e que os castanhais estão concentrados mais em um lado do rio, questionando o porquê dos castanhais se concentram em um determinado lado do rio, Ayslaner explicou que possivelmente o tipo do solo pode ter influência, devido um determinado lado do rio apresentar solo arenoso e outro solo mais argiloso, o indígena Albertino complementou que andou muito pelas áreas de garimpo como cajueiro, porto de areia, e que devido o passar dos anos não se movimenta mais por essas áreas, Ayslaner deu continuidade a oficina mostrando no mapa a localização das aldeias adjacentes e complementando que a maior dificuldade é conhecer todo o território da Terra Indígena, enfatizando da importância deles fazerem uso de seu território que está sujeito a invasões, o componente da equipe Rosalvo comentou que a implantação da aldeia São Benedito foi de grande importância para barrar as invasões na Terra Indígena, Ayslaner prosseguiu comentando da importância dos moradores apontarem os locais de uso atual e de anos anteriores, Albertino comentou que eles estão limitados tanto na caça como na pesca, que mesmo em seu território há algumas limitações impostas pelo homem branco, complementando da importância deles colocarem todos os detalhes no mapa, Ayslaner argumentou que os dados coletados na oficina se tornará um documento oficial para que futuramente eles possam reivindicar seus direitos de uso de seu território, e que através das informações coletadas será uma forma de monitoramento, que acaba sendo limitado pela ausência de recursos, e que a partir desse conhecimento da terra indígena será uma forma de fazer um levantamento das informações de possíveis uso do território, e este conhecimento será uma forma de evitar conflitos com fazendeiros, e que o uso de equipamentos como GPS, auxiliará neste monitoramento da TI, e a utilização destas ferramentas atuará positivamente, Ayslaner cogitou a possibilidade de um sobrevôo na Terra Indígena com o acompanhamento de alguns indígenas como forma de monitorar a terra, o indígena Albertino pediu a palavra comentando sua aprovação desta possível atividade, Ayslaner complementou que a navegação no rio Kururuzinho será importante para um maior conhecimento da área, o indígena Eroit pediu a palavra comentando que será necessário a presença de moradores mais antigos e que os jovens presentes na reunião não conhecem estes locais, e que em uma viagem será mais fácil detalhar e apontar os locais, e descendo o rio fazendo observações, mapeando e marcando ponto do GPS seria mais interessante, o indígena Albertino complementou que no rio Kururuzinho há um queda de água denominada Salto, e que eles tem interesse em conhecer seu território destacando que no lado do estado do Mato Grosso não está favorável para eles, demonstrando sua preocupação em futuras perdas de território, ressaltando dificuldades em uma ampla ocupação de seu território seja com moradias ou abertura de roças, sendo uma forma de obterem

2







PROGRAMA DE INVENTÁRIO FLORESTAL E  
ETNOMAPEAMENTO – PIFE

domínio de sua terra, posteriormente os indígenas presentes na oficina se reuniram entorno do mapa disposto em uma mesa para que os mesmos façam os apontamentos nos mapas, sendo decidido como temática inicial "ameaças e áreas de conflitos", onde irão demarcar os locais de fronteiras com a TI, juntamente com a liderança indígena da aldeia São Benedito o senhor Eroit que apontou elementos como a primeira balsa localizada nas proximidades da aldeia, posteriormente apontaram os igarapés Jabuticaba e Pioneiro localizados no entorno e as fazendas que fazem fronteiras, citando também as estradas antigas, o indígena Atú cogitou uma possível navegação no rio São Benedito para maior detalhamento das informações, Eroit reforçou seu interesse em navegar pelo rio Kururuzinho e a possível subida aos rios São Marcelo e Kururu mirim, os indígenas João e Albertino moradores mais antigos também auxiliaram nos apontamentos, os mesmos comentavam algumas informações dos locais que serão visitados; prosseguindo foram citadas as pousadas Taimaçú e São Benedito, e a divisa com a FAB, outros igarapés como, igarapé piranha, igarapé raia e trairão foram citados, prosseguindo a oficina também foi cogitado a subida ao rio Ximari, que está localizado no município de Apiacás, seguindo os apontamentos os indígenas destacaram os empreendimentos situados no entorno da Terra Indígena, citando a UHE Teles Pires e UHE São Manoel sendo estas as informações finais da temática ameaças e áreas de conflito, reiniciando as atividades com a elaboração dos segundos apontamentos tendo como temática "recursos vegetais", onde serão apontados os locais que estão disponíveis os recursos para confecção de artesanato, coleta de sementes e utensílios de uso, sendo citado os locais conhecidos pelos indígenas, destacando os castanhais localizados, no baixo Apiacás, no Ximari, no morro do Jabuti e nas proximidades do lago Azul, o indígena Atú citou também a presença de calcário na região do morro do Ximari, local que desperta interesse de "gringos", também foram citadas áreas de capoeiras onde é encontrado espécies como tucumã, pupunha brava utilizada para confeccionar arcos, tarumã, ressaltando que a espécie encontrada nas proximidades da aldeia Kururuzinho é diferente da encontrada na aldeia São Benedito, no decorrer dos apontamentos também foram citados o cumaru, patauá, inajá, copaiba, pimentas nativas e áreas de flechal, o indígena Atú comentou que os kaybi conhecem as áreas acima do rasteira, complementando que seria bom os indígenas jovens se unirem aos mais velhos, continuando os apontamentos para elaboração do terceiro mapa com a temática "recurso animal (caça e pesca)" que abordará as áreas de caça e pesca sendo citado a pesca de matrinxã e os períodos do ano para coleta do traçajá e tartarugas, sendo mais encontradas na praias ao longo do rio, dando continuidade à oficina com a elaboração do quarto mapa, com a temática "pontos históricos e outros locais de interesse", foram citados locais com possíveis ossos de ancestrais, e a cachoeira do Salú com desenhos arqueológicos, citando

3





PROGRAMA DE INVENTÁRIO FLORESTAL E  
ETNOMAPEAMENTO – PIFE

também estradas utilizadas em antigas expedições e cavernas situadas no morro do Jabutí, finalizando a oficina como resultado tem-se os apontamentos para elaboração dos mapas temáticos onde os indígenas demonstraram interesse em realizar um sobrevoo na Terra Indígena e expedições ao rio Kururuzinho e São Tomé, Ayslaner se dispôs a organizar o agendamento destas atividades junto a CHTP, sendo que na manhã do dia vinte e cinco de abril de dois mil e dezesseis será realizado uma reunião com os indígenas para organizar as demandas da possível expedição e previamente listar as pessoas que irão participar, sendo citados a presença de um representante da empresa Gaia Social, um representante da Funai, um membro da equipe MapsMut complementando com representantes indígenas indispensáveis para esta expedição, cogitando em torno de dezesseis pessoas para participar deste deslocamento, no encerramento da oficina Ayslaner presenteou a comunidade com o livro "kaybi os índios do Brasil central", que consta um relato histórico dos Kayabi, o livro ficará aos cuidados do colégio local, a disposição da comunidade para leitura, encerrando as atividades no período da manhã foi servido um almoço para a comunidade, no período da tarde na presente data, houve uma integração com a comunidade, sendo um processo lúdico de coleta de elementos referentes a identidade da etnia, onde os mesmo transmitiram suas percepções através de desenhos, na manhã do dia vinte e cinco de abril de dois mil e dezesseis às sete horas e tinha minutos deu início a reunião de planejamento de expedições de reconhecimento da terra indígena kayabi, simultaneamente houve uma integração com alunos da turma do sexto ano da Escola Estadual Indígena Itaawy'ak, onde o professor Fabiano fez uma demonstração dos mapas utilizados na Oficina Participativa de Etnomapeamento, e posteriormente os mesmos foram agrupados dando continuidade a atividade realizada com a comunidade na tarde do dia anterior, a atividade contou com a participação dos seguintes moradores locais, Anderson Krixí Munduruku, Aukosin Kayabi, Elimar Munduruku, Albertino Hakay, Orlando Apiaká, Arlindo Kayabi, Rodrigo Yot, Atú Kayabi, Thais Kayabi, Eliane Waro Munduruku, Valéria Krixí Munduruku, Dinei Munduruku, Vitor Munduruku, Alan Bruno Kayabi, Vanderson Munduruku, Willian Kayabi, Walison Kayabi, Fabiano Rocha e Max Moris, prosseguindo as atividades foram definidas as integrantes da vigem, equipamentos necessários, combustível e alimentação, se dispuseram a participar da expedição os seguintes moradores, Albertino, Diego, Arlindo, Francisco, Atú, Eroit, Rodrigo, Marcelo (Gaia), Rosalvo, Ayslaner, Orlando, Mateus, Machadinho, Claudenir, Juvenildo, Clóvis (Funai), Aldenir, Max, Pawap, João e Roberto, sendo que a lista destes integrantes está sujeito a alterações devido o surgimento de possíveis compromissos dos envolvidos, em anexo a ata está uma lista detalhada dos equipamentos a serem utilizados. Não havendo nada mais, eu Cláudia

4





Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento - PIFE  
 Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestal Não Madeireiro – PIPFNM



**LISTA DE PRESENCIA**

Evento: Oficina Participativa de Etnomapeamento.

Objetivo: Produzir mapas temáticos sobre as áreas de uso e recursos naturais das TT's.

Data: 24 / Abril / 2016.

Horário: 08:00 h. às 12:00 h.

Aidela: Murumangibe

NOME	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
Evast Kaitigdy	Zaira Benedita	[Assinatura]
Elmano Wangdi	Murumangibe	[Assinatura]
Chilipa Kambai	diversidade	[Assinatura]
Oplesda Papei	Murumangibe	[Assinatura]
Oplesmin Kapoy	Kuruma Sicho	[Assinatura]
Alberto O Jotaky	Agenda 10	[Assinatura]
Don Tegeki Mpanchanki	Murumangibe	[Assinatura]
Agasie Kopolokapandukia	Murumangibe	[Assinatura]
Wilson D Kixi m-ur-dunika	Coelbo	[Assinatura]
Murice Vapaki	Murumangibe	[Assinatura]
Prasim Ayobku	Murumangibe	[Assinatura]
Paulo Jago	Profissio	[Assinatura]
Paulus do Tcha	Kurumangibe	[Assinatura]
Mounga Koyala m-ur-dunika	Kurumangibe	[Assinatura]
Arca Koyali	Kurumangibe	[Assinatura]



Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento - PIFE  
 Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestal Não Madeireiro – PIPFNM



**LISTA DE PRESEÇA**

Evento: Oficina Participativa de Etnozoneamento.  
 Objetivo: Produzir mapas temáticos sobre as áreas de uso e recursos naturais das TT's.

Data: 24 / Abril / 2016

Horário: 08:00 h. às 12:00 h.

Aldela: Kuruayngabo

NOME	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
Alcassilda Araújo	Kuruayngabo	Alcassilda Araújo
Regina Kaurali	Kuruayngabo	Regina Kaurali
Alcassilda Araújo	Kuruayngabo	Alcassilda Araújo
Demago Egonzaga Alarcón de Oliveira	Kuruayngabo	Demago Egonzaga
Ignacio M. Gilce	Kuruayngabo	Ignacio M. Gilce
Regina M. S. Santos	MAPSMUT	Regina M. S. Santos
Wanda Simões Vasili	MAPSMUT	Wanda Simões Vasili
Elisabete Duarte Viana	MAPSMUT	Elisabete Duarte Viana
Alcassilda Araújo de Oliveira	MAPSMUT	Alcassilda Araújo de Oliveira



Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento - PIFE  
 Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestal Não Madeireiro – PIPFNM



**LISTA DE PRESENCIA**

Evento: I Oficina Participativa de Etnomapeamento.  
 Objetivo: Planejar expedições de reconhecimento da terra indígena Kayabi  
 Data: 25 / Abril / 2016  
 Horário: 09 h. às 11:30 h.  
 Aídeia: Kuruwajinda.

NOME	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
MITELO Kiriri m d r k	KURATE ZEMO	[Assinatura]
Ayteme Kayabi	KURATE ZEMO	[Assinatura]
Blawer I. Mawabi	Kuruwajinda	[Assinatura]
Alukany Haba	Kuruwajinda	[Assinatura]
Alukany Pista	Kuruwajinda	[Assinatura]
[Assinatura]	Kuruwajinda	[Assinatura]
Reduigo yar	Kuruwajinda	[Assinatura]
AIU KAYABI	Kuruwajinda	[Assinatura]
Taiu Kayabi	Kuruwajinda	[Assinatura]
Elomni Ucho mawandukuku	BARRO VERDE	[Assinatura]
Yalona Ucho mawandukuku	BARRO VERDE	[Assinatura]
Yoni mawandukuku	BARRO VERDE	[Assinatura]
Yi Tai mawandukuku	BARRO VERDE	[Assinatura]
Yalona mawandukuku	BARRO VERDE	[Assinatura]
Yalona mawandukuku	BARRO VERDE	[Assinatura]



Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento - PIPE  
 Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestal Não Madeireiro – PIPFNM



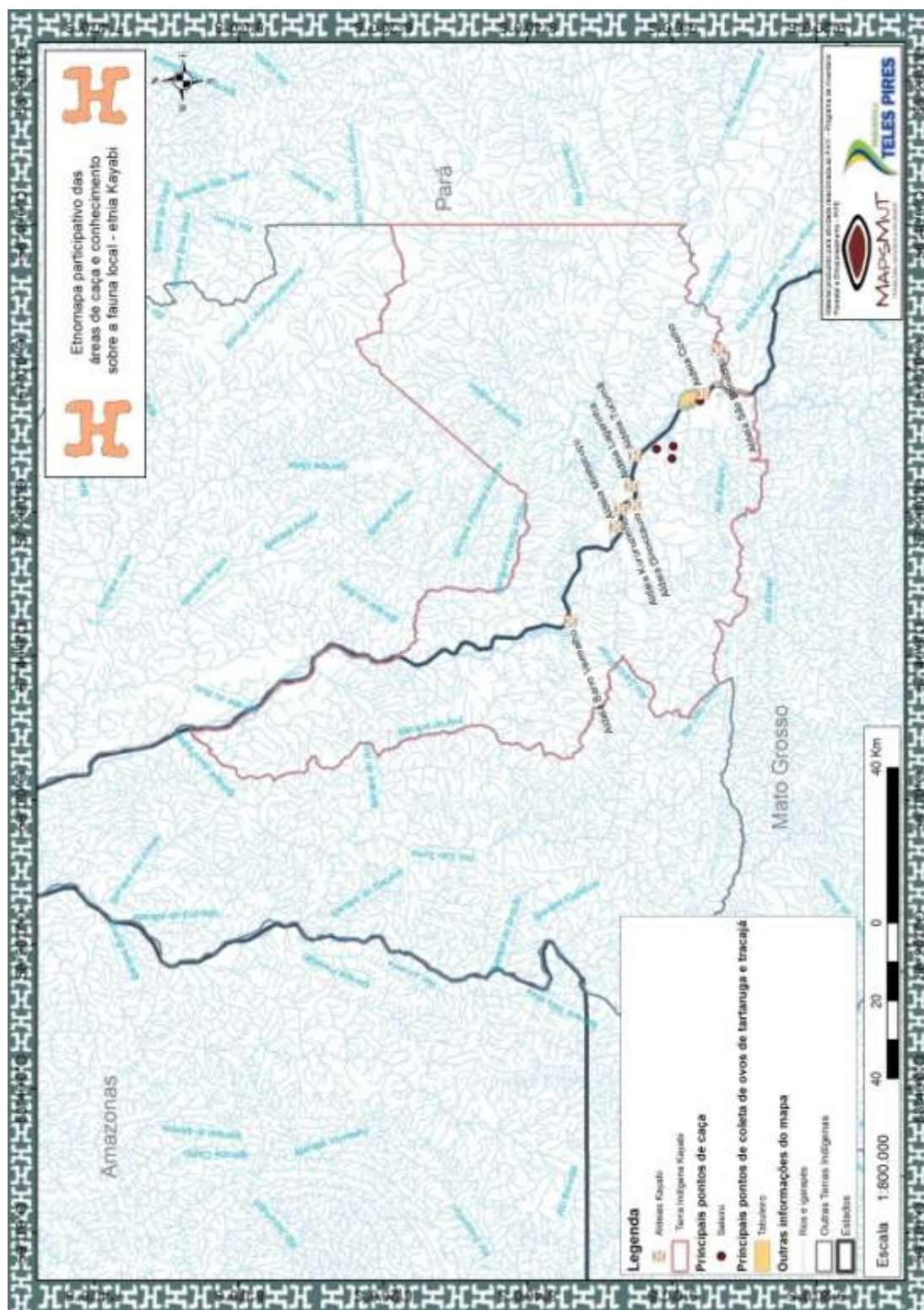
**LISTA DE PRESENCIA**

Evento: Oficina Participativa de Etnomapeamento.  
 Objetivo: Planejar expedições de reconhecimento da terra indígena Kayabi  
 Data: 25 / Junho / 2016  
 Horário: 07 h. às 11 h.  
 Aldeia: Kuwungyane.

NOME	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
Zellson KAYABI	KURU RUGIWIHO	Zellson
Upherson KAYABI	KURU RUGIWIHO	Upherson
Paulino da Rocha	Professores - Kuwungyane	Paulino
Max Plovis	Kuwungyane	Max
Usonga Paraguaiti Apantoma de Okwina	Mapismut	Usonga
Usonga M. Alice	Mapismut	Usonga
Kuymadokly Santos	Mapismut	Kuymadokly
David Ninos Santos	Mapismut	David
Usonga Duarte TPOSA	Mapismut	Usonga
Apilone Victor Leal de Oliveira	Mapismut	Apilone

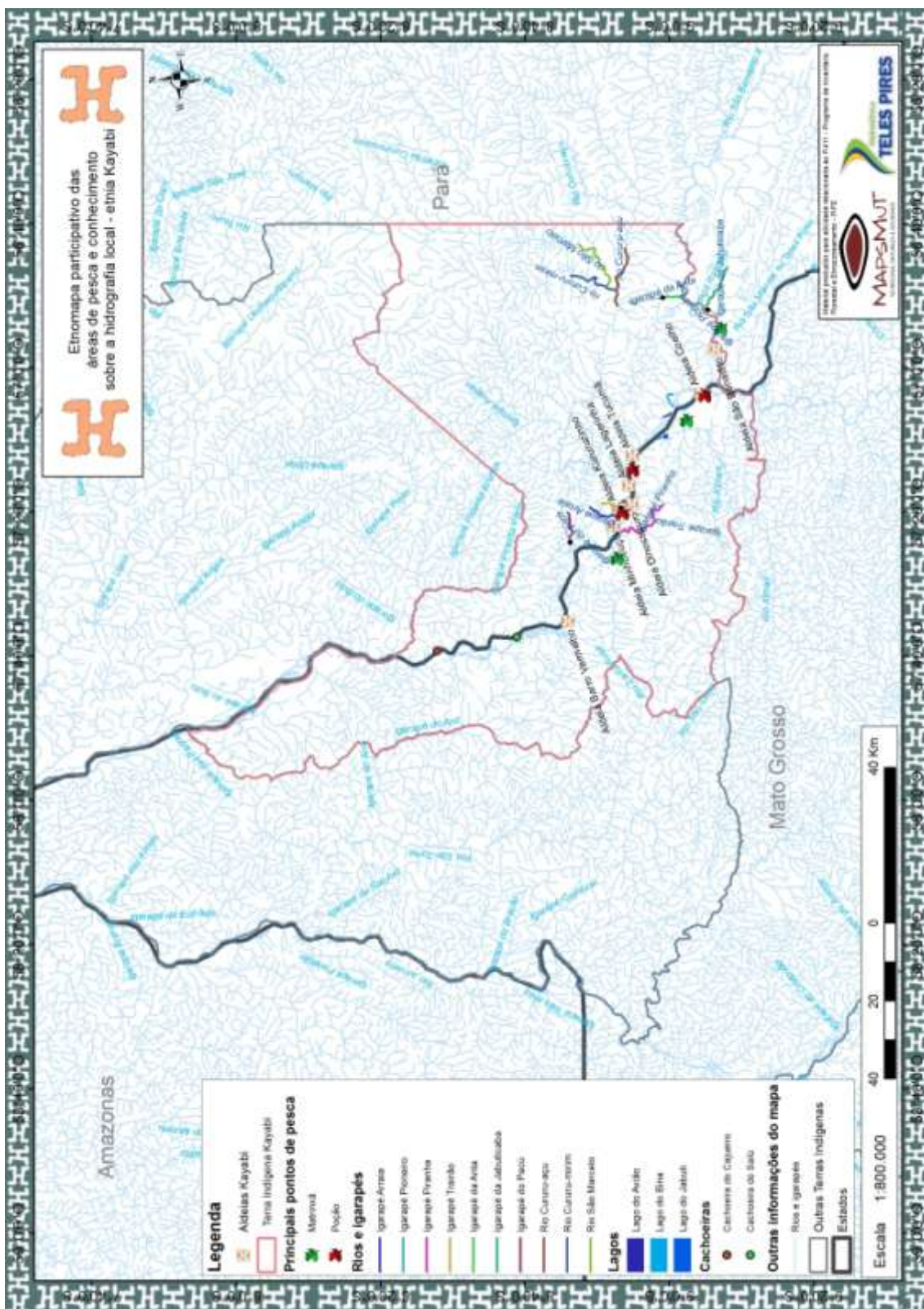


## 8.2 Etnomapas – etnia Kayabi.

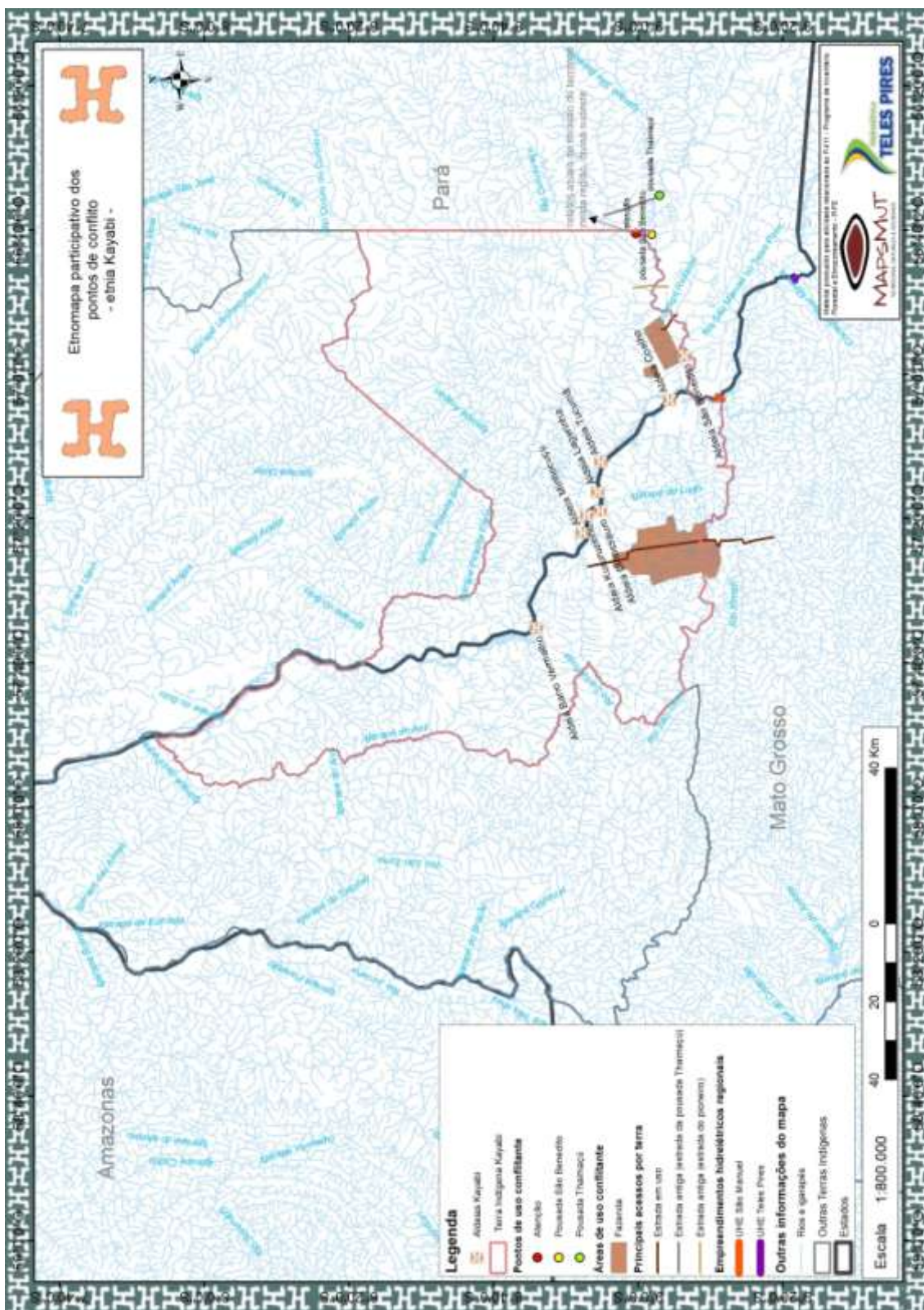




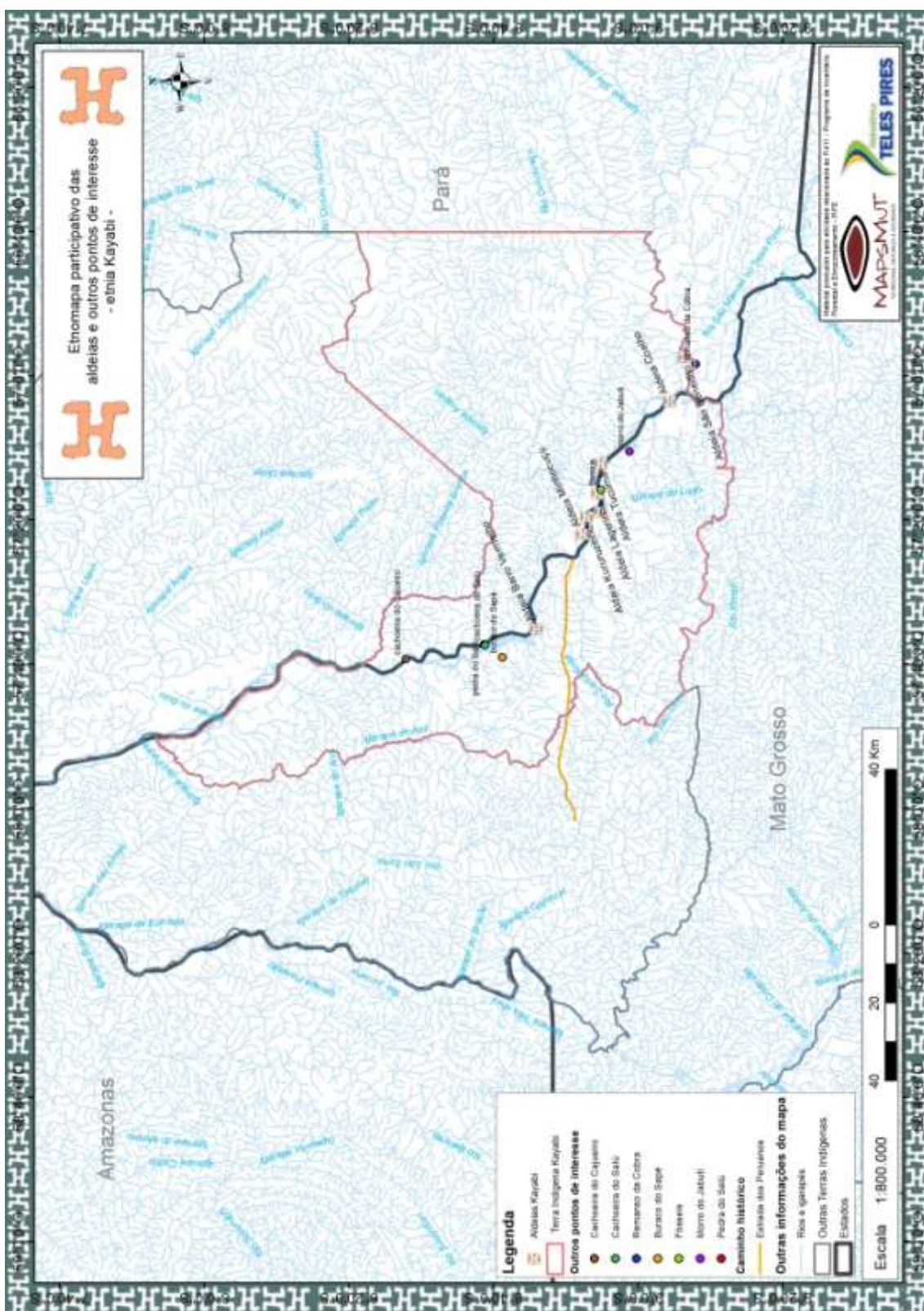
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



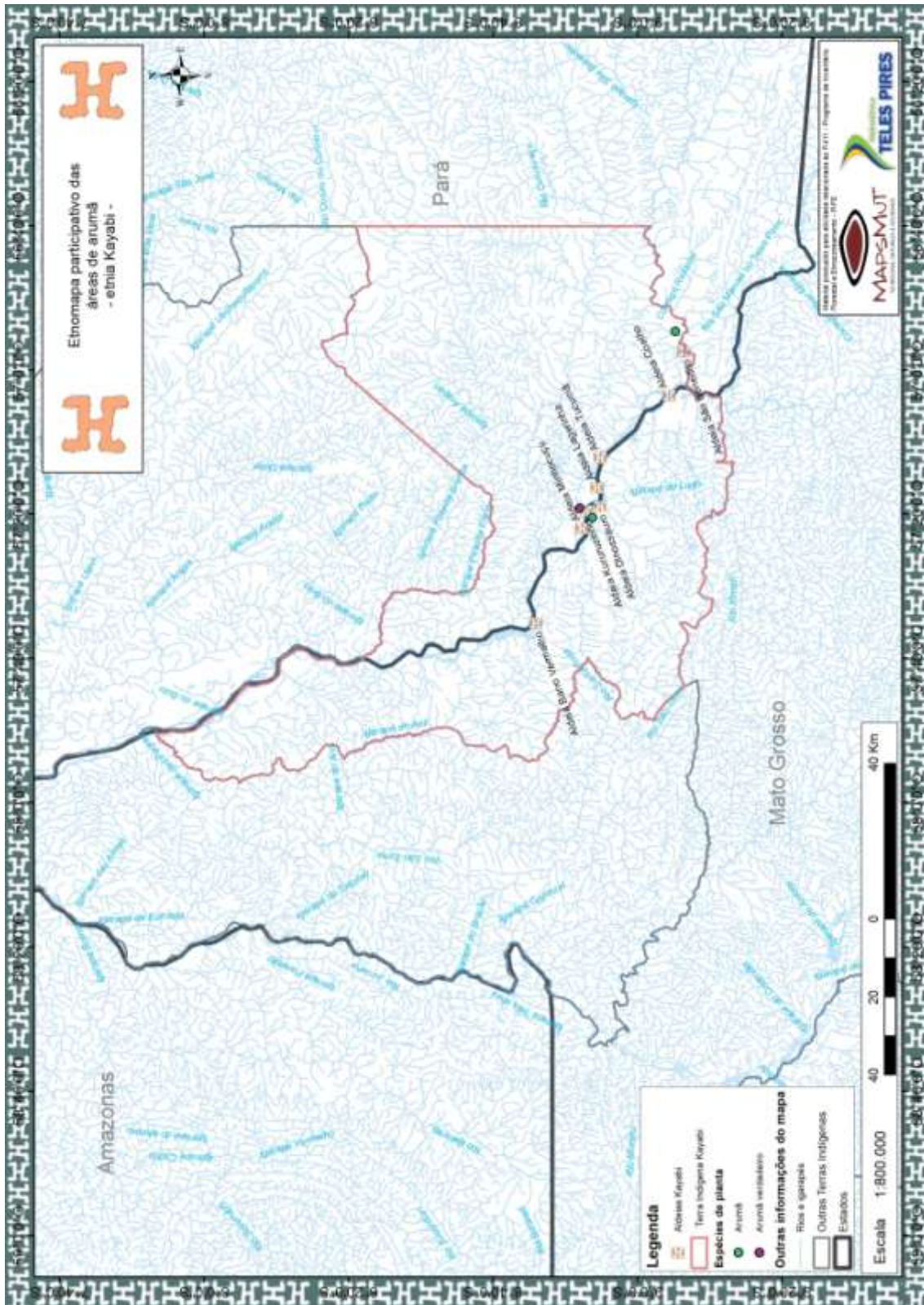
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



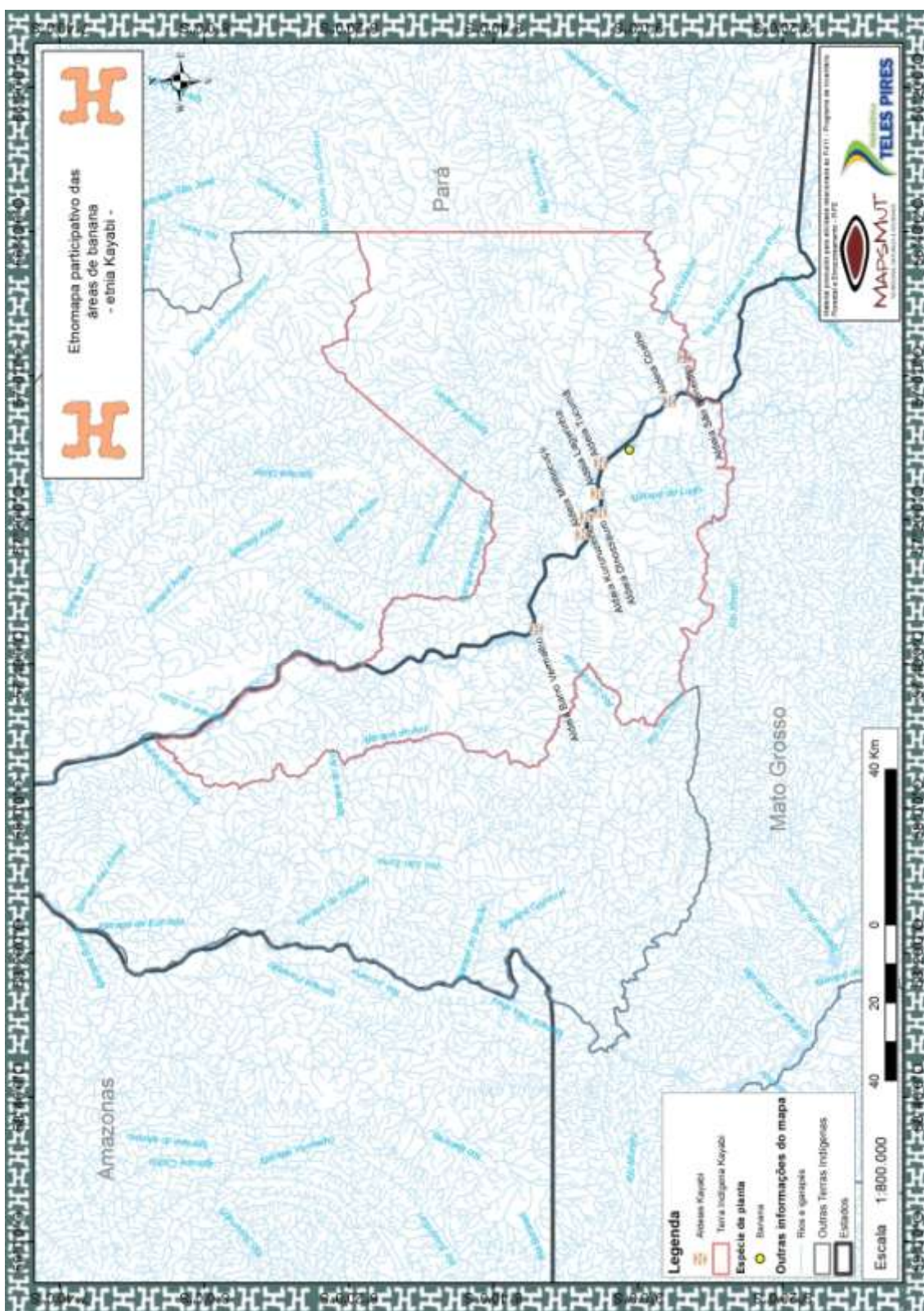
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



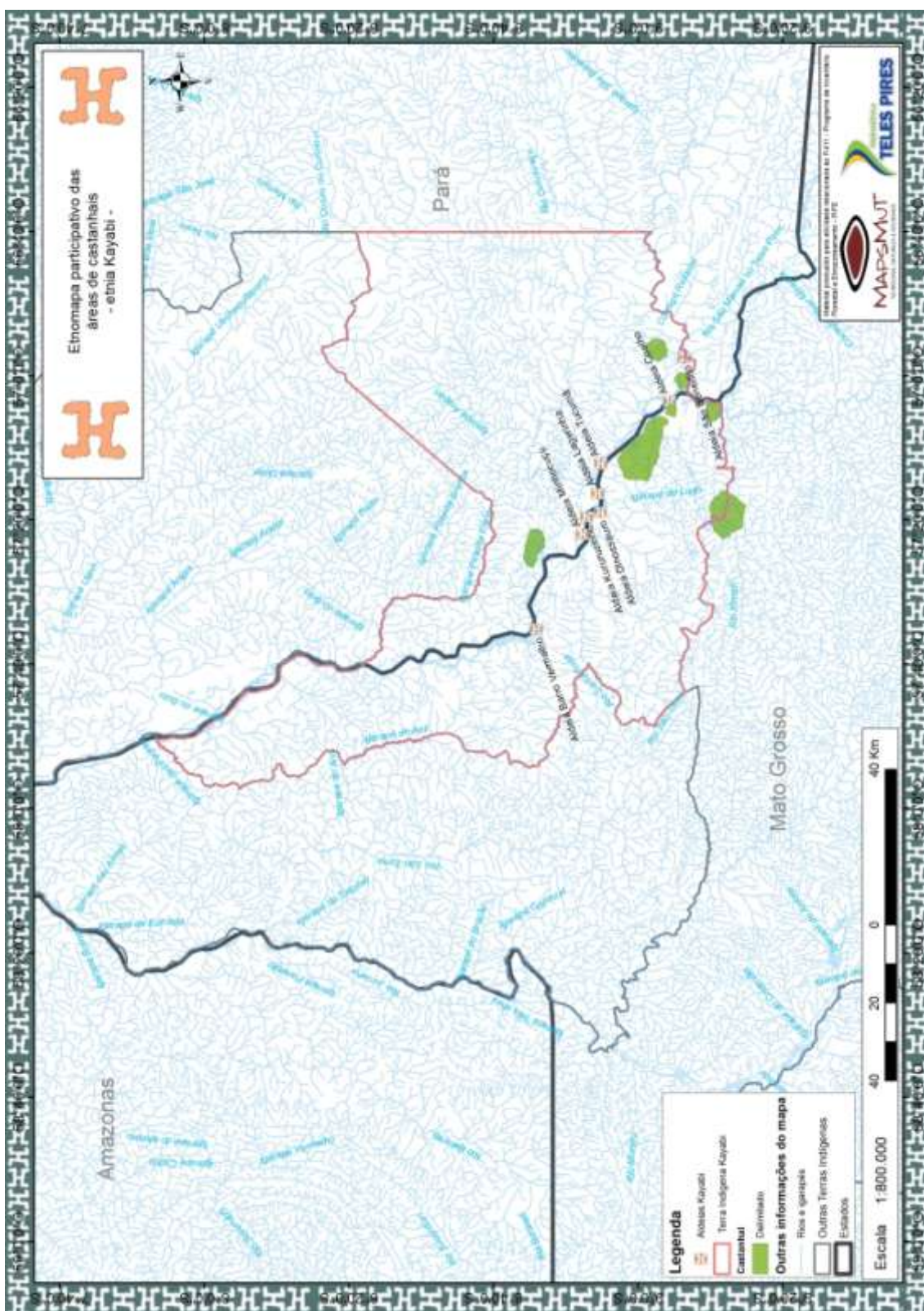
# P.45- Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



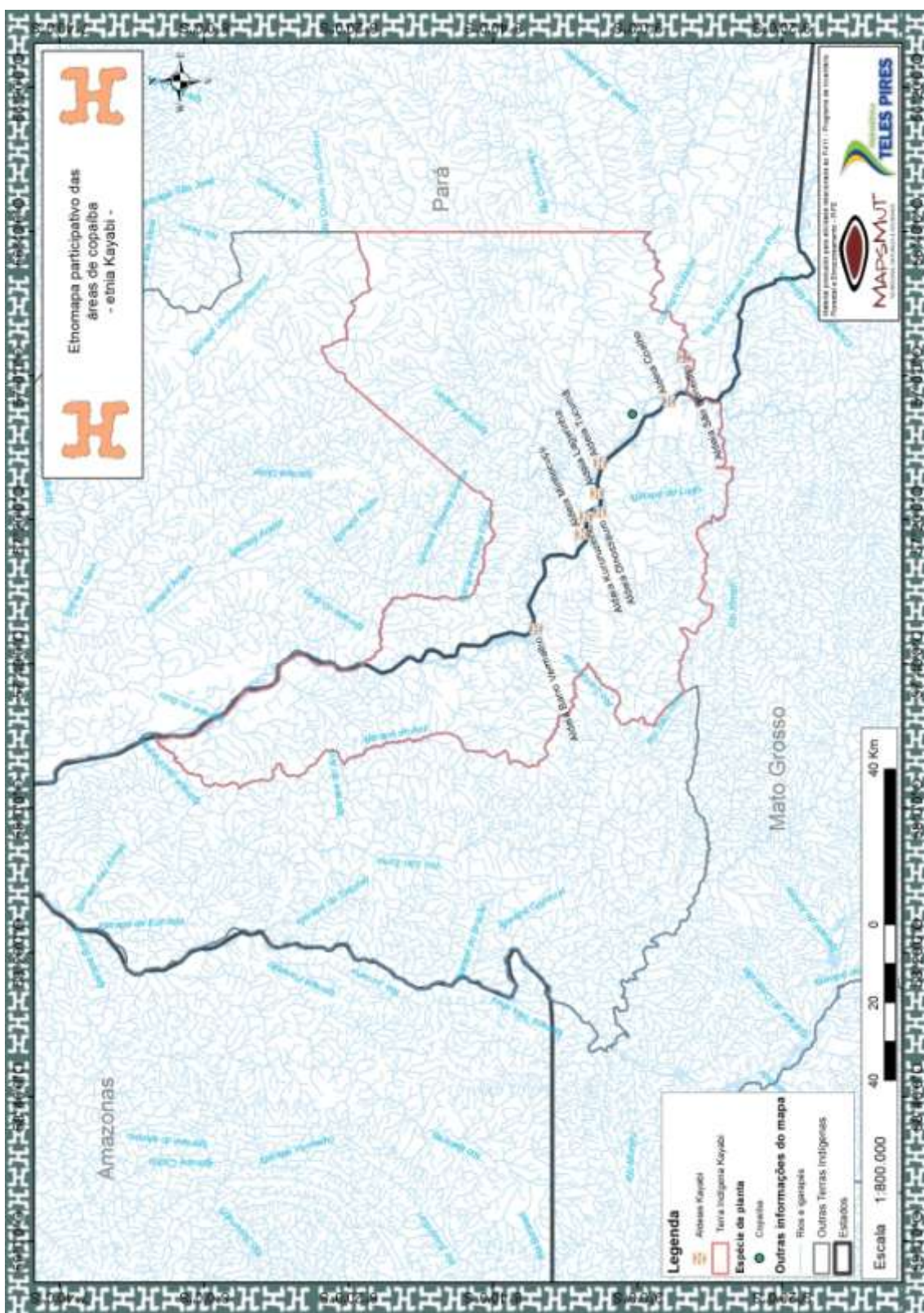
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



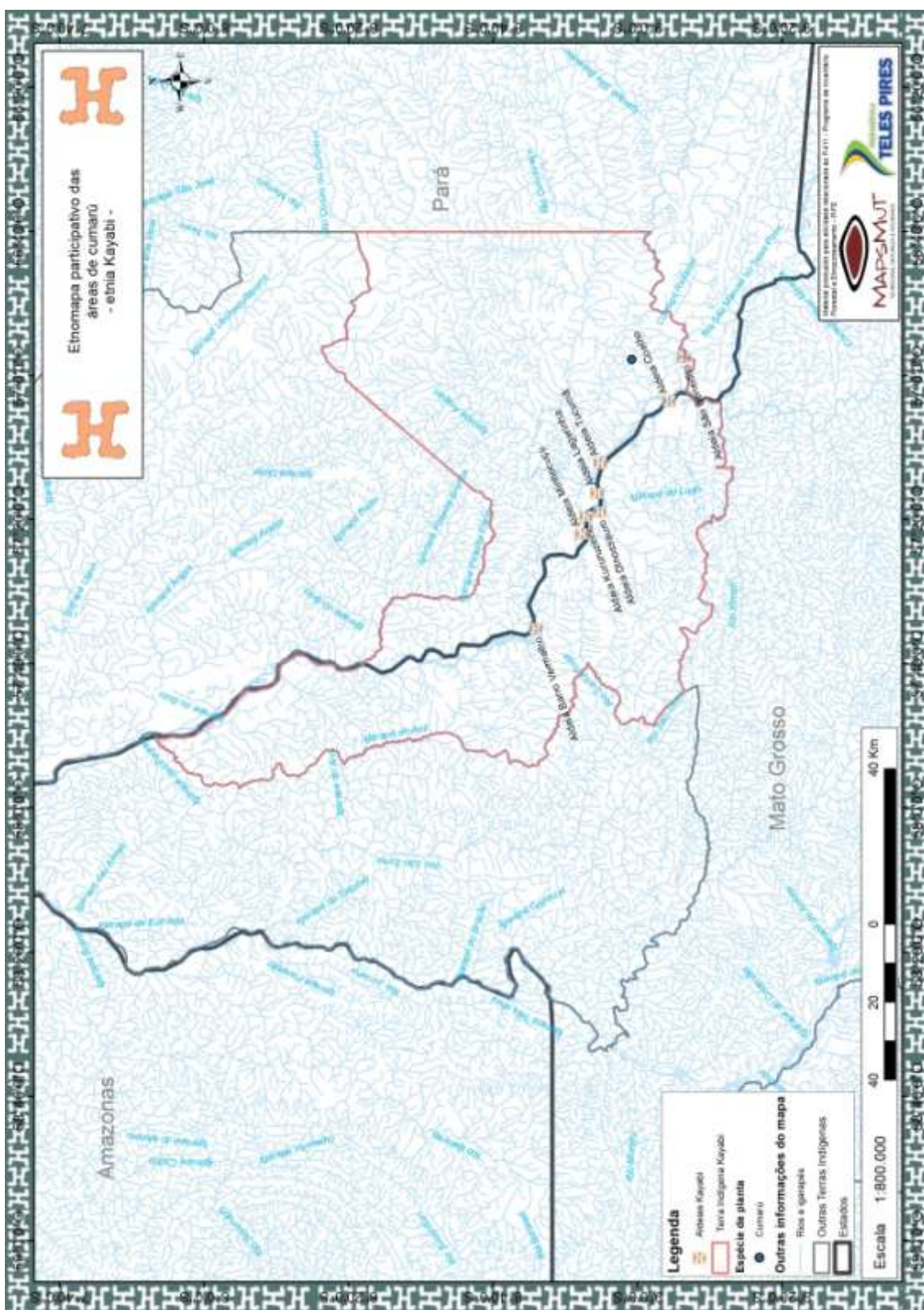
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento

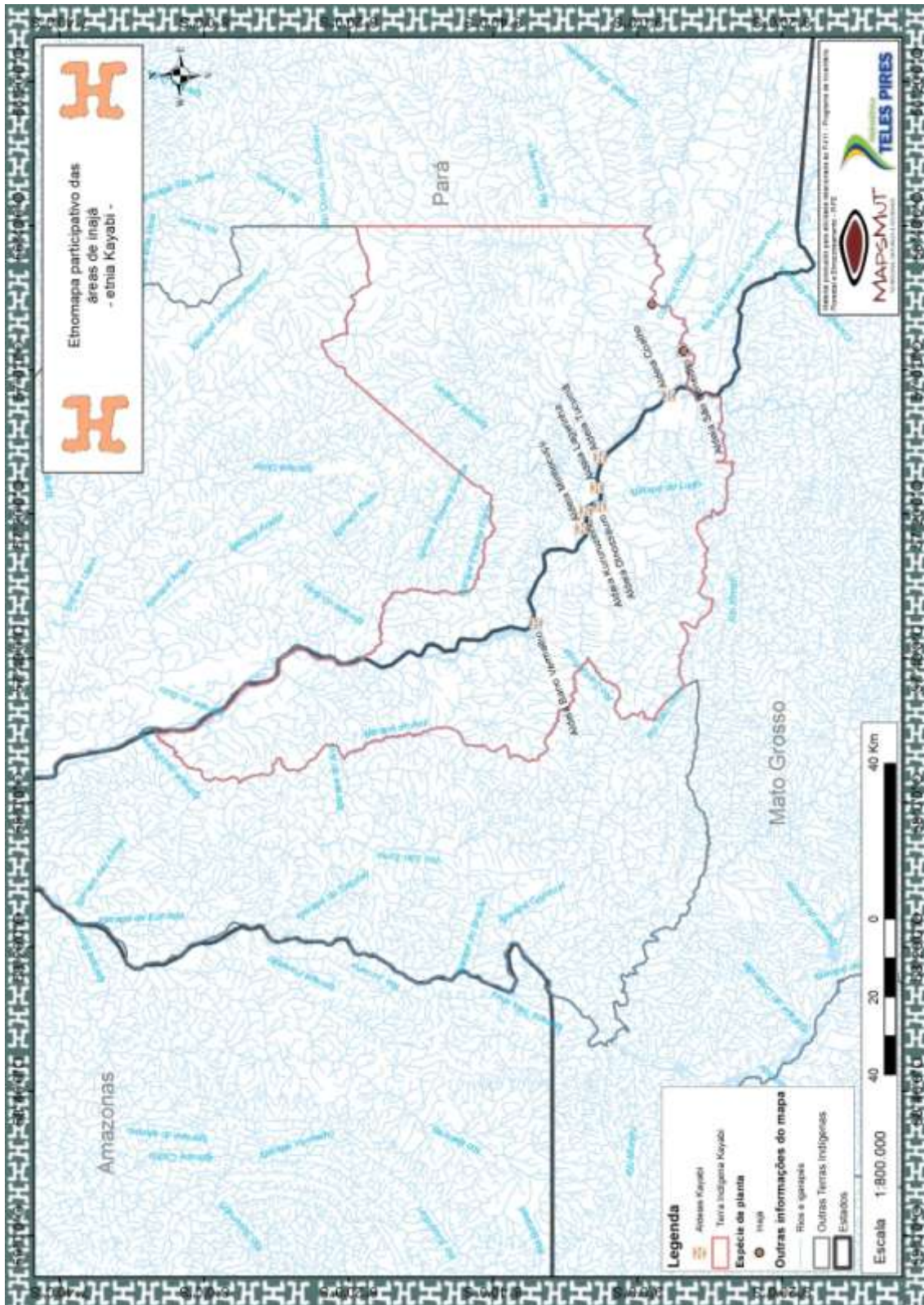


P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento

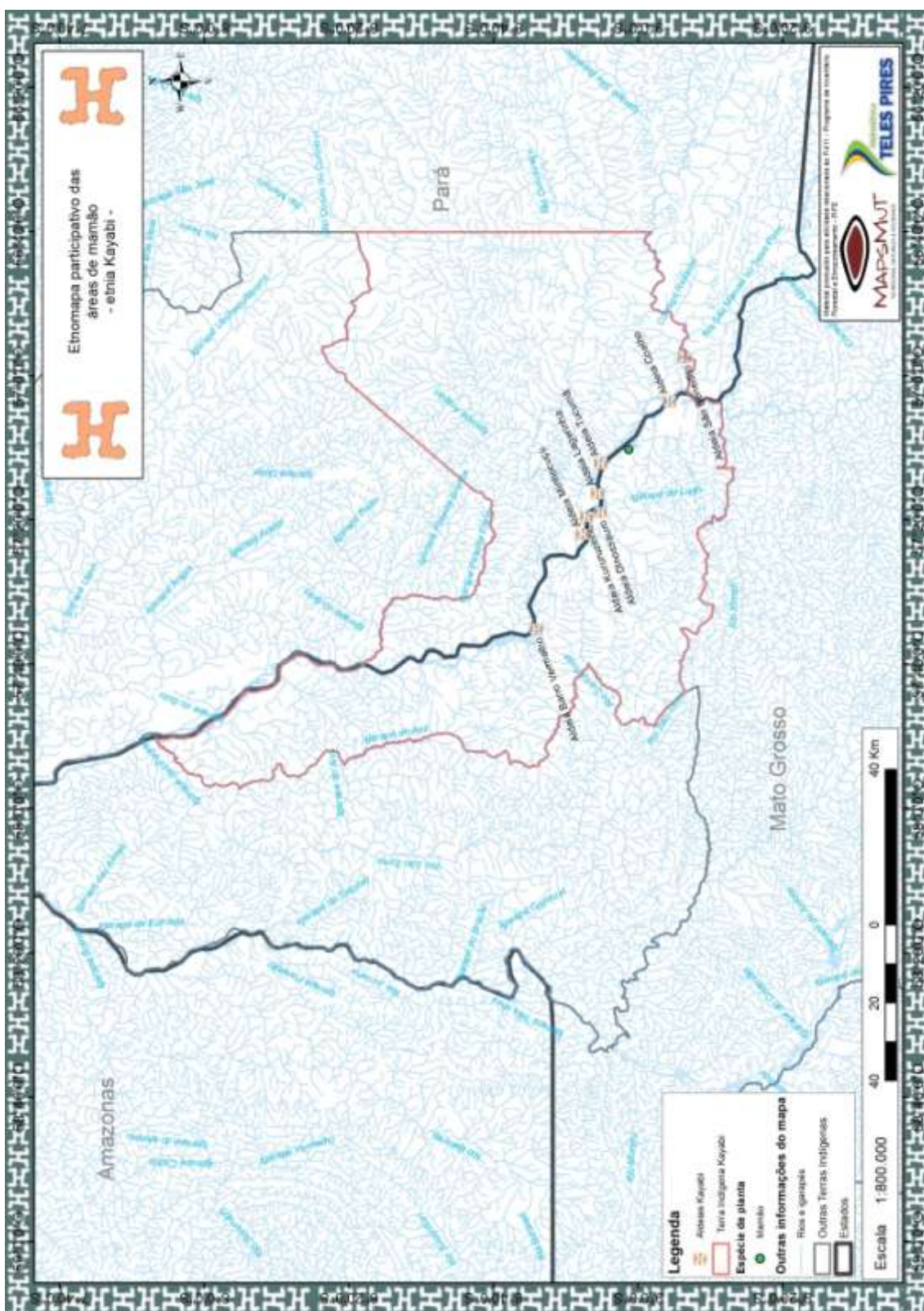




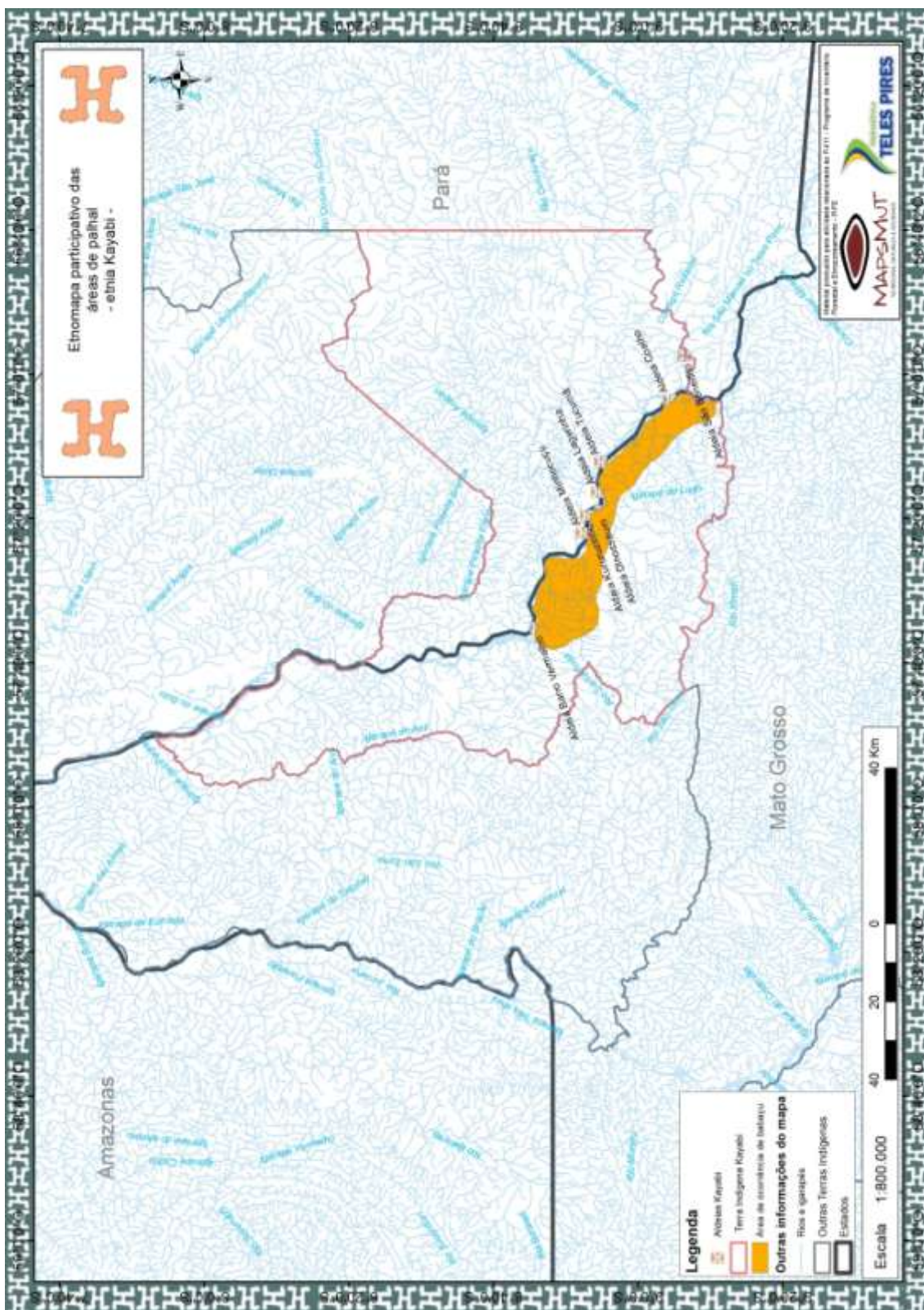
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



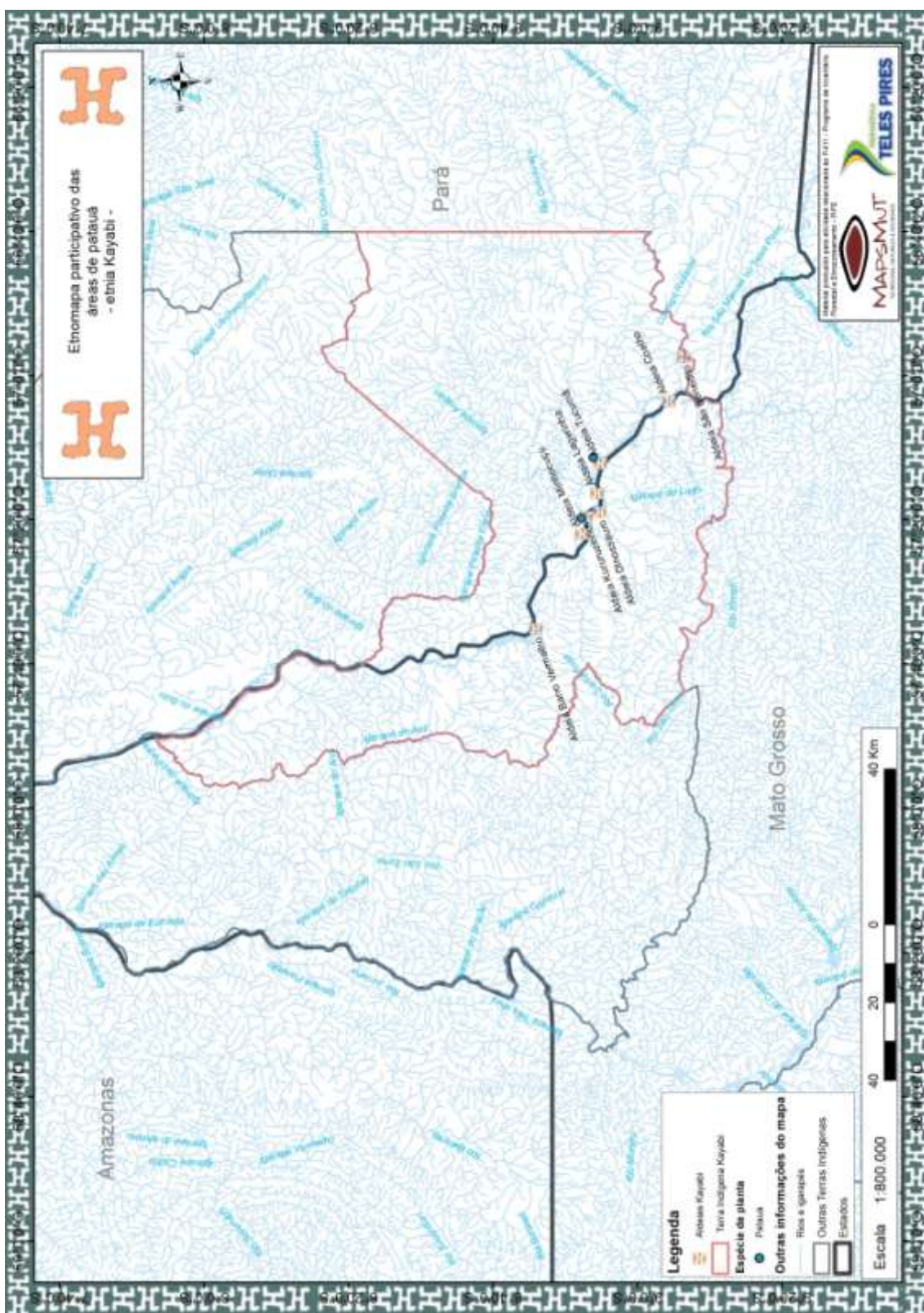
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



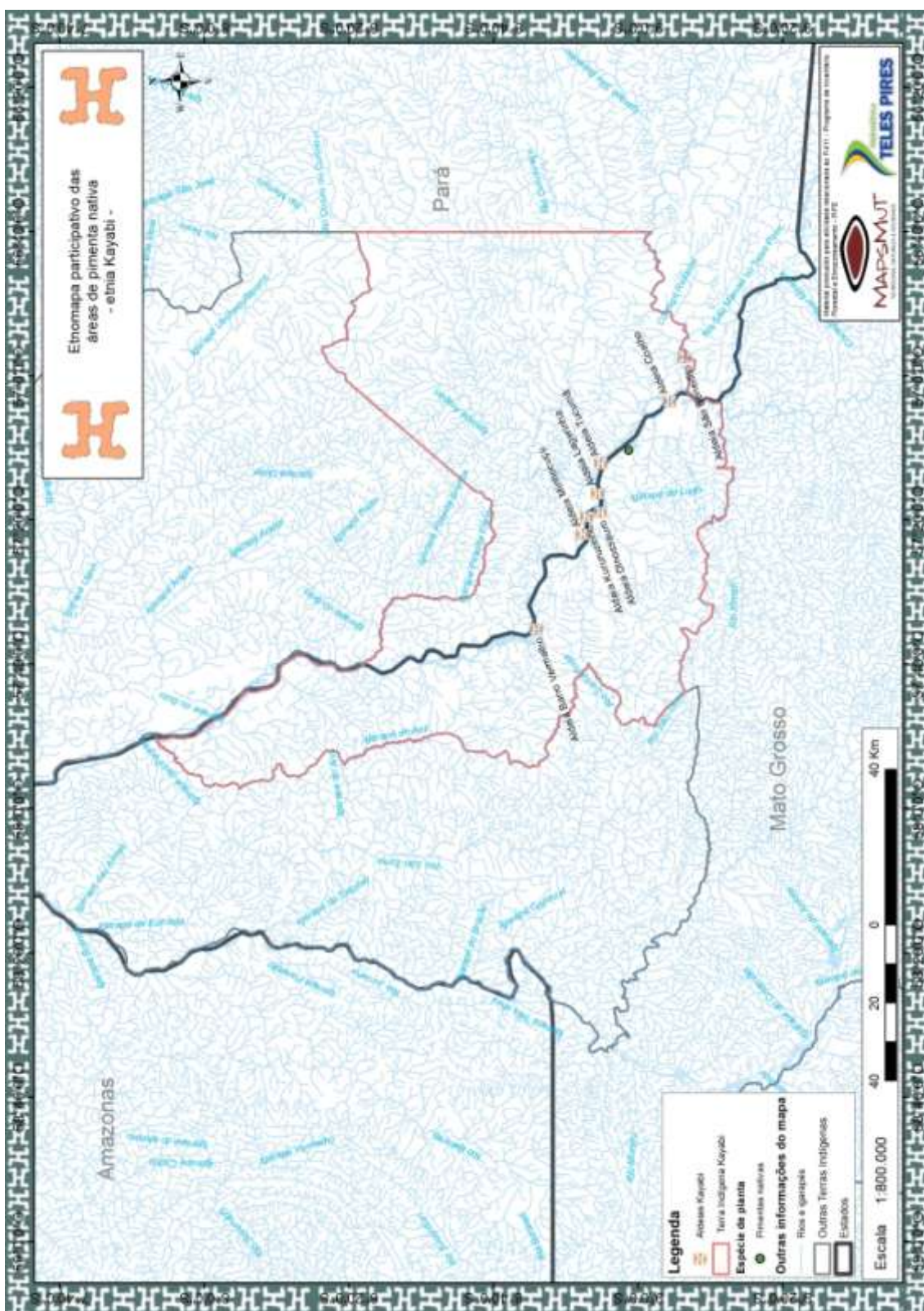
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



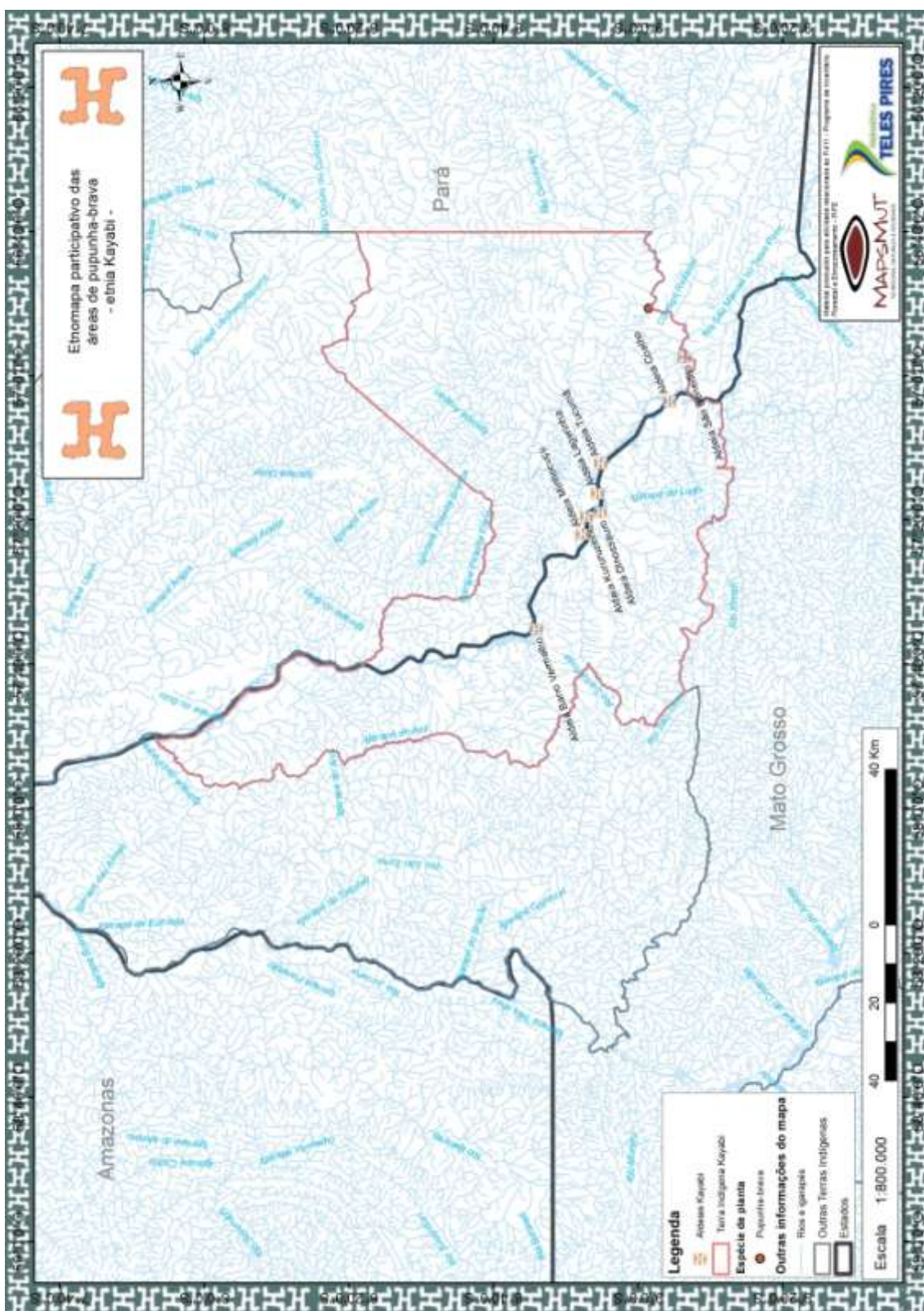
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



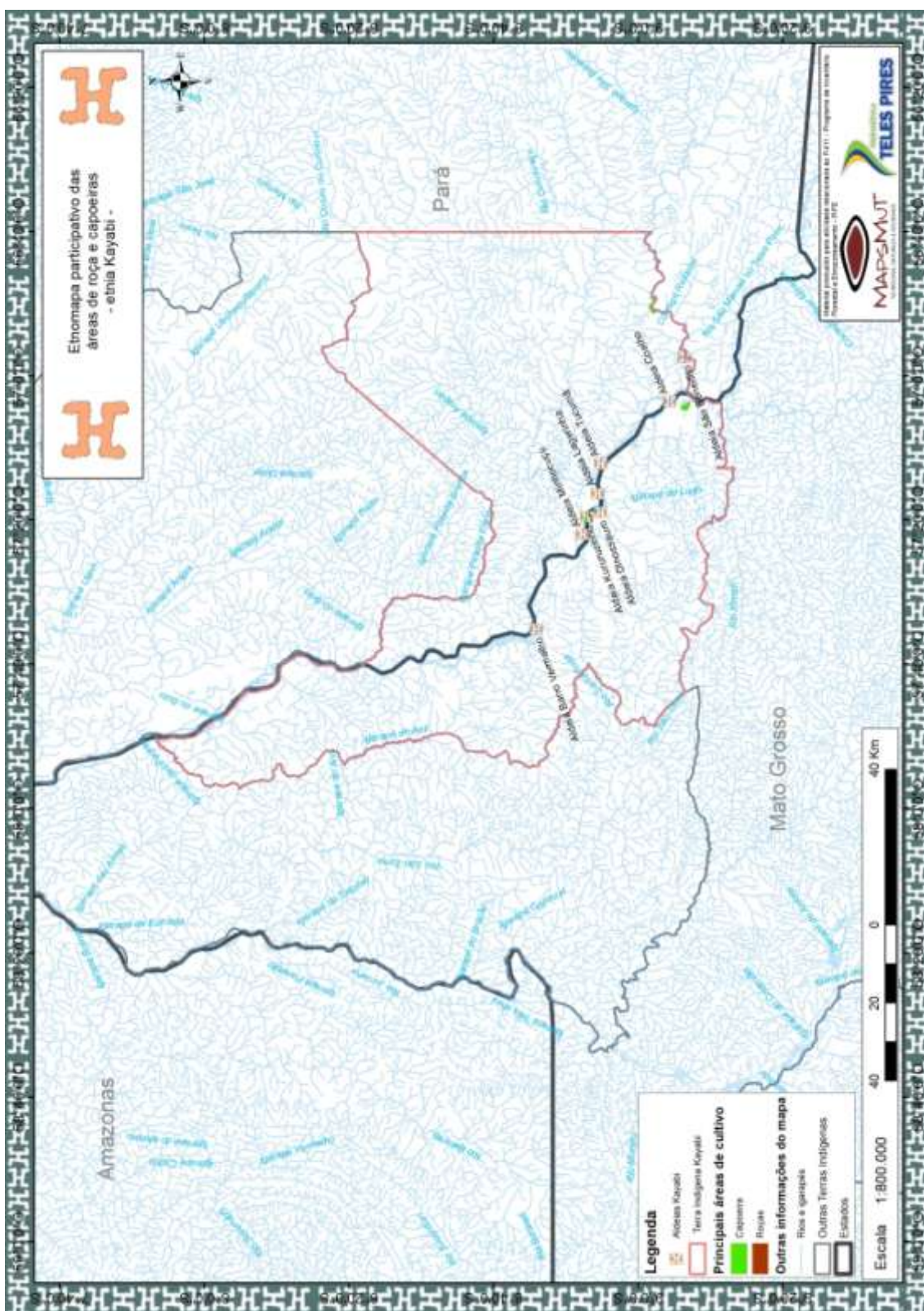
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



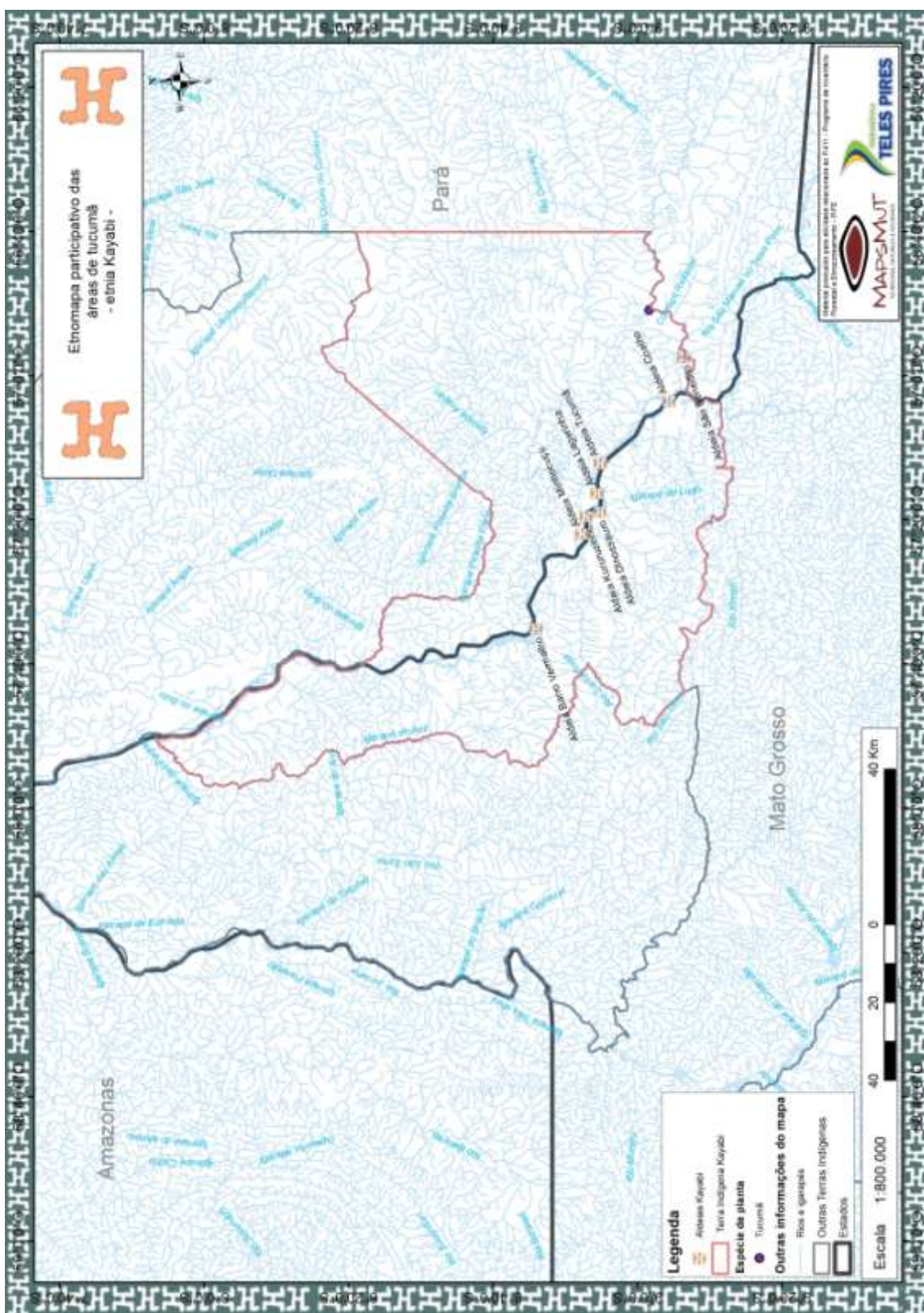
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento

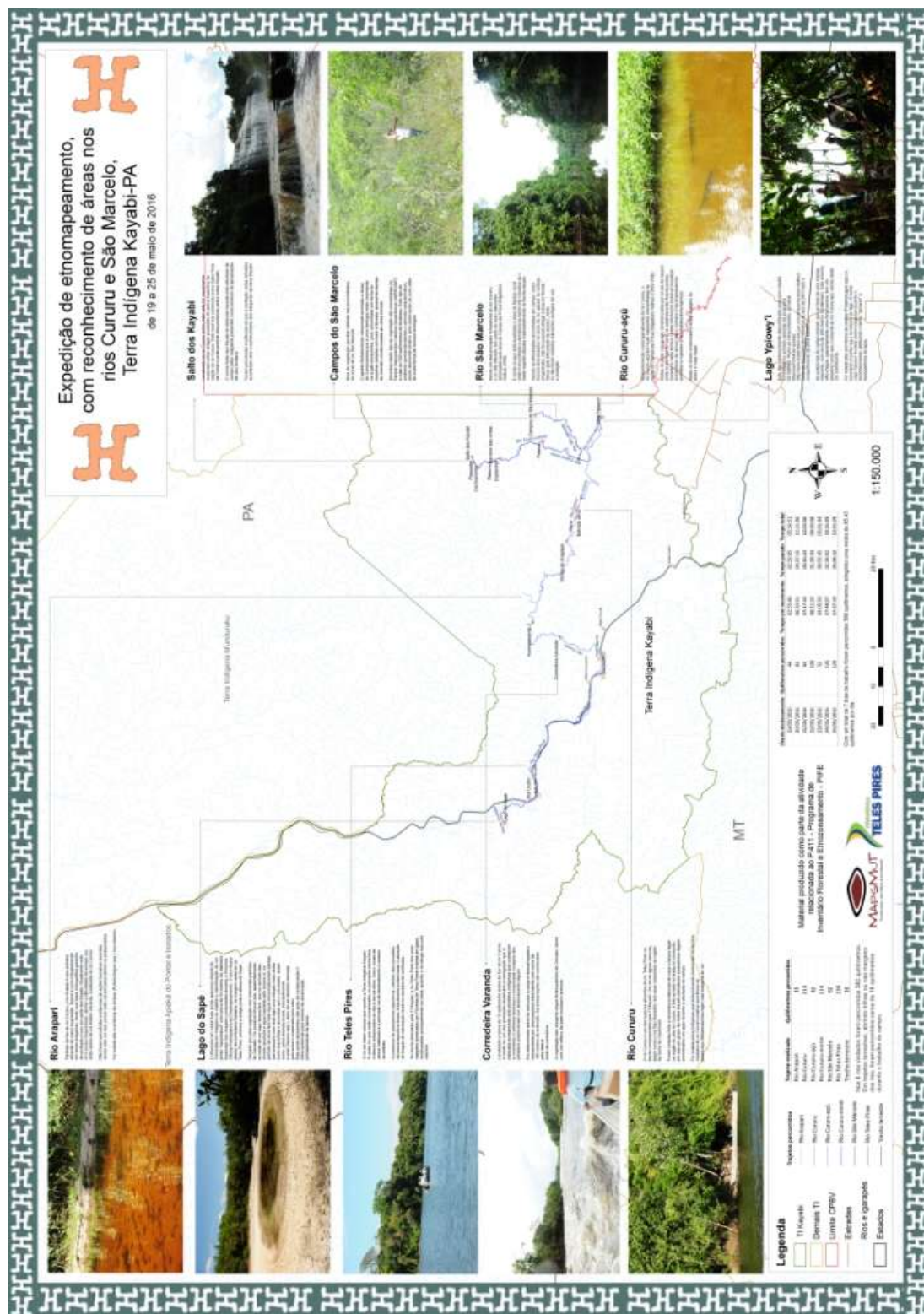


P.45- Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento

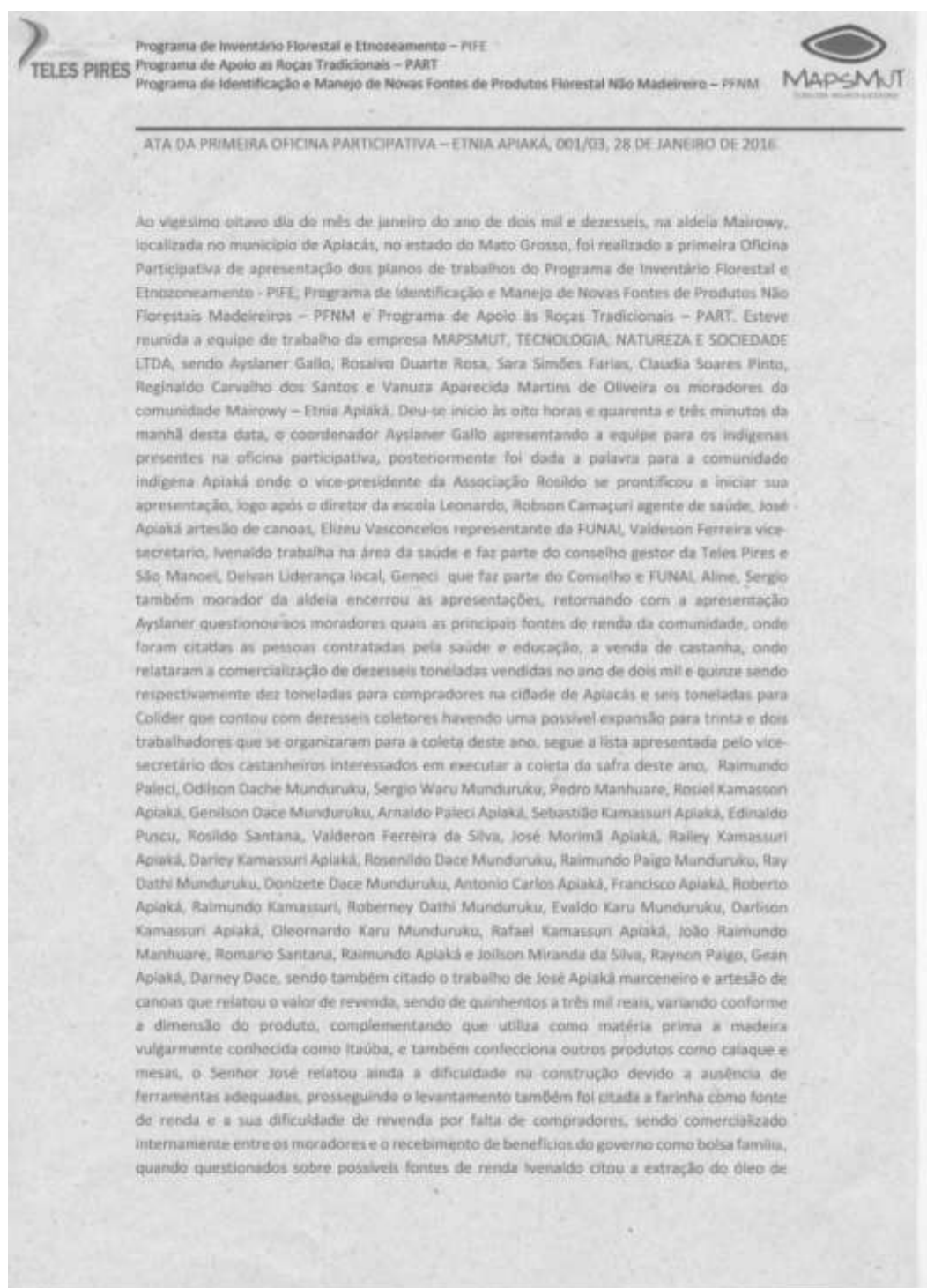




8.3 Mapa da Expedição Cururu-Açu e Afluentes.



#### 8.4 Ata da Primeira Oficina Participativa de apresentação do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento – PIFE, etnia Apiaká e lista de presença.



## P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



TELES PIRES

Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento – PIFE  
Programa de Apoio às Raças Tradicionais – PART  
Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestal Não Madeireiro – PFNM

MAPSMUT  
TECNOLOGIA, NATUREZA & SOCIEDADE

copaiba e a retirada do látex da seringueira como produtos de interesse, caso algum outro produto citado não tenha uma boa safra, citando também o artesanato local de pulseiras e colares sendo mais característico sua confecção por mulheres, os homens trabalham na confecção de balaios, paneiros, cestos, Rosildo complementou a fala sobre o cuidado em manter a cultura Apiaká viva e passada de geração em geração, no decorrer da conversa os indígenas foram questionados sobre o interesse em implementar o turismo na comunidade, citando como possibilidade o turismo de observação de aves, Rosildo comentou a possibilidade da comunidade se reunir e pensar sobre o assunto, e demonstrou cautela, sugerindo algum projeto como forma dos próprios indígenas conhecerem suas plantas medicinais e aves presentes em seu território cumprindo a lei para que não haja problemas futuros, concluindo que, hoje não é interessante mais futuramente pode se tornar uma fonte de renda, o representante da FUNAI, Elizeu Vasconcelos, questionou prazos para a chegada dos recursos como combustível previsto no PBAI, pois os mesmos já estão coletando castanha e necessitam urgente, o coordenador Ayslaner colocou que essas reivindicações irão ser levadas junto a CHTP, logo em seguida justificou um pequeno atraso no cronograma de trabalho por motivos de logística, seguindo sobre a venda da castanha citou os possíveis compradores deste produto, citando a pesquisa feita na comunidade da Barra de São Manoel no dia anterior e os relatos do comerciante popularmente conhecido como Pitanga sobre os valores de aquisição do produto, castanha, Ayslaner complementou que serão necessários treinamentos de boa prática para manutenção da safra, o vice-presidente pediu a palavra ressaltando que se cumpra com as promessas, pois os mesmos querem trabalhar com a castanha e esperam que a relação de trabalho seja proveitosa com a equipe de trabalho da empresa MapaMut, pois as pessoas da comunidade estão interessadas em trabalhar também com a retirada do óleo de copaiba, justificando que a ausência de moradores da comunidade na oficina se dá por frequentes inverdades ditas pelos gestores dos projetos, comentou que eles querem condições de trabalho e não apenas promessas, citando várias dificuldades atuais, como o descumprimento de acordos da construção da casa da farinha, casa do artesanato, escritório da Associação e o secador de castanha e que já houve situação de perdas na produção da castanha em anos anteriores devido a ausência do local adequado para secagem e armazenamento, que sejam ouvidos quanto as suas reivindicações e se cumpram os prazos, pois necessitam de melhorias na comunidade e eles não pediram esse impacto na região e estão pedindo o mínimo diante da dimensão do empreendimento, pois a comunidade demonstra-se revoltada diante de todos os acontecimentos devendo ser cumprido o que tem que ser feito na comunidade sem precisar de cobranças, e esperam pessoas com vontade de trabalhar com o povo, Rosildo afirma que esta comunidade trabalha junto com os Apiaká presentes na região do Pontal, mesmo a aldeia não constando no PBAI, o vice-presidente complementou que a vinda da balsa irá ajudar no escoamento da produção, e que neste ano já estão programados como será a colheita da castanha, e que no ano de dois mil e quinze, cerca de seis mil e quinhentos litros de combustível não foram suficientes para a coleta e escoamento da produção, devido eles trabalharem em conjunto com a aldeia do Pontal que faz parte da mesma etnia, para ano de dois mil e dezesseis, estimando uma quantidade de seis mil litros de combustível somente para coleta sem contar o que será utilizado para a logística de entrega deste combustível, estimando mais três mil litros para buscar o mesmo no porto do meio e transporte até a aldeia Pontal, ressaltando que a estimativa de combustível para o escoamento da produção da castanha só será possível após o

## P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



TELES PIRES

Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento – PIFE  
Programa de Apoio às Roças Tradicionais – PART  
Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestal Não Madeireiro – PFNM

MAPS MUT  
TECNOLOGIA, NATUREZA & SOCIEDADE

término da coleta, e que essas reivindicações sejam cumpridas o quanto antes, além dessa citaram as condições precárias do trator que já tinha sido adquirido para auxiliar no transporte na rasteira, ao longo da conversa também foi citado que é necessário auxílio alimentação durante a expedição no mato para coleta da castanha, os castanheiros possuem uma lista de combustível e alimentação necessário para coleta da castanha deste ano, também foi sugerido a aquisição de lonas individuais para proteger da chuva a castanha coletada, logo após foi dado um intervalo para o café, retornando para a reunião, os líderes da comunidade que estão envolvidos na colheita da castanha apresentaram a lista dos materiais necessário para o trabalho do ano de dois mil e dezesseis que segue em anexo, e em relação a alimentação e facilitação do transporte, Rosildo sugeriu que sejam divididas em cestas básicas completas e individuais incluindo produtos de higiene pessoal, complementando também com equipamentos de segurança, os indígenas sugeriram registrar com imagens fotográficas a situação do trator que está no rasteira e também a situação do trecho de travessia para uma possível manutenção da estrada de acesso, indígenas complementaram que essas reivindicações não é luxo é uma necessidade da comunidade, o indígena Arnaldo solicitou a inclusão do mosquiteiro adaptado para rede pois é muito incomodo a presença de mosquito nas áreas de coletas sendo uma forma de prevenção contra doenças tropicais como malária, também foi sugerido pelo vice-presidente a aquisição de equipamentos de pesca utilizado para captura do peixe, principal proteína animal para alimentação dos trabalhadores, linhas e anzóis nos diversos tamanhos, as onze horas e quarenta minutos deu-se intervalo para o almoço, as quatorze horas e vinte e nove minutos, prosseguiu a oficina participativa com uma breve conversa com os indígenas validando o que foi conversado no período da manhã, sobre a demanda de mercado dos produtos com os quais eles pretendem trabalhar sendo eles a castanha e provavelmente a extração do óleo de copaiba, logo após iniciou-se a apresentação dos planos de trabalhos, explicando inicialmente de forma detalhada o Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestais Não Madeireiros, com a justificativa, objetivos, metas, metodologia e cronograma das atividades que irão ser executadas ao longo do referido programa, após breve intervalo teve início a segunda parte da apresentação expondo o Programa de Apoio às Roças Tradicionais explicando de forma detalhada justificativa, objetivos, metas, ações e atividades, quando abordado o assunto da roça sem fogo, Rosildo citou a dificuldade no preparo da roça sem fogo e que já teve o conhecimento de outras formas de manejo da roça, ressaltando que os intercâmbios são muito importantes para adquirir conhecimento, e que o fogo com o tempo vai tornando a terra fraca com o passar dos anos, demonstrando o interesse em produzir mais nas roças, mesmo a aldeia tendo dezesseis anos eles não tem muitas áreas abertas com longos anos de cultivo, Ayslaner complementou que adubagens naturais sem produtos químicos podem auxiliar na correção do solo com o intuito de melhorar a produção, e que as oficinas participativas e as visitas constantes que irão ser realizadas pela equipe serão importante para a coleta de dados, ressaltando que serão realizadas coletas botânicas para obtenção de informações sobre as cultivares utilizadas pelos indígenas, prosseguindo foi apresentado o cronograma de atividades e a oficinas previstas no plano de trabalho, o líder indígena Romildo, ressaltou a deficiência na comunicação e as agendas que sofrem alteração constante, sendo necessário uma reestruturação na internet que está com falhas ocorrendo muitas vezes descentralização nas informações, e que estas sejam formalizadas e repassadas, a ausência de informações prévia do que irá ocorrer nas reuniões provoca um desinteresse da comunidade, prejudicando a comunidade devido a ausência de boa

## P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



TELES PIRES

Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento – PIFE  
Programa de Apoio às Roças Tradicionais – PART  
Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestal Não Madeireiro – PFNM

MAPSMUT  
TECNOLOGIA, NATUREZA & SOCIEDADE

fê por parte dos grupos gestores, justificando a ausência dos moradores devido o insucesso de projetos anteriores concluindo seu comentário solicitou um radiograma para efetivar a comunicação, principalmente em situações de emergência, e que assuntos de interesse da comunidade também sejam realizadas formalmente por e-mail ou conversas devidamente documentadas e protocoladas, finalizando a apresentação do referido programa das roças Ayslaner relatou sobre a elaboração de um manual de boas práticas na roça, posteriormente deu-se início a apresentação do Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento discorrendo a justificativa do programa, seus objetivos e metas, Romildo demonstrou seu interesse neste programa como forma de monitorar seu território contra invasões de madeireiros e garimpeiros, complementando que a comunidade não faz essa gestão do território e que as áreas que eles utilizam para pesca ou caça se tornam áreas importantes de uso da comunidade, exemplificando que a flecha preferencialmente utilizadas por eles existe em uma região específica, sendo importante terem voz ativa como uma forma de defesa contra a extinção do seu povo, fazendo expedições das áreas de seus ancestrais e mesmo embora o PBAI não constando as aldeias do Mayrobi e Pontal os mesmos são povos Apiaká, Rosildo complementou a possibilidade de uma visita da equipe junto as demais aldeias da etnia Apiaká como forma de conhecer a realidade dos mesmos, como o cultivo da roça e a possibilidade de intercâmbio e troca de conhecimento, saberes e outros itens de interesse, prosseguindo a apresentação da metodologia e apresentando o cronograma de atividades finalizando, assim, a oficina. Não havendo nada mais, eu Cláudia Soares Pinto *Cláudia Soares Pinto* secretária nomeada para esta reunião, lavrei a presente ata, após lida, aprovada. Segue assinada pelos demais presentes:

*Cláudia Soares Pinto; Romildo; Rosildo; Ayslaner; Mayrobi; Pontal; ...*

P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento – PIFE  
 Programa de Apoio as Rocas Tradicionais – PART  
 Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes Florestal Não Maderreiro – PFN

**LISTA DE PRESENCIA**

Evento: Primeira Oficina Participativa - Etnia Apiaká.  
 Assunto: Apresentação dos Planos de Trabalho e Equipe.  
 Data: 28 de Janeiro de 2016.  
 Local: Aldeia Mairrowy.  
 Horário: \_\_\_\_\_ h. 35 \_\_\_\_\_ h.

Almir Soares Fombu	Genesir	Almir Soares Fombu
Oponei Takri	Dalson	Oponei Takri
Wilson Komassuri Apiaká	Genardo	Wilson Komassuri Apiaká
Genardo Takri Piriaké	Julio	Genardo Takri Piriaké
Edna Maciel	Valdison	Edna Maciel
Valdison	Ricieri	Valdison
Jose MORIMA APIAKA	Jose	Jose MORIMA APIAKA
Roberto Komassuri	Robso	Roberto Komassuri
Galimundo		
Dossonia Komassuri APIAKA		
Ensa Komassuri APIAKA		
KATHA KAY MUNDURUKU		
Demario Mundurucu	Demario	Demario Mundurucu
Rolida Salses	Rolida	Rolida Salses
Sergio Mano Mundurucu	Sergio	Sergio Mano Mundurucu



Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento – PIFE  
 Programa de Apoio as Rocas Tradicionais – PART  
 Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes Florestal Não Madeireiro – PFN



**LISTA DE PRESENÇA**

Evento: Primeira Oficina Participativa - Etnia Apiaká.

Assunto: Apresentação dos Planos de Trabalho e Equipe.

Data: 28 de Janeiro de 2016.

Local: Aldeia Malowv.

Horário: \_\_\_\_\_ h, \_\_\_\_\_ sr \_\_\_\_\_ h.

NOME	ASSINATURA
Leandro	Daviel
Robson	Rozick
Adriano	Edvaldo
Guilherme	Renildo
L. Leonardo Mota	Alessandra
Sônia Kora Murakami	



## 8.5 Ata da Primeira Oficina de Etnomapeamento – Etnia Apiaká e lista de presença.



PROGRAMA DE INVENTÁRIO FLORESTAL E  
ETNOMAPEAMENTO – PIFE

### ATA DA PRIMEIRA OFICINA DE ETNOMAPEAMENTO – MAPAS TEMÁTICOS DAS ÁREAS DE USO E RECURSOS NATURAIS - ALDEIA MAYROWI - ETNIA APIAKÁ, 004/03, 27 DE ABRIL DE 2016

Ao vigésimo sétimo dia do mês de abril do ano de dois mil e dezesseis, na aldeia Mayrowi, localizada no município de Apiacás, no estado do Mato Grosso, foi realizado a primeira Oficina de Etnomapeamento, referente ao Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento – PIFE. Esteve reunida a equipe de trabalho da empresa MAPSMUT, TECNOLOGIA, NATUREZA E SOCIEDADE LTDA, sendo, Ayslaner Victor Gallo de Oliveira, Claudia Soares Pinto, James Machado Bilce, Reginaldo Carvalho dos Santos, Rosalvo Duarte Rosa, Sara Simões Farias e Vanuza Aparecida Martins de Oliveira, onde estiveram presentes os moradores da aldeia Mayrowi, sendo eles, Aderaldo Kamassuri Apiaká, Darlison Kamassuri Apiaká, Rocildo Santana, Raimundo, Robson Kamassuri, Elani Kamassuri Apiaká, Ivenaldo Paleci Apiaká, João Raimundo, Arnaldo, José Morimã, Glairton Dacê, Darlison P. Silva, Geneci, Sergio Waro Munduruku e Madalena Paleci Apiaká, também estiveram presente moradores da comunidade indígena do Pontal sendo, Raimundo Kamassuri, Roberto e Rainon Panhun Dathe cacique da Aldeia Pontal, devido conflitos de agendas, antes do início da oficina, a comunidade juntamente com a equipe de trabalho MapsMut se reuniram para decidir da realização da oficina, sendo escolhido a realização da mesma, às oito horas e cinquenta e cinco minutos, Ayslaner deu início a apresentação dos objetivos da oficina de etnomapeamento, destacando que a participação dos indígenas é importante para transmitir o que conhecem para o mapa, pois são eles que tem conhecimento onde estão os recursos relacionados com a vegetação, rios áreas de caça e pesca, e que através deste mapeamento dos locais de interesse pode ocorrer a descrição de novas espécies, e que os dados coletados na oficina irão subsidiar a equipe para direcionamento na implantação das parcelas no inventário florestal, e que a equipe de trabalho estará disponível ao longo dos três dias caso alguém se recorde de algum local utilizado pela comunidade, o indígena Romildo expôs sua opinião, concordando na realização das atividades no período da manhã e a tarde, complementando que não conhece muito o território, sendo importante a presença de moradores mais antigos, enfatizando também que a apesar de não mencionar no PBAI a comunidade do Pontal, em seu entendimento os mesmos são um só povo, "o povo Apiaká", Ayslaner propôs aos moradores um sobrevoo para reconhecimento dos pontos mencionados na presente oficina, e que a organização de futuras expedições seria interessante para reconhecimento da Terra Indígena, Romildo se interessou em realizar uma expedição na comunidade do Pontal, para identificação de antigas moradias de seus ancestrais,

1







PROGRAMA DE INVENTÁRIO FLORESTAL E  
ETNOMAPEAMENTO – PIFE

Ayslaner sugeriu solicitar uma autorização, que devido a área estar em processo de demarcação devido sobreposição ao Parque do Juruena, Romildo complementou mencionando que na comunidade do Pontal há locais importantes como castanhais, palhais, locais de caça, coleta de frutos e a presença de peixes em tamanhos maiores do que os encontrados em torno da Aldeia Mayrowi, ressaltando da necessidade deste mapeamento, pois os mesmos estão em constante movimentação, devido a isso é importante eles conhecerem estes locais a procura de recursos, dando prosseguimento a oficina, Ayslaner complementou que não tem como ignorar os demais povos Apiaká, e que caso ocorra a realização da expedição é necessário formalizá-la, sugerindo também que os indígenas façam uso de ferramentas como GPS ou programas de SIG, para que os mesmos façam o mapeamento de seu território, e que registros da possível expedição é uma forma de divulgação e apropriação de seu território, dando continuidade a primeira oficina participativa de etnomapeamento os indígenas presentes se reuniram entorno do mapa disposto em uma mesa para que os mesmos façam os apontamentos nos mapas, sendo decidido como temáticas iniciais "Recursos Hídricos, recursos vegetais" onde se reuniram moradores da Aldeia Mayrowi e Pontal, utilizando como referência os Rios São Tomé, São Benedito, Teles Pires, Juruena e seus afluentes, sendo citados os igarapés São Tomézinho, Igarapé do Poção, Igarapé Eufrásia, Igarapé Santa Julia, Igarapé Branco, Igarapé das Almas, Lago das Antas, Lago da Tartaruga, Lago Grande, Ilha do Juarizão, Ilha do Sérgio, Morro da Navalha, sendo que estes locais são áreas de uso da comunidade, prosseguindo os apontamentos com a temática "recursos vegetais", sendo citados os seguintes castanhais Castanhal do Sal Sal, Castanhal São Simão, Castanhal do Paredão, Castanhal do Buraco do Jaú, Castanhal das Almas, Castanhal do Cantinho, Castanhal do Salobo, Castanhal do Poção, Castanhal da Eufrásia, Castanhal do Pau da Letra, Castanhal Maparajubau, Castanhal Remanso, Castanhal Vista Bela, citando também as áreas onde são encontrados os "Palhais" localizado próximo ao Rio Juruena, e áreas onde é encontrada a madeira utilizada para confecção de arcos, denominada pelos indígenas de "Seriwa" ou "pupunha brava", também foram apontadas locais onde é encontrado o cipó "títica" muito utilizado no artesanato, complementaram citando da "Cachoeirinha" local onde em seus arredores é encontrado o cipó "Pé de Galinha", mencionado como sendo o melhor cipó utilizado para amarração de casas, foram apontadas áreas de Buritizais, Açaizeiros, Copaibeira, Seringais e Patauzal, no decorrer oficina Ayslaner perguntou aos indígenas se eles confeccionam peças de cerâmica, os mesmos relataram que não, porém despertaram o interesse em fazer este resgate cultural através de intercâmbios com etnias vizinhas, finalizando a temática, foi observado que foram apontados recursos para confecção de artesanato, fonte de renda, alimentação, uso medicinal e áreas não exploradas, encerrando as

2





PROGRAMA DE INVENTÁRIO FLORESTAL E  
ETNOMAPEAMENTO – PIFE

atividades no período da manhã foi servido um almoço para a comunidade, no período da tarde na presente data, houve uma integração com os alunos do sétimo, oitavo e nono ano, da Escola Estadual Básica Indígena Mayrowi Apiakã, ocorrendo um processo de coleta de elementos referentes a identidade da etnia, onde os mesmo transmitiram suas percepções através de desenhos, no período da tarde reiniciou as atividades com a temática “ameaças e áreas de conflitos” onde Ayslaner perguntou para os indígenas presentes se há alguma ameaça ou conflito nas divisas da Terra Indígena, Rainon cacique da Aldeia Pontal relatou que no exato momento não tem nenhum conflito, que eles não visam conflito e sim o diálogo, Ayslaner também perguntou se há alguma sobreposição de áreas de uso com as etnias vizinhas, Rainon relatou que não há, que cada etnia explora nas proximidades de cada aldeia onde reside, porém atualmente há a presença de pescadores não indígenas vindos de pousadas instaladas nas proximidades do parque, sendo que os mesmos não respeitam o parque e nem a TI, Ayslaner prosseguiu as observações perguntando da relação da etnia com o Parque Estadual do Sucunduri, Rainon relatou que atualmente não enfrentam nenhum conflito, Darlisson cacique da Aldeia Mayrowi relatou que está ocorrendo invasões de pescadores e que os mesmos não querem conflitos diretos sendo repassados as informações para a Funai através de denúncias e fotos, Ayslaner perguntou se os indígenas tem intenção de expandir o uso do território com a abertura de novas aldeias, os mesmos demonstraram esse interesse, Ayslaner ressaltou da importância de se fazer uso do território para evitar invasões, prosseguindo as atividades de mapeamento foram apontadas as áreas de caça, onde apontaram como áreas de uso os dois lados do rio sendo nos estados do Pará e Mato Grosso, em relação as áreas de pesca, os indígenas da Aldeia Pontal relataram que utilizam as áreas próximas da aldeia, abrangendo da cachoeira do São Simão a cachoeira São Florêncio para pescas diárias, e para captura de tracajá e tartaruga também utilizam a mesma extensão, sendo que para Tracajá ocorre no mês de agosto e para a tartaruga no mês de setembro, Ayslaner perguntou aos indígenas do interesse deles em realizar expedições, pois será uma oportunidade de praticar o uso do GPS, realizar registros de foto e vídeo, e reconhecimento do território, o indígena Raimundo comentou de experiências adquiridas em outras expedições, complementando da importância de se conhecer a TI para repassar seus conhecimentos para seus filhos, ressaltando que no mês de agosto seria mais apropriado para a realização da expedição, devido em outros períodos do ano essas áreas estarem alagadas, finalizando a oficina Ayslaner irá repassar junto à CHTP o interesse em realizar o sobrevoo e a expedição de reconhecimento da Terra Indígena. Não havendo nada mais, eu Cláudia Soares Pinto  secretária nomeada para esta reunião, lavrei a presente ata, após lida, aprovada. Seguem assinada pelos demais presentes:

3



P.45- Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



PROGRAMA DE INVENTÁRIO FLORESTAL E ETNOMAPEAMENTO - PIFE

*Handwritten notes in blue ink:*  
Machucado, machucado, machucado, Citronela, Eucalipto, ...  
Eucalipto, ...  
...  
PRAI MUNDO, ...  
...  
...



Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento - PIFE  
 Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestal Não Madeireiro - PIPFNM



**LISTA DE PRESENCIA**

Evento: Oficina Participativa de Etnomapeamento.

Objetivo: Produzir mapas temáticos sobre as áreas de uso e recursos naturais das T's.

Data: 22 / Abril / 2016.

Horário: 08:55 h. às 16:40 h.

Aldéia: Mbyyandi

NOME	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
Abelardo Kwasimuni Aripit	Matsigeny	A
Anderson Kwasimuni Aripit	Matsigeny	
André Santoum	M.P.	A
RAMUNDO		
Fausto Kwasimuni		
João Paulo Aripit		
Juliano Pires Aripit	Matsigeny	
João Fernando	Matsigeny	
Renoldo	M.P.	
YOSÉ MORIMÁ	Matsigeny	
Yhander Daci	Matsigeny	
Yoshuven P. Gilson	Matsigeny	
Georgete Simão Farias	Matsigeny	
Yoshuven P. Gilson	Matsigeny	



P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento - PIPE  
Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestal Não Madeireiro – PIPFNM



**LISTA DE PRESEÇA**

Evento: Oficina Participativa de Etnozoneamento.

Objetivo: Produzir mapas temáticos sobre as áreas de uso e recursos naturais das TI's.

Data: 29/ Maio / 2016.

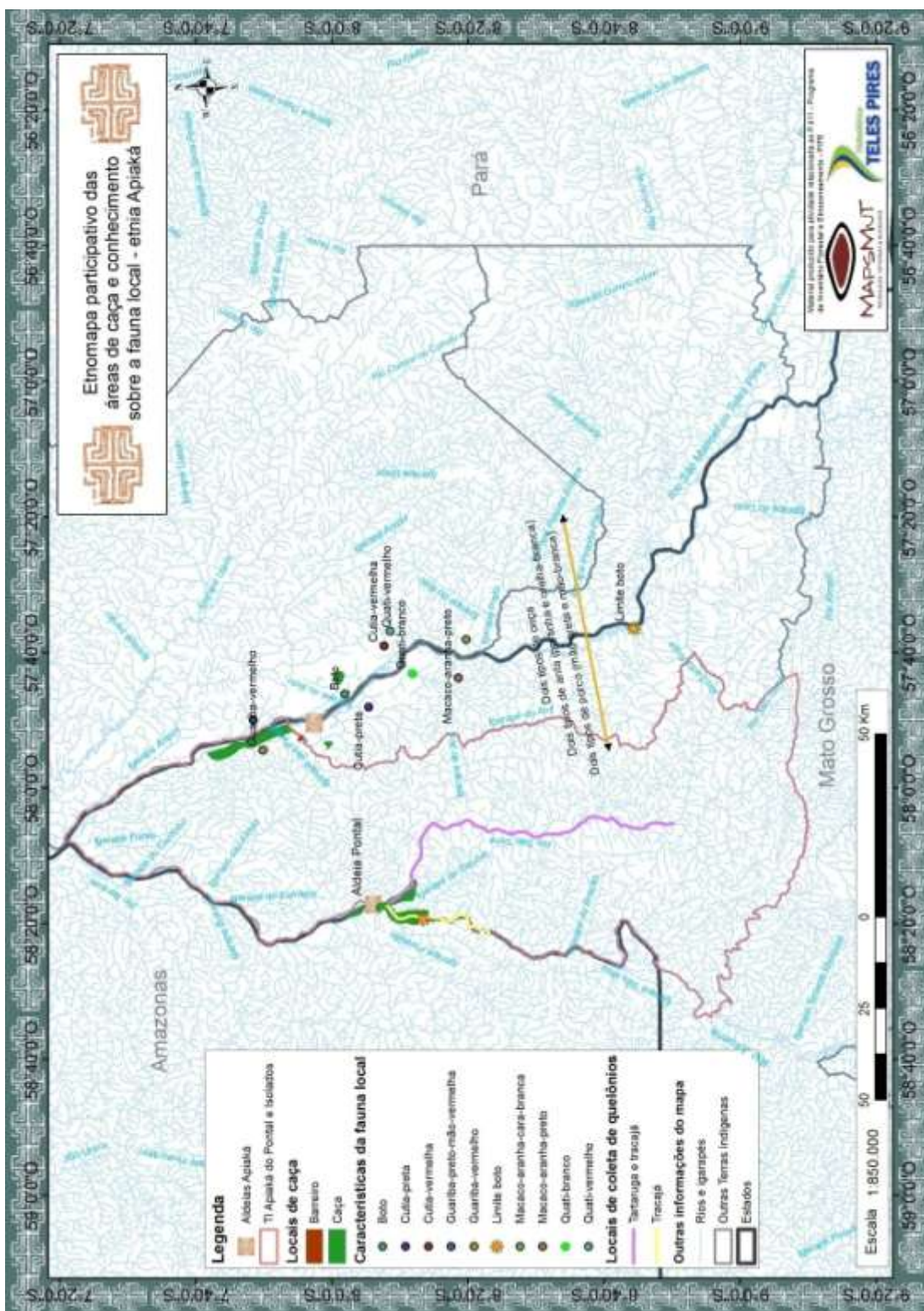
Horário: 08:55 h. às 16:40 h.

Aldeia: Miguorali

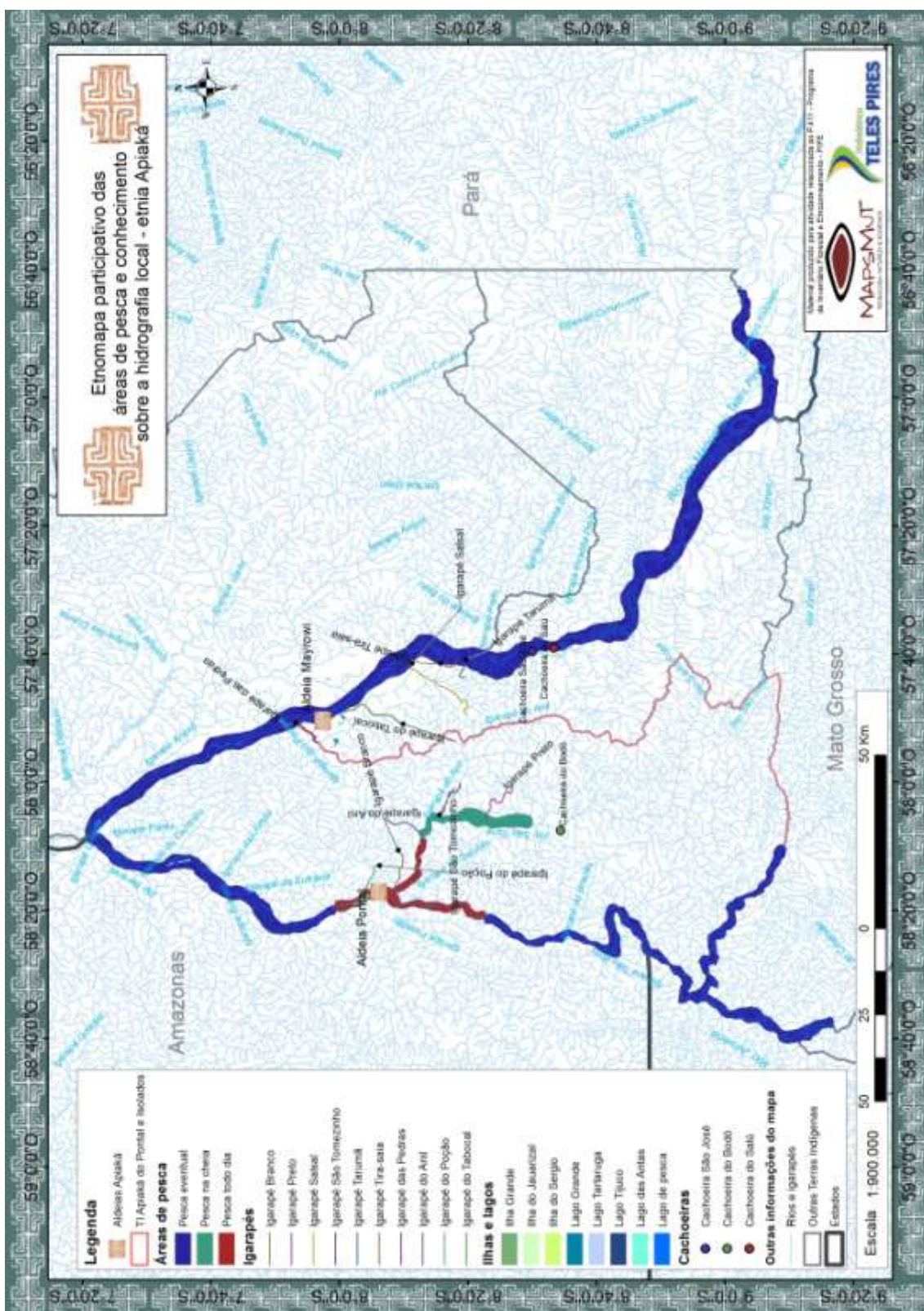
NOME	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
Rafael To	Faets	[Assinatura]
Donna Aparecida Afonso de Oliveira	MAPSMUT	[Assinatura]
Socorro Maria de Almeida	MAPSMUT	[Assinatura]
Madalena Fátima Apareci	MAPSMUT	[Assinatura]
Rafael Pinheiro Delfino	MAPSMUT	[Assinatura]
Claudia Jacynys Leite	MAPSMUT	[Assinatura]
James Machado Reis	MAPSMUT	[Assinatura]
Marcelo de Souza	MAPSMUT	[Assinatura]
Wilson Vitor Costa de Oliveira	MAPSMUT	[Assinatura]



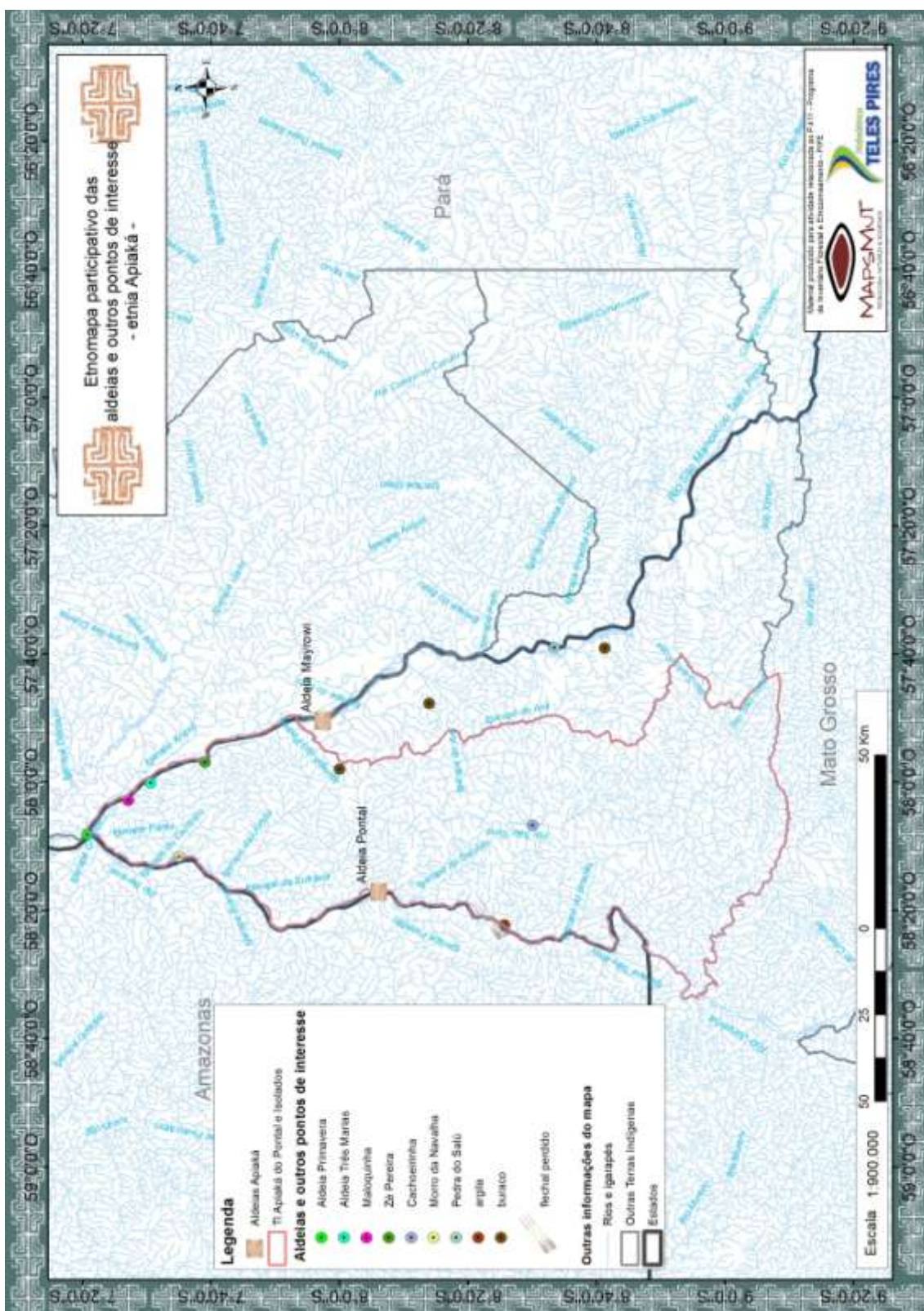
8.6 Etnomapas – etnia Apiaká.



P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento

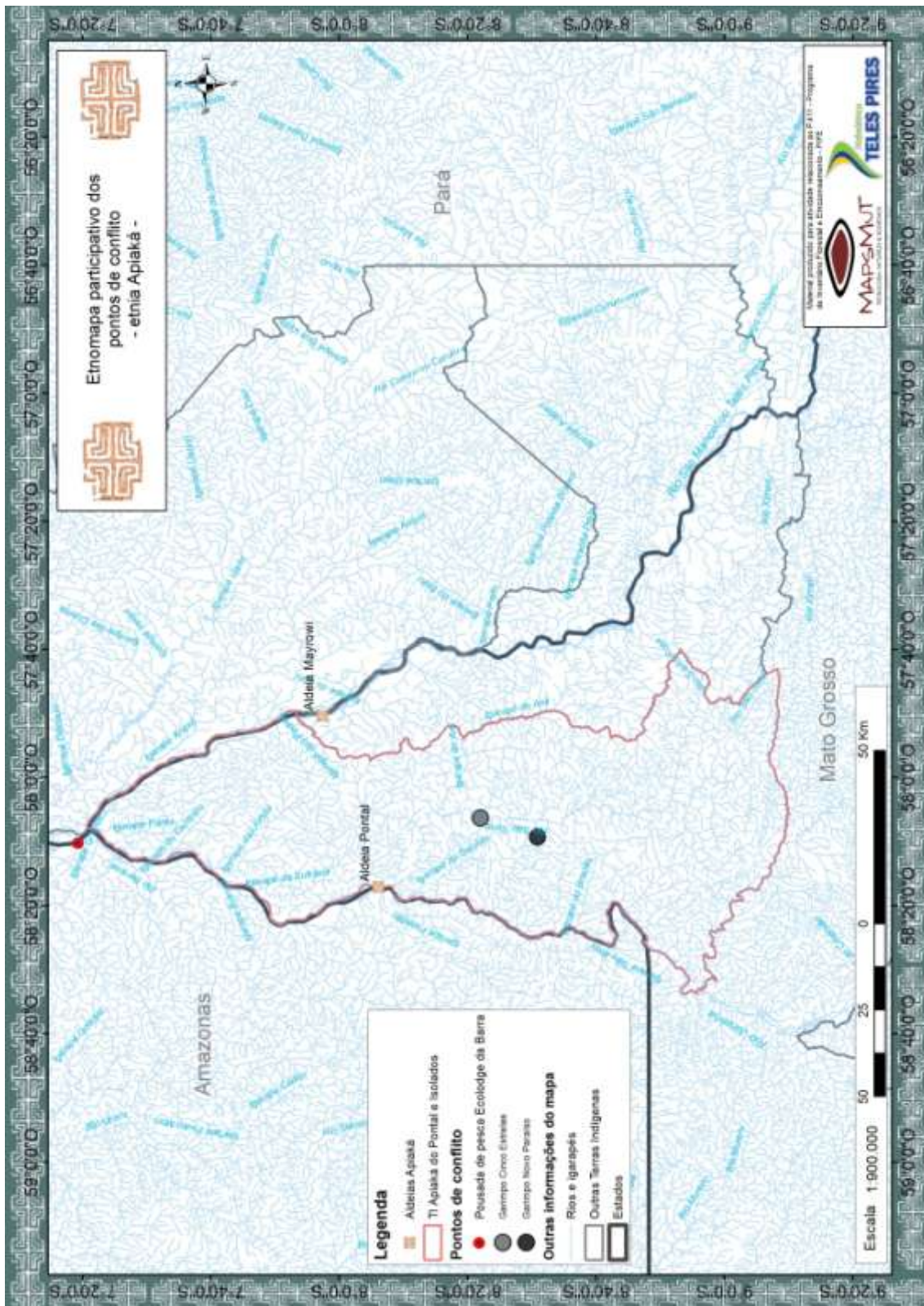


P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento

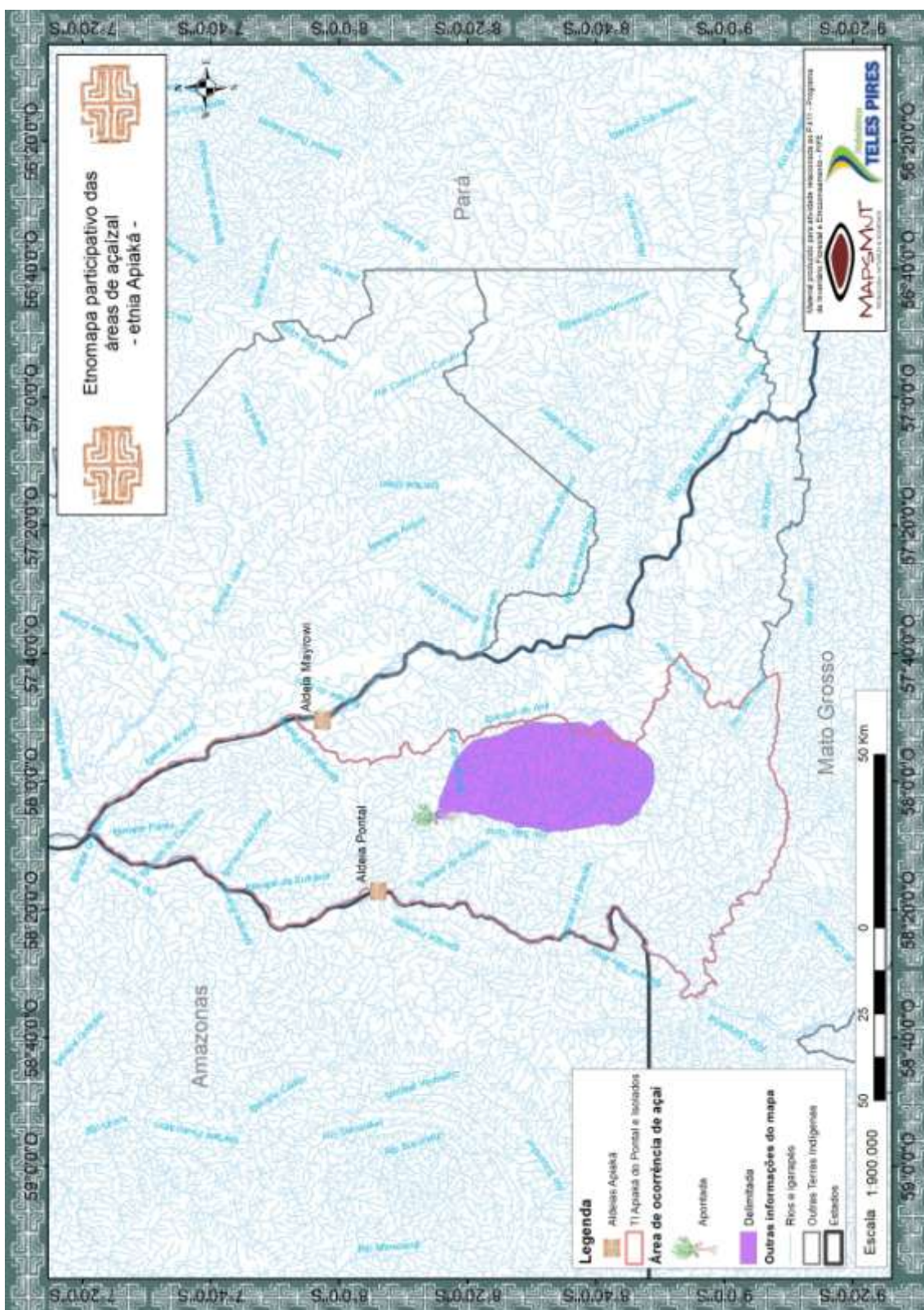




# P.45- Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



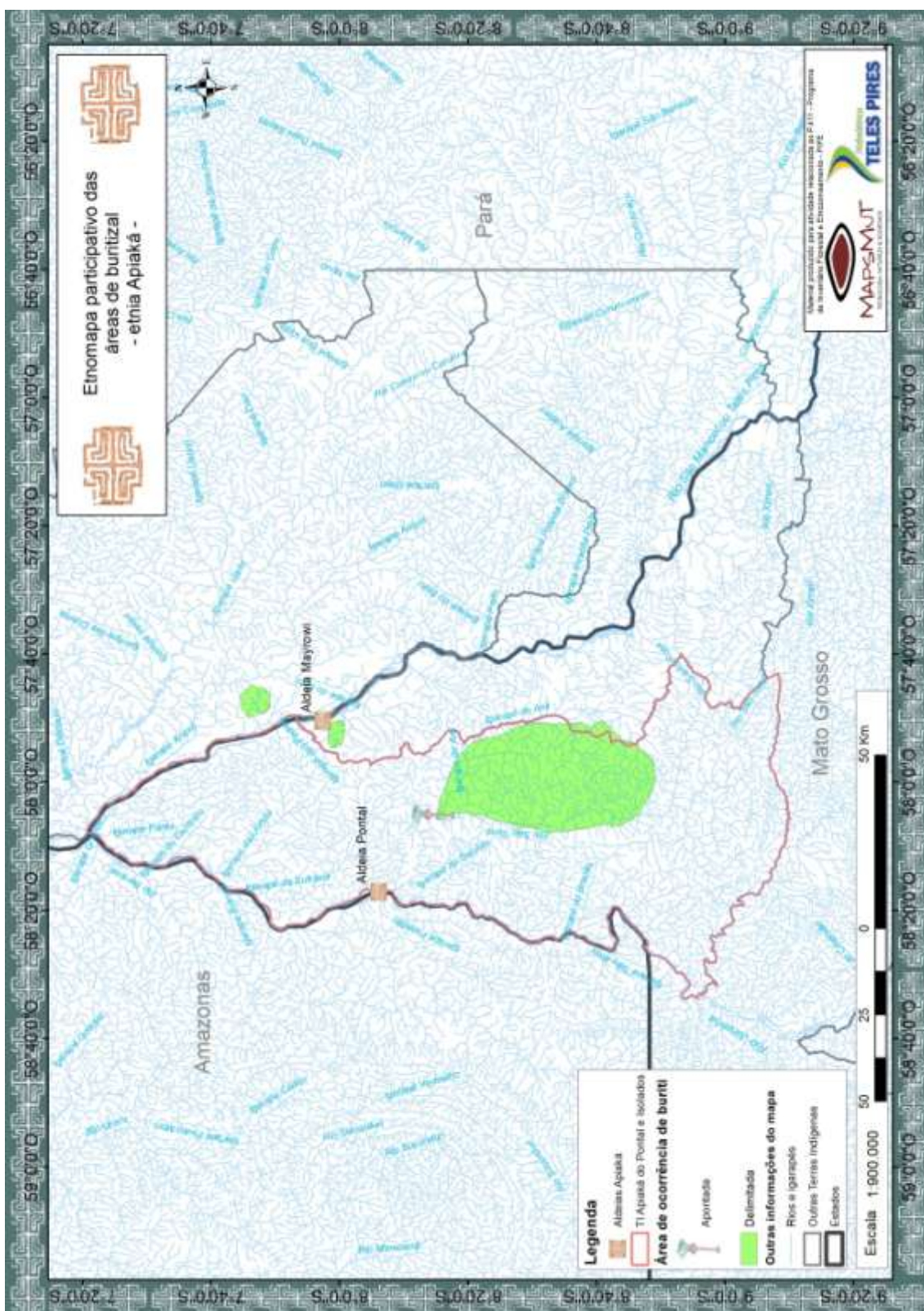
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



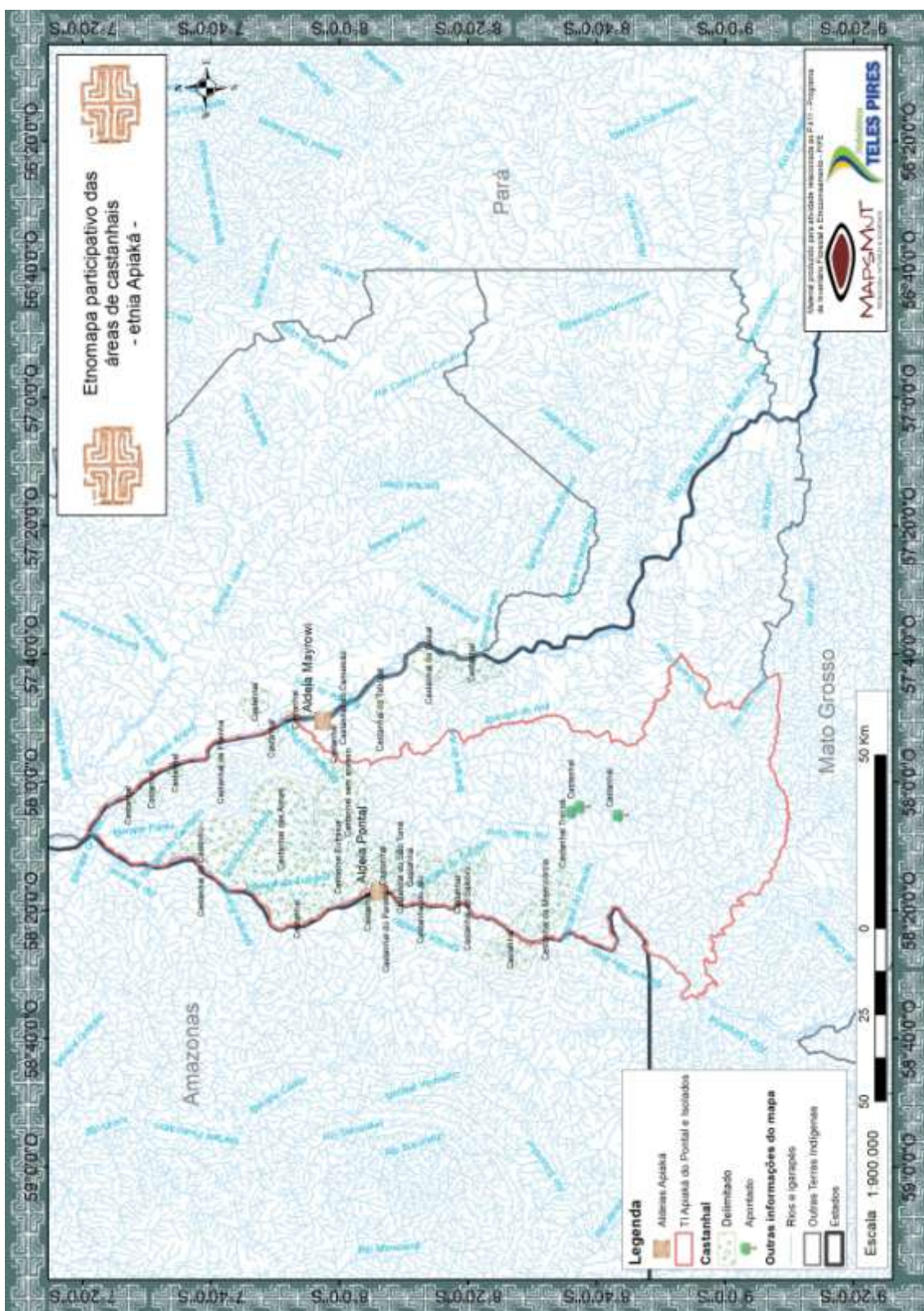
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



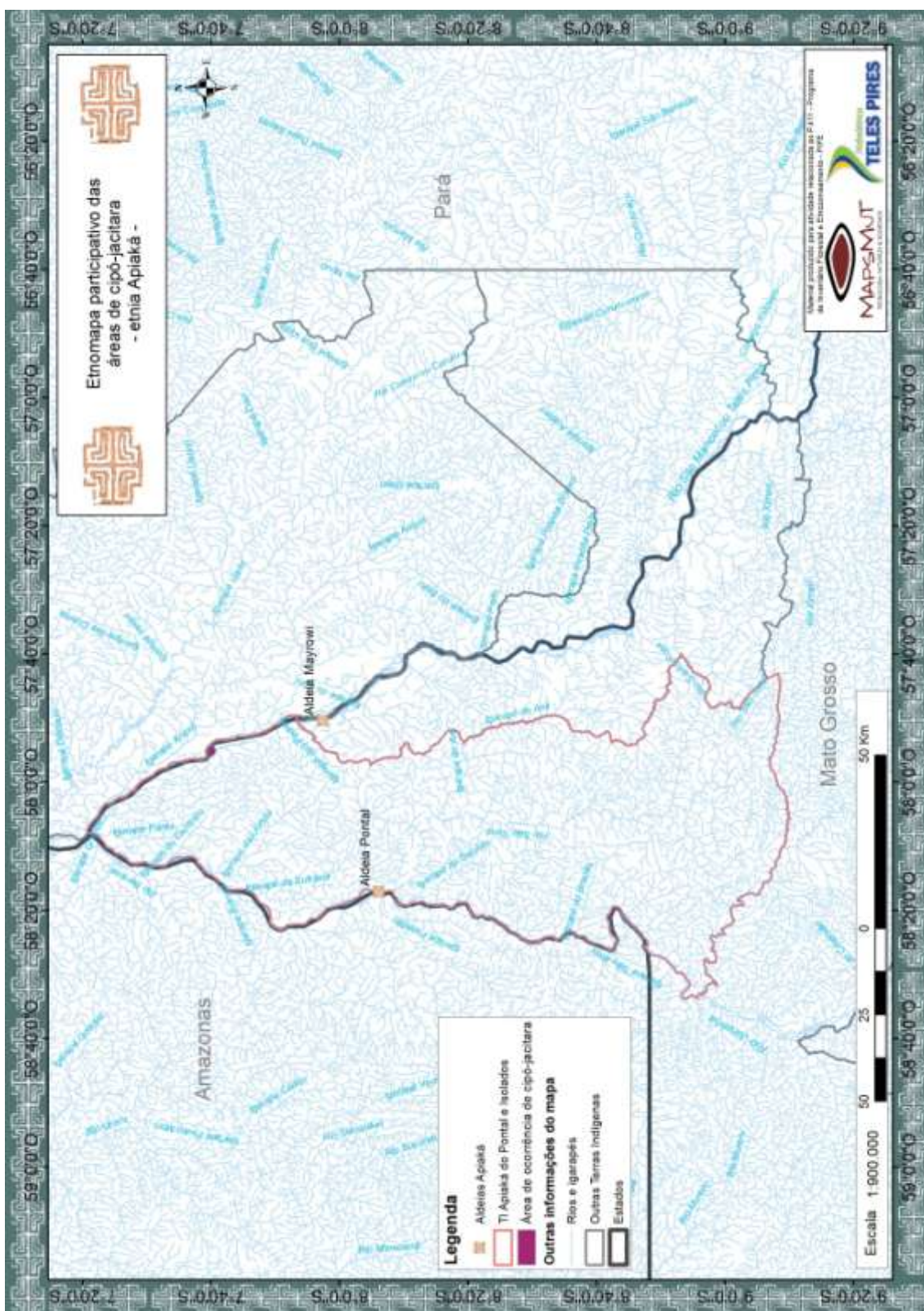
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento

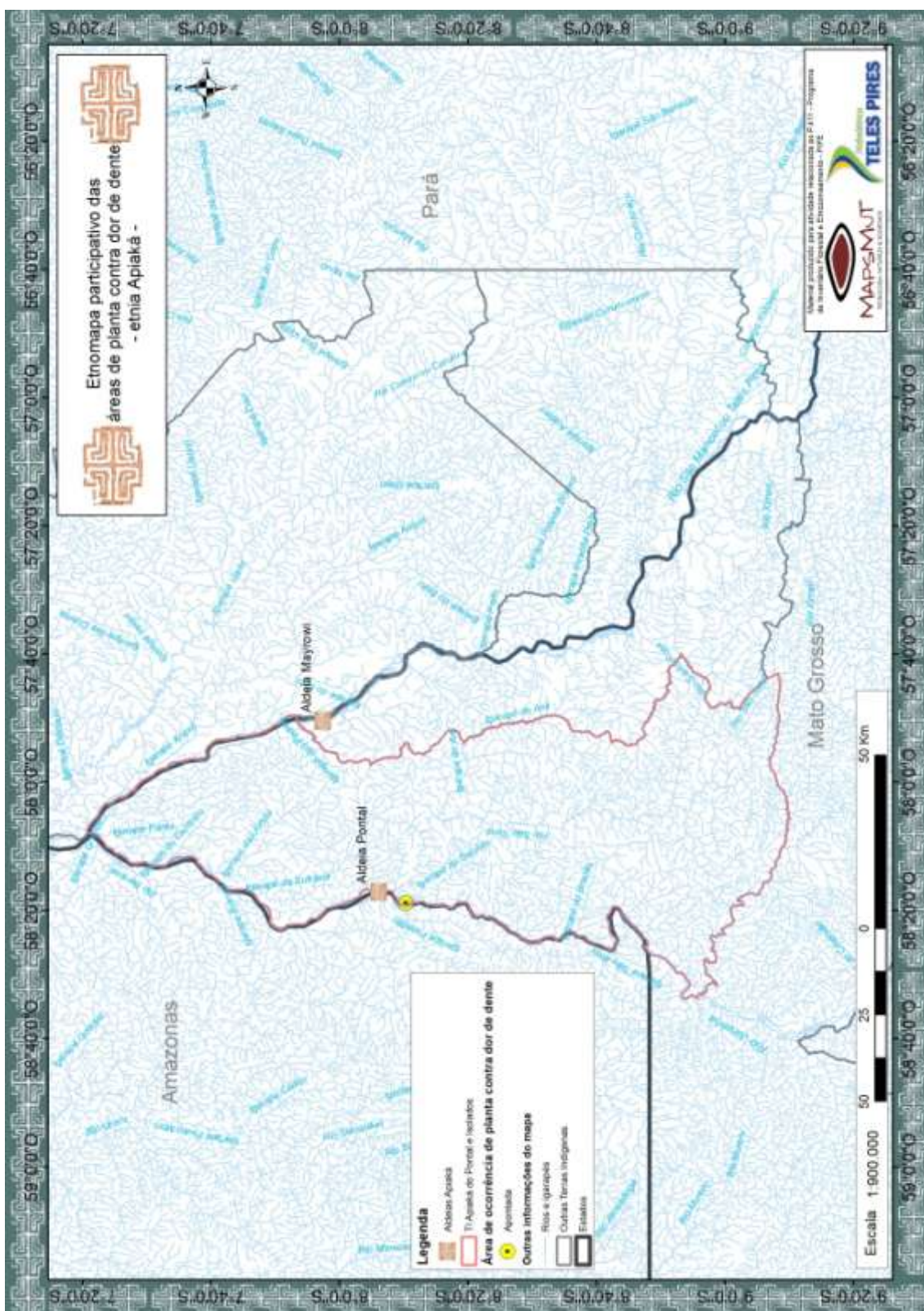




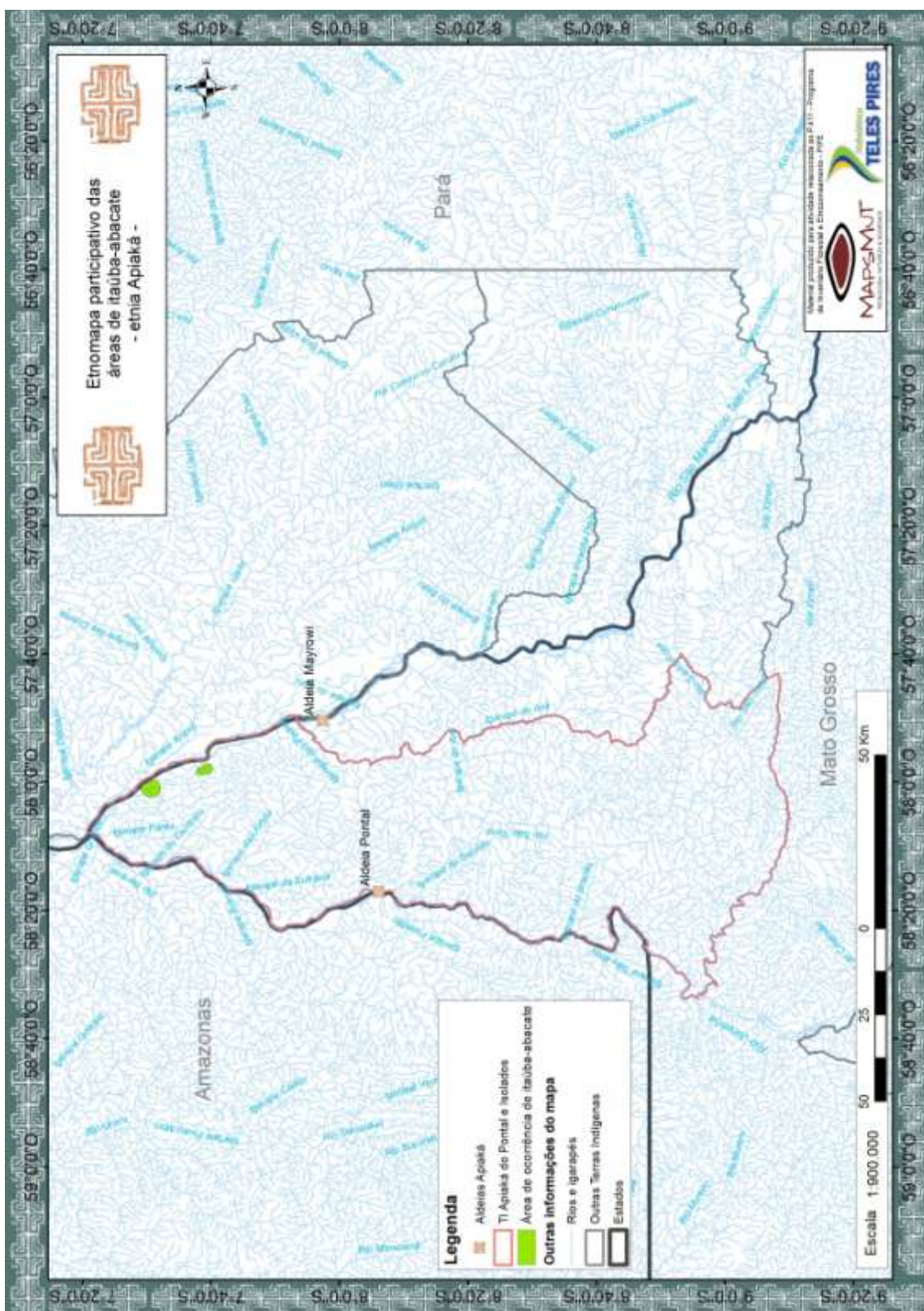
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



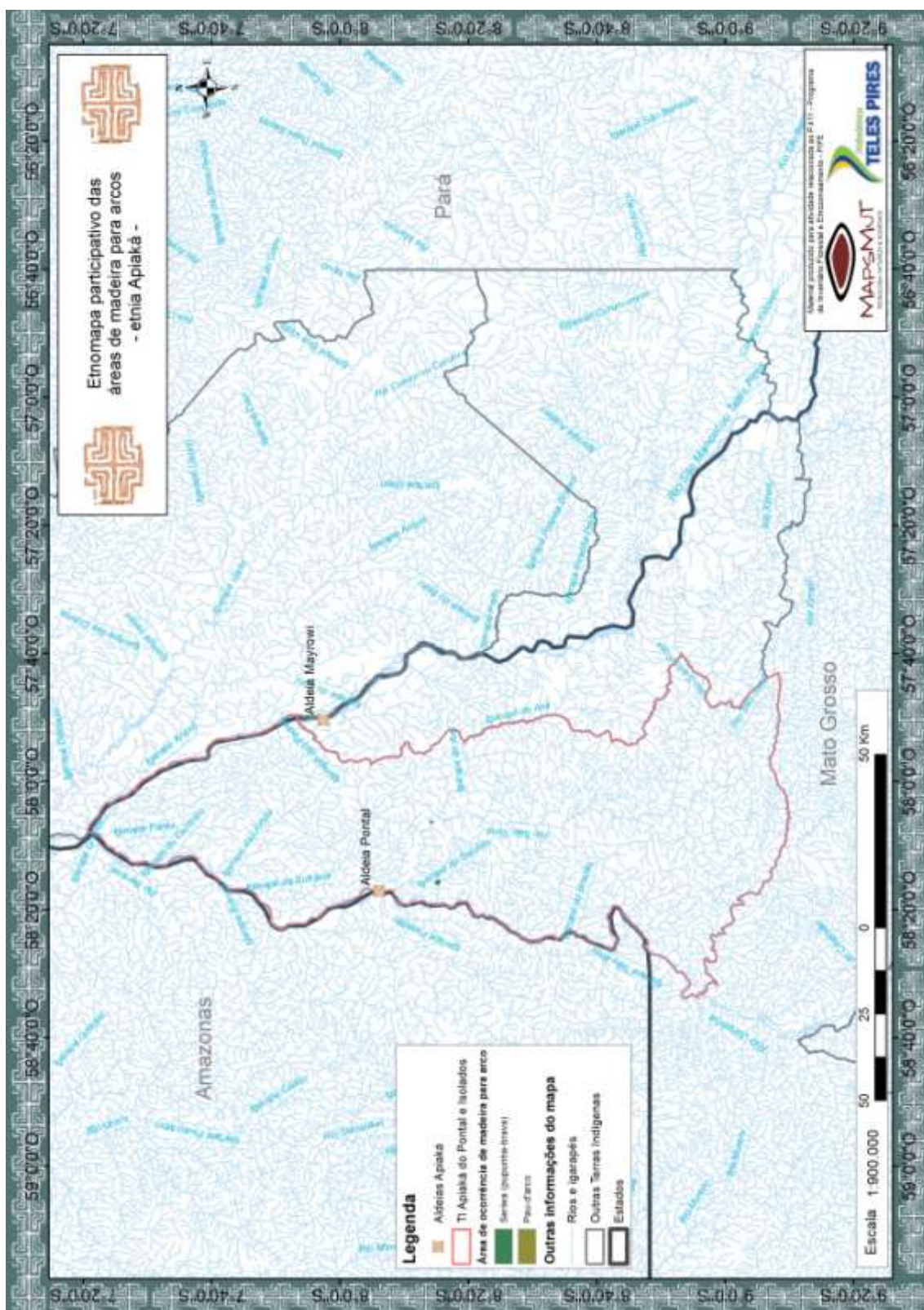
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



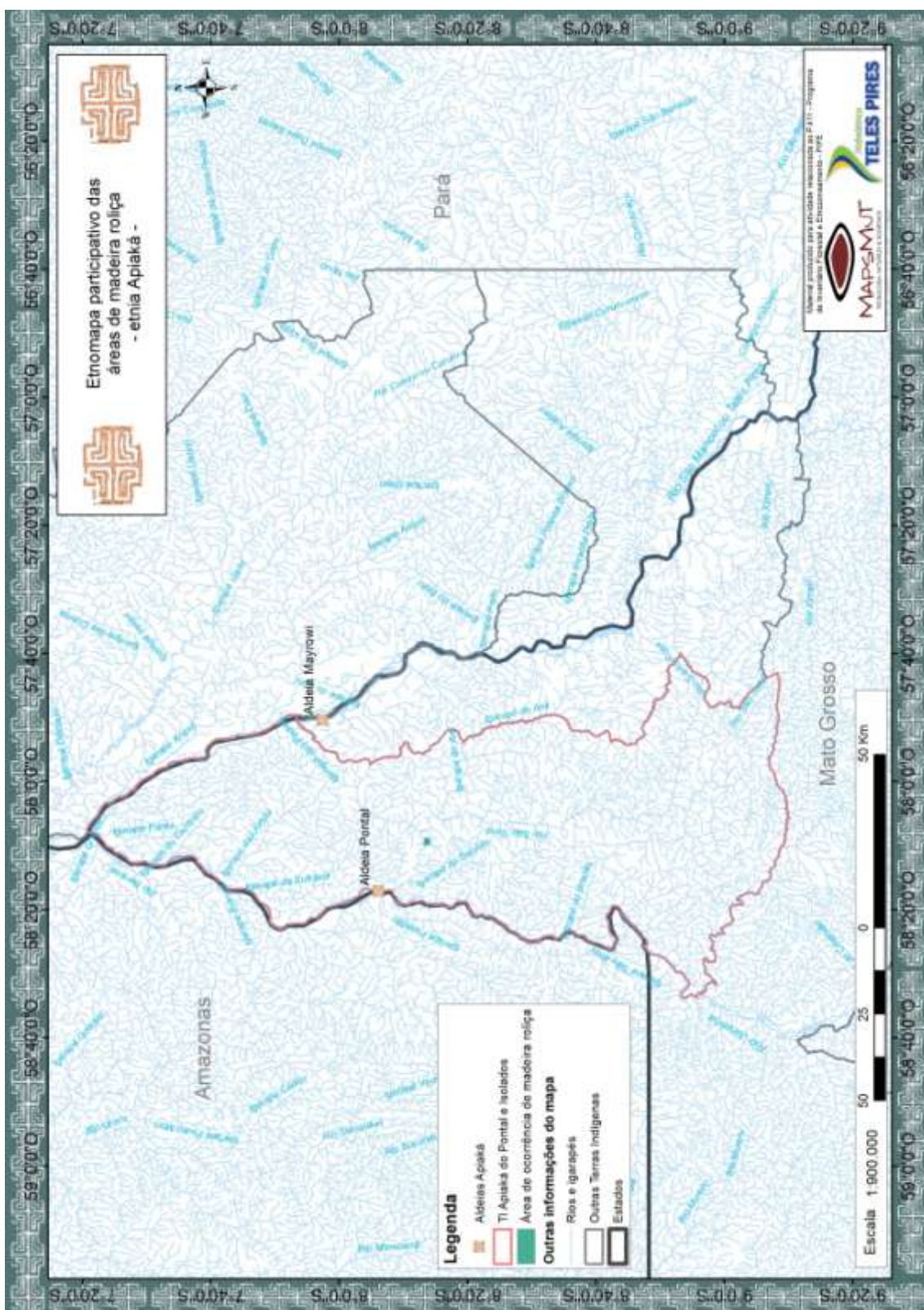
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



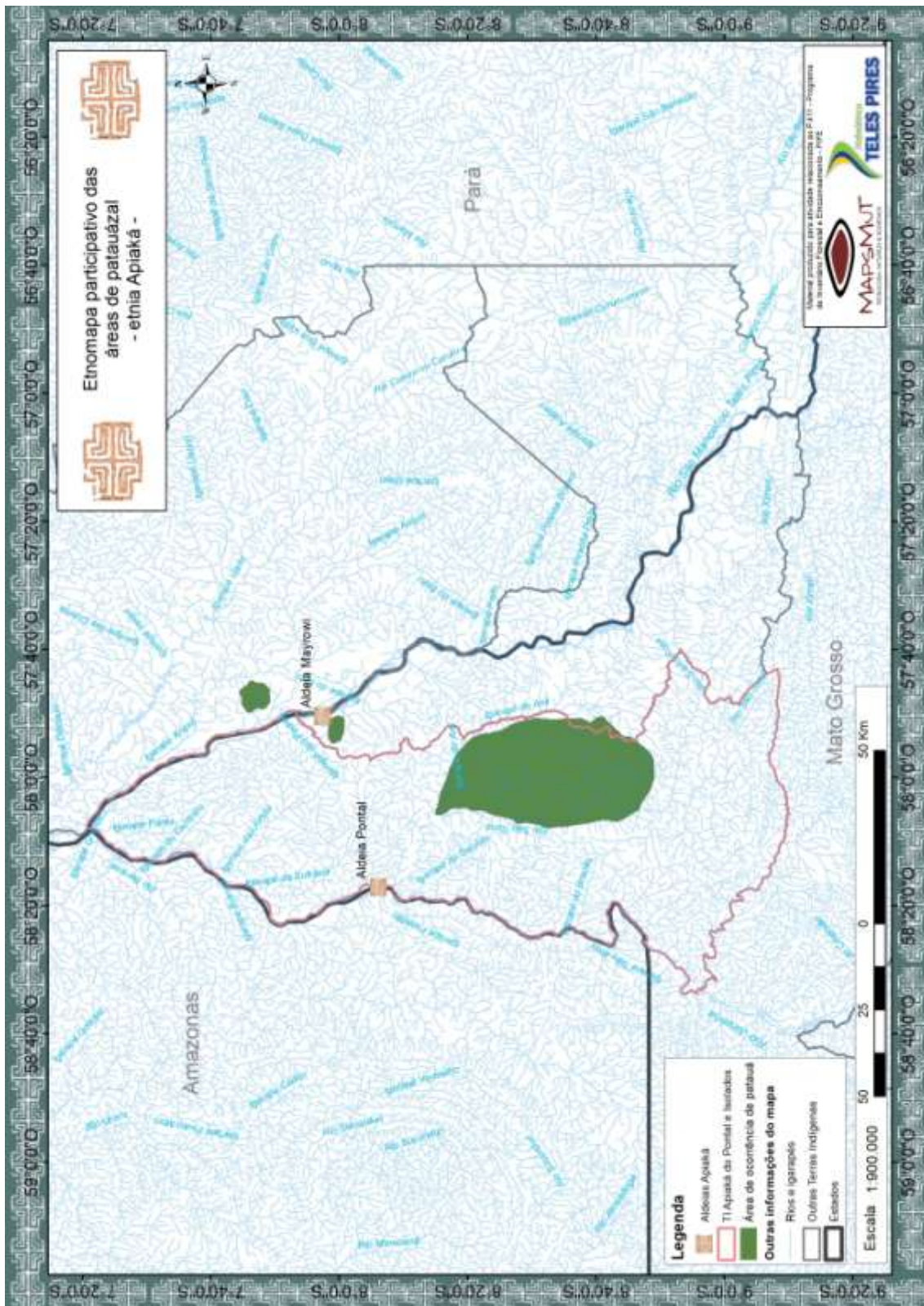
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



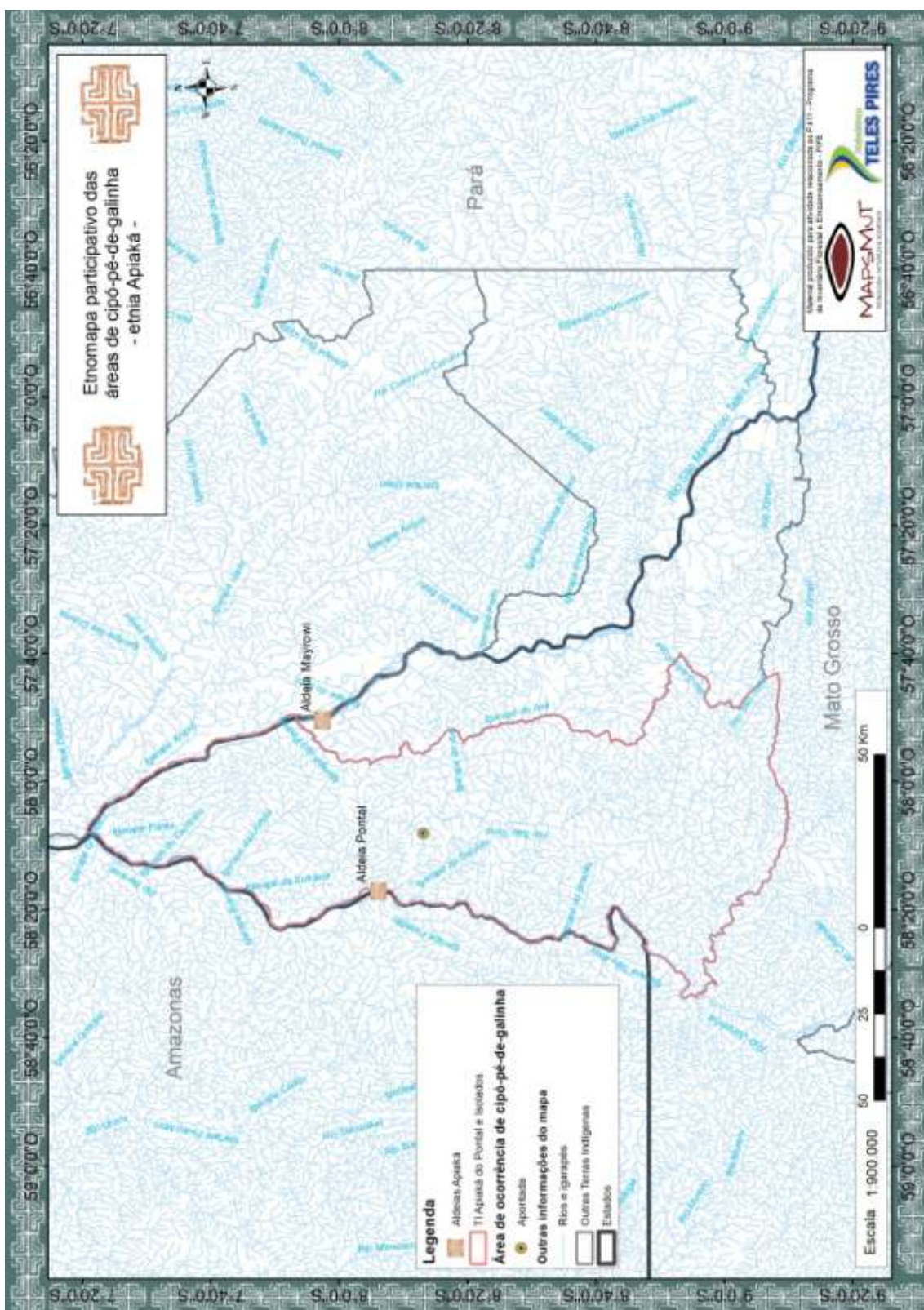
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento





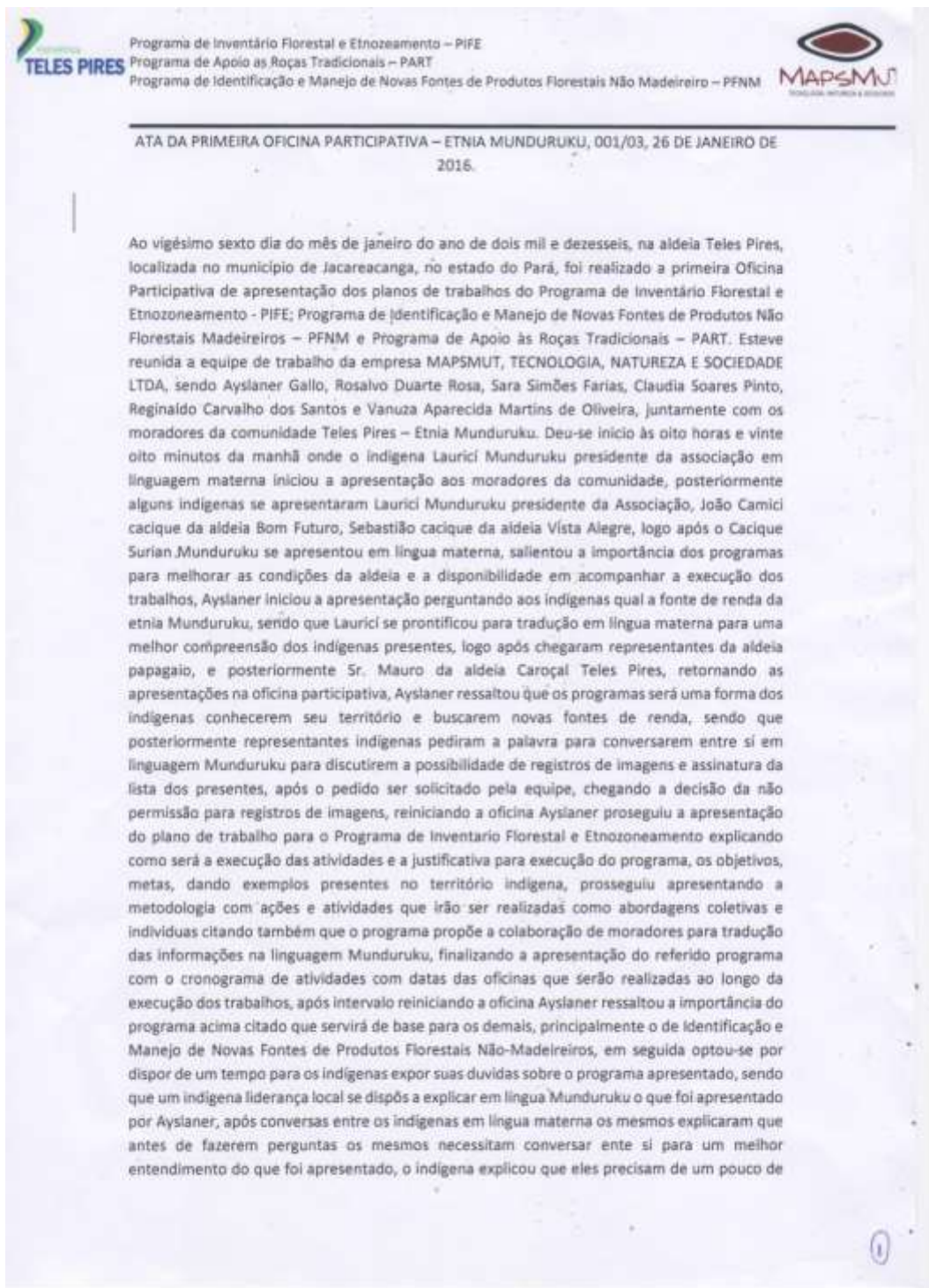
P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento



## 8.7 Ata da Primeira Oficina Participativa de apresentação do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento – PIPFNM, etnia Munduruku.




Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento – PIFE  
Programa de Apoio às Roças Tradicionais – PART  
Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestais Não Madeireiro – PIFNM

ATA DA PRIMEIRA OFICINA PARTICIPATIVA – ETNIA MUNDURUKU, 001/03, 26 DE JANEIRO DE 2016.

Ao vigésimo sexto dia do mês de janeiro do ano de dois mil e dezesseis, na aldeia Teles Pires, localizada no município de Jacareacanga, no estado do Pará, foi realizado a primeira Oficina Participativa de apresentação dos planos de trabalhos do Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento - PIFE; Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Não Madeireiros – PIFNM e Programa de Apoio às Roças Tradicionais – PART. Esteve reunida a equipe de trabalho da empresa MAPSMUT, TECNOLOGIA, NATUREZA E SOCIEDADE LTDA, sendo Ayslaner Gallo, Rosalvo Duarte Rosa, Sara Simões Farias, Claudia Soares Pinto, Reginaldo Carvalho dos Santos e Vanuza Aparecida Martins de Oliveira, juntamente com os moradores da comunidade Teles Pires – Etnia Munduruku. Deu-se início às oito horas e vinte oito minutos da manhã onde o indígena Laurici Munduruku presidente da associação em linguagem materna iniciou a apresentação aos moradores da comunidade, posteriormente alguns indígenas se apresentaram Laurici Munduruku presidente da Associação, João Camici cacique da aldeia Bom Futuro, Sebastião cacique da aldeia Vista Alegre, logo após o Cacique Surlian Munduruku se apresentou em língua materna, salientou a importância dos programas para melhorar as condições da aldeia e a disponibilidade em acompanhar a execução dos trabalhos, Ayslaner iniciou a apresentação perguntando aos indígenas qual a fonte de renda da etnia Munduruku, sendo que Laurici se prontificou para tradução em língua materna para uma melhor compreensão dos indígenas presentes, logo após chegaram representantes da aldeia papagaio, e posteriormente Sr. Mauro da aldeia Caroçal Teles Pires, retornando as apresentações na oficina participativa, Ayslaner ressaltou que os programas será uma forma dos indígenas conhecerem seu território e buscarem novas fontes de renda, sendo que posteriormente representantes indígenas pediram a palavra para conversarem entre si em linguagem Munduruku para discutirem a possibilidade de registros de imagens e assinatura da lista dos presentes, após o pedido ser solicitado pela equipe, chegando a decisão da não permissão para registros de imagens, reiniciando a oficina Ayslaner proseguiu a apresentação do plano de trabalho para o Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento explicando como será a execução das atividades e a justificativa para execução do programa, os objetivos, metas, dando exemplos presentes no território indígena, prosseguiu apresentando a metodologia com ações e atividades que irão ser realizadas como abordagens coletivas e individuais citando também que o programa propõe a colaboração de moradores para tradução das informações na linguagem Munduruku, finalizando a apresentação do referido programa com o cronograma de atividades com datas das oficinas que serão realizadas ao longo da execução dos trabalhos, após intervalo reiniciando a oficina Ayslaner ressaltou a importância do programa acima citado que servirá de base para os demais, principalmente o de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestais Não-Madeireiros, em seguida optou-se por dispor de um tempo para os indígenas expor suas dúvidas sobre o programa apresentado, sendo que um indígena liderança local se dispôs a explicar em língua Munduruku o que foi apresentado por Ayslaner, após conversas entre os indígenas em língua materna os mesmos explicaram que antes de fazerem perguntas os mesmos necessitam conversar ente si para um melhor entendimento do que foi apresentado, o indígena explicou que eles precisam de um pouco de

## P.45– Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento

tempo para entender o programa que não aceitam sem saber do que se trata, onde um líder indígena comentou, que cada tema tem que ser bem informado e explicado, que servirá também para ser usado pela associação e que cada aldeia tem sua região de trabalho e que seria importante que fosse realizado em cada aldeia pois cada uma tem sua área de uso, complementando da importância dos líderes entenderem bem dos programas para passar para a comunidade, retornando as explicações sobre a importância do programa outro líder indígena comentou das pressões da exploração do garimpo ilegal na região do nova vida onde conta com sete maquinários, onde no mês de maio irá ocorrer uma assembleia para discutir sobre o assunto, comentando da importância de se conhecer o que está ocorrendo em seu território, onde houve um pedido de um radar junto a Funai para monitoramento da terra indígena que seria facilitado com a aquisição deste equipamento conseguiriam fazer este monitoramento e tempo real, e que sobrevôos constantes facilitaria a fiscalização que se torna difícil devido as longas extensões de seu território que conta com invasões de fazendeiros e garimpeiros, também comentou da importância das Associações se comunicarem com os órgãos, no decorrer da conversa o líder citou da importância de manter as tradições incentivando e ensinando os jovens, as quatorze horas e trinta e cinco minutos da mesma data deu-se continuidade a oficina participativa para apresentação dos PBAI, que contou com a presença da comunidade e lideranças indígenas, onde representantes discutiram com o uso da língua materna prosseguindo em uma longa conversa, onde decidiram no encerramento da oficina, alegando que a equipe técnica chegou de surpresa, sem a presença da FUNAI que são parceiros e em nome do cacique consideraram encerrada a apresentação dos programas complementando que já foram muito enganados por empresas que destroem a vida e lugares sagrados para os índios e que os brancos não respeitam o índio, eles não aceitam a realização do etnozoneamento e que o próprio índio que tem que fazer isso, pois existem várias pessoas com má intenção que divulgam essas informações, e que o programa de apoio as roças solicitado por eles era para vim um técnico que os ajudariam a utilizar as ferramentas que eles tem, e que as demais reuniões podem ocorrer através da Associação que fará o convite, opinaram da ausência de comunicação da CHTP avisando da presença de empresas para realização de trabalhos, questionando o porque da chegada sem a devida autorização dos indígenas com o acompanhamento de representantes da FUNAI para ajuda-los a decidir sobre o que está sendo exposto e que o mesmo não ocorra novamente, e que estão cientes da pressão do Ministério Público para execução destas atividades, precisam de um tempo para que o trabalho seja feito de forma correta, Ayslener justificou a falha na comunicação da CHTP entre as lideranças indígenas, Laurici desculpou-se pelo encerramento da oficina demonstrando seu medo na divulgação das informações coletadas. Não havendo nada mais, eu Cláudia Soares Pinto  secretária nomeada para esta reunião, lavei a presente ata, após lida, aprovada. Segue assinada pelos demais presentes, exceto a comunidade Munuduruku como citado acima:

*Sora Juíza Soares (Cacique), Icaroza, Cassiano, Partico de Oliveira, Aylner Gallo, Gabriel Duarte, Tomá Aquinaldo, Santa*

## 8.8 Ata da Segunda Reunião de Apresentação dos Planos de Trabalhos e equipe executora – etnia Munduruku.



PROGRAMA DE INVENTÁRIO FLORESTAL E  
ETNOMAPEAMENTO – PIFE

### ATA DE REUNIÃO DE APRESENTAÇÃO DO PLANO DE TRABALHO E EQUIPE MAPSMUT – ALDEIA TELES PIRES - ETNIA MUNDURUKU, 002/02, 30 DE ABRIL DE 2016

Ao trigésimo dia do mês de abril do ano de dois mil e dezessets, na aldeia Teles Pires, localizada no município de Jacareacanga, no estado do Pará, foi realizado a reunião de apresentação dos planos de trabalhos, referente aos Programas de Inventário Florestal e Etnomapeamento – PIFE, Programa de Apoio às Roças Tradicionais – PART e Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestais Não-Madeireiros – PFMN, esteve reunida a equipe de trabalho da empresa MAPSMUT, TECNOLOGIA, NATUREZA E SOCIEDADE LTDA, sendo, Ayslaner Gallo, Claudia Soares Pinto, James Machado Bilce, Reginaldo Carvalho, Rosalvo Duarte Rosa, Sara Simões Farias e Vanuza Apª Martins de Oliveira, onde estiveram presentes o representante da CHTP Arthur Loiola, FUNAI Wyncla, CTL Elton e moradores das aldeias Teles Pires, Bom Futuro, Caroyal e Papagaio, às dez horas e dezoito minutos o indígena Laureci em língua materna deu início a reunião dando espaço para a apresentação dos representantes das CHTP, FUNAI e MapsMut, posteriormente o cacique Disma da Aldeia Teles Pires se dispôs a conversar com os moradores locais fazendo uso da língua materna, em seguida o cacique João da Aldeia Bom Futuro, se apresentou e complementou mencionando que esta reunião só está sendo realizada devido a presença de representantes da FUNAI, dando prosseguimento o cacique José Mauro da Aldeia Caroyal fez uma breve apresentação, posteriormente o cacique Benedito da Aldeia Posto Velho se dispôs a se apresentar mencionando que a comunidade que irá decidir pela aprovação dos programas, logo após o representante indígena da Aldeia Papagaio Emiliano se apresentou complementando que a decisão da comunidade é muito importante nesta ocasião, dando prosseguimento o indígena Candido pediu a palavra, e realizou sua apresentação e uma breve conversa em língua materna com os moradores presentes, posteriormente o indígena Rogério se dispôs a comunicar com a comunidade em língua materna, dando continuidade o representante da aldeia Papagaio pediu a palavra novamente fazendo uso da língua materna, o indígena Laureci fez uso da palavra repassando um pedido de que não ocorra as filmagens, disponibilizando o espaço para que Ayslaner inicie a apresentação do plano de trabalho, o indígena Leandro ressaltou da importância de geração de renda para a comunidade, Ayslaner iniciou a apresentação explicando do Programa de Identificação e Manejo de novas Fontes de Produtos Florestais Não-Madeireiros, detalhando seus objetivos, como identificação das áreas de maior potencial, dos produtos a serem comercializados e o potencial mercado para venda dos produtos, complementando do envolvimento da comunidade na escolha dos produtos que serão trabalhados na execução do projeto piloto que será apoiado pela CHTP, onde no primeiro ano

1





PROGRAMA DE INVENTÁRIO FLORESTAL E  
ETNOMAPEAMENTO – PIFE

ocorrerá visitas mensais da equipe que servirá como forma de conhecer o está sendo utilizado pela comunidade, seja na coleta de castanha, copaiba ou artesanato, o representante da Aldeia Papagaio Emiliano pediu a palavra comentando suas experiências com a coleta de castanha no ano anterior, complementando das dificuldades em relação ao combustível, e que já obteve apoio da CHTP com combustível sendo necessário uma confiança de ambas as partes e que quando eles pedem apoio que sejam atendidos, seja pela FUNAI, CTL ou CHTP, complementando que quando solicitar combustível que o pedido seja atendido, Arthur pediu a palavra argumentando que em anos anteriores através de estudos foi realizado um levantamento das necessidades solicitadas pela comunidade como cestas básicas, materiais de pesca e combustível, complementando que os recursos são disponibilizados de acordo com o plano demandado pela comunidade, e que fazer alterações de planejamento não é possível sem constar no plano, prosseguindo a reunião o representante da FUNAI, pediu a palavra justificando que a execução destes programas é um estudo importante para conhecimento da comunidade, e de estudar de forma detalhada as necessidades da comunidade através da execução de programas, para um planejamento e conhecimento das demandas da comunidade para a aquisição de recursos, o representante da CTL, Elton pediu a palavra complementando da deficiência na comunicação da equipe gestora, exemplificando o não acesso ao PBAI, o indígena Emiliano pediu a palavra complementando que esta discussão sobre o assunto pode ser realizada em outra ocasião, passando a palavra para Ayslaner para que o mesmo continue a apresentação dos planos de trabalho, onde Ayslaner iniciou explicando do Programa de Apoio às Roças Tradicionais, onde será realizado um estudo de identificação do que está sendo produzido, o tipo de solo, auxiliar na identificação de áreas para abertura de roças novas, o indígena Leandro comentou que eles produzem uma pimenta artesanal, Ayslaner complementou que pode ser um produto com grande potencial citando a experiência de outras comunidades indígenas, e que como meta de trabalho o programa irá auxiliar na produção, o indígena Leandro e o senhor José Mauro citaram do ataque de "catitu" nas roças, causando prejuízos a roça, pois comem as culturas como cará, "macacheira", mandioca, Ayslaner deu prosseguimento a reunião explicando do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento, que será um mapeamento das áreas de uso, áreas de conflito e invasões, como forma de entender como está seu território, complementando que a comunidade é importante pois são os mesmos que conhecem seu território, em relação ao inventário florestal será importante para estimar os potenciais produtos para posterior comercialização, dando como exemplo o levantamento dos castanhais, como forma de quantificar o recurso disponível e levantar informações para planejar a execução do projeto piloto e aquisição de

2





PROGRAMA DE INVENTÁRIO FLORESTAL E  
ETNOMAPEAMENTO – PIFE

recursos junto a CHTP, enfatizando que os programas estão interligados sendo que o mapeamento da Terra Indígena subsidiará os demais programas, e estimulará o uso de equipamentos como GPS, e programas de SIG, como forma de realizar a gestão da Terra Indígena, sendo o início do plano de gestão do território, ressaltando que como está previsto do PBAI, nesse estudo terá um auxílio de indígenas para que as informações sejam transcritas para a língua materna Munduruku, o representante da FUNAI pediu a palavra argumentando que a principal preocupação dos Munduruku é a divulgação das informações coletadas neste estudo, questionando a Ayslaner para onde serão divulgadas os dados, o mesmo respondeu argumentando que as informações coletadas ao longo do estudo, serão repassados para a CHTP que destinará aos órgãos competentes, James membro da equipe MapsMut complementou afirmando que os integrantes da equipe de estudo assinaram um termo de compromisso, que os impedem de divulgar dados referente as informações adquiridas, às treze horas e dez minutos houve uma pausa para o almoço, as quatorze horas Laureci reiniciou a reunião para dar continuidade ao processo de decisão da comunidade para a execução dos programas apresentados, alguns indígenas se manifestaram em língua materna em uma prolongada conversa, Rogério, prosseguiram uma conversa com os moradores em língua materna, devido horários de programação o representante da FUNAI pediu a palavra justificando que o mesmo teria horário de saída, o indígena Laureci pediu o encerramento da reunião justificando que a comunidade não concorda com a execução dos referidos programas, Arthur pediu a palavra perguntando a Laureci o motivo pelo qual não concordam, Laureci argumentou que os indígenas estão preocupados com a divulgação das informações obtidas e que eles não confiam na empresa, afirmando do encerramento da reunião, Ayslaner questionou que se houvesse a retirada do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento seria possível a execução dos demais programas, o indígena Cândido pediu a palavra para conversar com a comunidade, seguindo em uma longa conversa, o representante da CLT se manifestou esclarecendo aos indígenas a importância da execução dos programas e que a FUNAI está presente para auxiliá-los na decisão e que não escolha os mesmos estão abrindo mão dos benefícios previstos nos programas, o representante da FUNAI perguntou diretamente a equipe que caso haja o cancelamento da execução do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento tem como ocorrer a execução dos demais programas, Ayslaner argumentou que não é o ideal, porém uma participação da comunidade repassando seus conhecimentos será fundamental, Wyncia questionou que a não execução do referido programa irá prejudicá-los na obtenção dos recursos proveniente do programa que para discutirem sobre essa possibilidade, Ayslaner argumentou que poderia executar as atividades de acordo com planejamentos realizados através do conhecimento da comunidade como

3





PROGRAMA DE INVENTÁRIO FLORESTAL E ETNOMAPEAMENTO – PIFE

gasto de combustível de deslocamento, Arthur se manifestou argumentando que o programa não pode ser executado pela metade, sendo necessário uma documentação formal por parte dos indígenas, que a CHTP tem que cumprir o que está previsto no PBAI, e que o mesmo foi aprovado pela comunidade, Elton representante da CLT complementou expondo a falha do conselho gestor em não convocá-los para estar presente nas reuniões, Arthur argumentou que pode não estar ocorrendo devido conflitos de agenda, os indígenas pediram um espaço para a decisão da comunidade, posteriormente Laureci repassou a decisão final da comunidade, sendo acordado pela a execução do Programa de Apoio às Roças Tradicionais e o Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestais não madeireiros, a FUNAI junto com os indígenas se comprometeram a elaborar a documentação justificando a não execução do Programa de Inventário Florestal e Etnomapeamento. Não havendo nada mais, eu Cláudia Soares Pinto Cláudia Pinto secretária nomeada para esta reunião, lavrei a presente ata, após lida, aprovada. Seguem assinada pelos demais presentes:

Waldemar Paz de Aquino - Funai; Arthur  
 Elton Machado de Almeida - FUNAI; Cláudia Pinto  
 Arthur - CHTP / Kawari Mura  
 Waldemar Paz de Aquino - Funai  
 Waldemar Paz de Aquino - Funai  
 benedito kamourai, Manoel Machado Bilco  
 Lorena de Jesus - Centro Verde Munduruki  
 Rogério Gilô Munduruki, Tuá Múbia  
 Dama Lisa munduruki, Arthur  
 José Américo Pereira Paes munduruki  
 Aplanor Victor Gallo de Oliveira





### 8.9 Registro fotográfico.



Figura 49. Apresentação da equipe.



Figura 50. Apresentação dos planos de trabalho.



Figura 51. Participantes kayabi na Primeira Oficina Participante.



Figura 52. Diálogo com os participantes.



Figura 53. Aldeia Kururuzinho.



Figura 54. Tecelagem kayabi.



Figura 55. Início da Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Kayabi.



Figura 56. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Kayabi.



Figura 57. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Kayabi.



Figura 58. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Kayabi.



Figura 59. Marcação das zonas temáticas.



Figura 60. Marcação das zonas temáticas.



Figura 61. Consulta à imagem de satélite.



Figura 62. Público reunido.



Figura 63. Apontamentos de zonas temáticas.



Figura 64. Apontamentos de zonas temáticas.



Figura 65. Mapa base para marcação das zonas temáticas.



Figura 66. Consulta à imagem de satélite.



Figura 67. Marcação das zonas temáticas.



Figura 68. Diálogo entre os participantes.



Figura 69. Marcação das zonas temáticas.



Figura 70. Marcação das zonas temáticas.



Figura 71. Atividade em grupo.



Figura 72. Ilustração kayabi.



Figura 73. Ilustração kayabi.



Figura 74. Exposição de desenhos.



Figura 75. Entrega do livro "Os Kaiabi do Brasil Central".



Figura 76. Livro "Os Kaiabi do Brasil Central - história e etnografia".



Figura 77. Dinâmica de grupo.



Figura 78. Desenho.



Figura 79. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Apiaká.



Figura 80. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Apiaká.



Figura 81. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Apiaká.



Figura 82. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Apiaká.



Figura 83. Primeira Oficina Participativa de Etnomapeamento – etnia Apiaká.



Figura 84. Mapa base para marcações das zonas temáticas.



Figura 85. Marcação das zonas temáticas.



Figura 86. Marcação das zonas temáticas.



Figura 87. Consulta à imagem de satélite.



Figura 88. Mapa base para marcações das zonas temáticas.



Figura 89. Público participante.



Figura 90. Marcação das zonas temáticas.



Figura 91. Atividade em grupo.



Figura 92. Atividade de desenho.



Figura 93. Atividade de desenho.

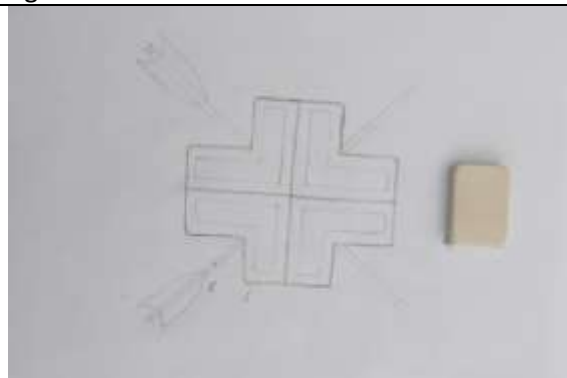


Figura 94. Ilustração apiaká.

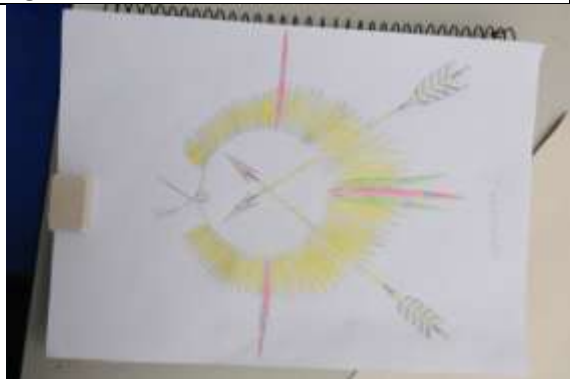


Figura 95. Ilustração apiaká.



Figura 96. Dinâmica de grupo.





Figura 97. Entrega do livro “Viajem ao Tapajós”.



Figura 98. Entrega do livro “Viajem ao Tapajós”.



Figura 99. Recursos de caça – etnia Apiaká.



Figura 100. Quati (*Nasua nasua*).



Figura 101. Recurso de caça do território apiaká.



Figura 102. Vara de queixadas (*Tayassu pecari*).



Figura 103. Prévia da expedição.



Figura 104. Planejamento da operação.



Figura 105. Travessia da corredeira Varanda.



Figura 106. Corredeira Varanda, rio Cururu.



Figura 107. Formação savânica Campinarana.



Figura 108. Vegetação de Campinarana.



Figura 109. Salto dos Kayabi.



Figura 110. Salto dos Kayabi, rio Cururu-Mirim.



Figura 111. Cacharas (*Pseudoplatystoma punctifer*).



Figura 112. Cacharas, rio Cururu-Açu.



Figura 113. Margem da lagoa Ypiowy'i.



Figura 114. Vazante da lagoa Ypiowy'i, rio Cururu-Açu.



Figura 115. Imagem de satélite. Rio Cururu-Açu e lagoa Ypiowy'i (Fonte: Google Earth).

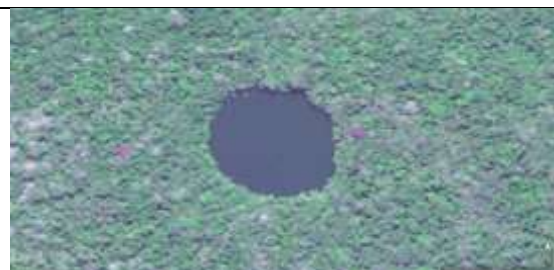


Figura 116. Imagem de satélite. Lagoa Ypiowy'i (Fonte: Google Earth).



Figura 117. Imagem de satélite. Localização da pista e lagoa do Sapé (Fonte: Google Earth).



Figura 118. Imagem de satélite. Lagoa do Sapé (Fonte: Google Earth).



Figura 119. Presença não autorizada no território.



Figura 120. Vestígio de atividade não autorizada.



Figura 121. Indício de atividade ilegal na TI. Cartucho deflagrado de arma de fogo.



Figura 122. Indício de atividade ilegal na TI. Cápsula deflagrada de arma de fogo.



Figura 123. Lagoa do Sapé.



Figura 124. Repassando as informações de campo.



Figura 125. Flor da Campinarana.



Figura 126. Espécie da Campinarana.



Figura 127. Percurso terrestre.



Figura 128. Retorno da expedição. Repassando informações na aldeia Kururuzinho.



Figura 129. Porto da aldeia Mayrowi.



Figura 130. Lagoa do Tambaqui.



Figura 131. Lagoa do Tiju.



Figura 132. Lagoa Piquiarana.



Figura 133. Igarapé da Taboca.



Figura 134. Lagoa do Tambaqui.